

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAELA ROMAN DE FARIA

**PRÁTICAS PARENTAIS PERCEBIDAS, ESTRESSE E
MATURIDADE PARA ESCOLHA PROFISSIONAL DE
VESTIBULANDOS**

Curitiba
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**PRÁTICAS PARENTAIS PERCEBIDAS, ESTRESSE E
MATURIDADE PARA ESCOLHA PROFISSIONAL DE
VESTIBULANDOS**

RAFAELA ROMAN DE FARIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa, Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Prof^a Dr.^a Lidia Natalia Dobrianskyj Weber

Curitiba
2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que em algum momento fizeram parte da minha vida e contribuíram para realização deste projeto.

A Deus, obrigada por conceder força e coragem para enfrentar os desafios presentes nesta caminhada e também por permitir reconhecer as bençãos concedidas nesse trajeto.

Aos meus pais e irmão, que acreditaram no meu sonho, incentivaram o meu estudo e permitiram que ele se tornasse realidade.

Em especial, agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Lidia Natália Dobrianskyj Weber, que me orientou na vida e na escola, mas sobretudo por acreditar no meu potencial e investir parte do seu tempo no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos professores da banca, pela disponibilidade, pelo incentivo e pelas contribuições valiosas que possibilitaram que este trabalho fosse aperfeiçoado.

Aos mestres, todos os professores da graduação e pós-graduação, que multiplicaram seus conhecimentos e colaboraram com a minha formação, seus ensinamentos levarei pela vida toda. Eu agradeço à Prof.^a Mariita Bertassoni da Silva que me desafiou com questionamentos e me ensinou teoria e prática.

Aos meus amigos, familiares, colegas de trabalho e estudo, integrantes do Núcleo de Análise do Comportamento (NAC), que me ouviram, incentivaram, ficaram ao meu lado e contribuíram cada um a sua maneira, direta ou indiretamente, com o desenvolvimento deste trabalho. Eu agradeço especialmente à Claudia Tucunduva Ton, que foi uma benção no meu caminho, sem ela superar os desafios seria muito difícil.

Ao meu namorado, por ter sido compreensivo nos momentos em que eu estava cansada e também por transmitir segurança fazendo com que eu acreditasse que alcançaria o meu objetivo final.

Agradeço enfim, aos alunos que participaram da pesquisa e dedicaram tempo de suas vidas para o desenvolvimento da ciência e também aos profissionais das escolas que me receberam e permitiram que o projeto se tornasse realidade.

Muito obrigada!

Ou isto ou aquilo;
Ou se tem chuva e não se tem sol;
Ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel;
Ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo, ou isto ou aquilo.
Vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.
A vida é feita de escolhas!

(Cecília Meireles)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	v
LISTA DE TABELAS	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT	viii
1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Problema	12
1.2 Pressupostos	12
1.3 Objetivo Geral	13
1.4 Objetivos Específicos.....	13
2 REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1 Família e Escolha profissional	14
Práticas Educativas Parentais e Estilos Parentais	14
Influência familiar na escolha profissional dos filhos	19
2.2 Estresse.....	27
Estresse na adolescência.....	29
2.3 Escolha profissional na adolescência: Entre a indecisão e a escolha	32
Maturidade para Escolha Profissional.....	36
3 MÉTODO.....	42
3.1 Local da pesquisa.....	42
3.2 Participantes	42
3.3 Instrumentos	42
Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF)	42
Escalas de Práticas Parentais (EPP)	43
Inventário de Sintomas de Stress Para Adultos – (ISSL)	43
Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP)	44
Questionário	45
Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB)	45
3.4 Procedimentos de coleta dos dados.....	47
3.5 Procedimentos de análise de dados	47
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
4.1 Dados sociodemográficos dos participantes	49
4.2 Estresse.....	78
4.3 Estatística inferencial	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
6 REFERÊNCIAS.....	121
7 ANEXOS	138

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Idade dos vestibulandos entrevistados, dividida em três categorias	49
Figura 2 - Gênero dos vestibulandos.....	50
Figura 3 - Religião declarada pelos estudantes.....	51
Figura 4 - Nível econômico.....	52
Figura 5 - Tipo de escola frequentada pelos participantes	53
Figura 6 - Turno de estudo dos participantes	54
Figura 7 - Tipo de estudo dos participantes.....	55
Figura 8 - Com quem mora o participantes	56
Figura 9 - Papel materno.....	56
Figura 10 - Papel paterno.....	57
Figura 11 - Situação conjugal dos pais.....	57
Figura 12 - Chefe da família	59
Figura 13 - Escolaridade dos pais	60
Figura 14 - Número de irmãos.....	61
Figura 15 - Posição entre em irmãos.....	62
Figura 16 - Situação ocupacional dos estudantes	63
Figura 17 - Desempenho acadêmico autodeclarado	63
Figura 18 - Escolaridade pretendida.....	64
Figura 19 - Dificuldade para escolher a profissão declarada pelos participantes	65
Figura 20 - Nível de definição da escolha de curso superior dos participantes	66
Figura 21 - Área do curso escolhida.....	67
Figura 22 - Instituição visada.....	68
Figura 23 - Cotista entre jovens pesquisados.....	69
Figura 24 - Experiência anterior em concurso vestibular.....	70
Figura 25 - Definição de vestibular	71
Figura 26 - Influência em sua escolha	73
Figura 27 - Profissão escolhida e influência familiar.....	76
Figura 28 - Auto percepção em relação ao estresse	80
Figura 29 - Estresse	81
Figura 30 - Fases do estresse	82
Figura 31 - Sintomas de estresse.....	83
Figura 32 - Sintomas psicológicos mais relatados.....	83
Figura 33 - Fatores que contribuem para o estresse dos participantes.....	85
Figura 34 - Estratégias para reduzir estresse.....	86
Figura 35 - Gênero e escolha definida	88
Figura 36 - Gênero e estresse.....	89
Figura 37 - Tipo de escola e estresse	90
Figura 38 - Estado civil dos pais e escolha definida	91
Figura 39 - Estado civil dos pais e sintomas do estresse	92
Figura 40 - Trabalho materno e estresse	93
Figura 41 - Nível econômico agrupado e fases do estresse.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sistema de pontos por patrimônio (CCEB)	46
Tabela 2: Sistema de pontos por escolaridade do chefe da família (CCEB)	46
Tabela 3: Cortes do critério Brasil	46
Tabela 4: Renda familiar por classes	47
Tabela 5: Práticas Parentais relacionadas à escolha	72
Tabela 6: Tabela expectativa mãe.....	77
Tabela 7: Tabela expectativa pai.....	77
Tabela 8: Fatores que influenciam a escolha	78
Tabela 9: Confiabilidade das escalas	86
Tabela 10: Síntese das análises de dados sociodemográficos	87
Tabela 11: Gênero.....	96
Tabela 12: Tipo de escola	97
Tabela 13: Situação conjugal	98
Tabela 14: Trabalho materno	99
Tabela 15: Definição da escolha	100
Tabela 16: Práticas Parentais (EPP), maturidade e estresse.....	102
Tabela 17: Qualidade na interação familiar (EQIF), estresse e maturidade	107

RESUMO

FARIA, R. R. (2010). Práticas educativas parentais percebidas, estresse e escolha profissional de vestibulandos. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

As práticas educativas parentais, o estresse e a escolha profissional são temas que concentram esforços na literatura científica de forma separada, todavia são escassos os estudos que correlacionam esses temas. A presente pesquisa teve como objetivo identificar as relações existentes entre as práticas educativas parentais percebidas por jovens estudantes que estavam se preparando para o vestibular, com o estresse e a maturidade para a escolha profissional. Este estudo é exploratório, descritivo e correlacional, de natureza quantitativa e qualitativa. Os participantes foram 268 alunos do terceiro ano do ensino médio e curso pré-vestibular, de escolas públicas e privadas, da cidade de Curitiba. Para coleta de dados, realizada em sala de aula, foram respondidos os seguintes instrumentos: Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF), Escalas de Práticas Parentais (EPP), Inventário de Sintomas de Stress Para Adultos (ISSL), Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP), o Critério de Classificação Econômica do Brasil (CCEB) e um questionário elaborado para o estudo com base na literatura. Os resultados apontam que, de acordo com a percepção dos filhos, os pais e as mães participam de maneira diferente no processo de escolha profissional, sendo que, na maioria das vezes, as mães envolvem-se mais do que os pais. Verificou-se também que o apoio emocional, envolvimento e modelo parental apresentam correlações significativas positivas com a maturidade para escolha profissional dos filhos e negativas com os sintomas e as fases do estresse. As regras e monitorias e a comunicação positiva, conforme percepção dos jovens, apresentaram correlação com maturidade para escolha profissional dos filhos. Já a comunicação negativa apresentou relação inversa com maturidade e positiva com fases e sintomas do estresse. Além das práticas mencionadas acima, verificou-se que o clima conjugal, positivo e negativo, exerce influência na manifestação de sintomas e nas fases de estresse dos filhos. Este estudo confirmou o pressuposto que as práticas educativas parentais positivas favorecem o desenvolvimento da maturidade para escolha profissional dos filhos e que são fatores de proteção em relação ao estresse, enquanto, as práticas negativas relacionam-se de maneira inversa.

Palavras-chave: práticas educativas parentais, estresse, maturidade, escolha profissional.

ABSTRACT

FARIA, R. R. (2010). Perceived parental educative practices, stress and professional choice of college preparatory students. Master Degree's Dissertation, Universidade Federal do Paraná.

Parental educative practices, stress and professional choice are themes that the scientific literature focus special efforts into, although there are few studies which correlate both these issues. This study aimed to identify the existing relations between parental educative practices perceived by young students, who were undergoing preparatory studies for college admission exams, and stress and maturity for professional choice. This study is exploratory, descriptive and correlational, of quantitative and qualitative nature. The participants were 268 high school senior and preparatory course students of private and public schools from Curitiba. For data acquiring, performed in classroom, the following questionnaires were answered by the students: Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF), Escalas de Práticas Parentais (EPP), Inventário de Sintomas de Stress Para Adultos (ISSL), Escala de Maturidade para Escolha Profissional (E-MEP), Critério de Classificação Econômica do Brasil (CCEB) and a questionnaire elaborated based on the literature. The results pointed out that fathers and mothers participated on a different manner in the process of Professional choice of their children, mostly, the mothers are more involved than the fathers. It was verified that the emotional support, involvement, and parental model presented significative positive correlations with maturity for the professional choice of the children and negatives with symptoms and phases of stress. Besides the above cited practices, it was also verified that marital climate, either positive or negative, exerts influence on the manifestations of symptoms and stress tags of the children. This study confirmed the assumptions that parental educative practices favors the development of maturity for professional choice of the children and that those are protection factors against stress, therefore, negative practices were inversely related.

Keywords: parental educative practices, stress, maturity, professional choice.

1 INTRODUÇÃO

Diversos fatores influenciam a escolha profissional de jovens: políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos, entre esses, destaca-se a família como principal influenciador neste processo de escolha. Os pais são apontados como fonte de apoio ou pressão, fonte de informação profissional, como modelos profissionais e aqueles que oportunizam aos filhos escolher a profissão, assumir projetos de futuro e ingressar progressivamente no universo adulto. As expectativas da família e os comportamentos dos pais em relação ao trabalho interferem diretamente na decisão dos filhos, e essa influência familiar no momento da escolha da carreira de jovens adultos tem propiciado reflexões importantes (Soares, 1987; Mahl, Soares & Neto, 2005; Ribeiro, 2005; Bueno, 2006; Silva, 2006; Dias, 2007; Almeida, 2009b; Bardagi, 2009; Dias & Soares, 2009; Diniz, 2009, 2009; Garcia, 2009; Moraes & Lima, 2009; Silva, Zucatti & Zoltowski, 2009; Almeida, 2009c).

O tema da presente dissertação decorre da experiência profissional da pesquisadora em Orientação Profissional com jovens adultos, os quais mencionavam a influência familiar como fator determinante no momento da escolha. Na maior parte das vezes, esses estudantes cursavam o terceiro ano do ensino médio, ou seja, eram pré-vestibulandos, que passariam pelo processo seletivo do vestibular na tentativa de ingressar no ensino superior.

De acordo com os primeiros dados do censo demográfico 2010, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o total da população Brasileira é de 190.732.694 habitantes, dos quais 18% dessa população está com idade entre 15 e 24 anos e apenas 9% dos jovens, com idade entre 18 e 24 anos, estão inseridos no ensino superior Brasileiro.

Podem exemplificar essa realidade dados referentes ao Estado do Paraná. O número de habitantes do Paraná é de 10.439.601 e de acordo com o Núcleo de concursos da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o número de inscritos para o vestibular 2010/2011 foi de 43.800 mil candidatos. No entanto, somente 14.668 candidatos foram convocados para a segunda fase deste processo seletivo e menos ainda ingressarão no ensino superior, uma vez que o número de vagas é 5.540, distribuídas em 95 opções de cursos de graduação (www.ufpr.br/vestibular).

Esse cenário, por si só, já reflete o nível de exigência e cobrança que paira sobre os discentes. Ou seja, a inserção em um mundo de concorrência, que exige dedicação e bom desempenho do jovem adulto para ser aprovado no vestibular, evidencia um ambiente favorável ao desenvolvimento do estresse. Além disso, os alunos estão expostos a cobranças familiares em relação ao sucesso profissional. Cobrança que pode ser acompanhada de exposição em excesso a atividades intelectuais, exigências excessivas por parte dos pais e dos protagonistas da educação (Lipp, Malagris & Novais, 2007).

Na prática profissional desta pesquisadora, os jovens relatavam, com frequência, sentir-se estressados e angustiados em relação às expectativas da família diante das cobranças para aprovação no vestibular e a decisão referente à escolha profissional. A esses fatores, somam-se as mudanças físicas e psicológicas da adolescência, passagem da infância para a vida adulta, fase do desenvolvimento humano em que esses discentes se encontram. Nesse processo de transformação, todos esses aspectos juntos podem contribuir para manifestação de estresse nos jovens.

Resultados de estudos confirmam a presença de estresse em alunos, como o de Calais, Andrade e Lipp (2003) que, em pesquisa realizada com 295 estudantes, com idade entre 15 e 28 anos, verificaram que 65,60% dos participantes apresentavam estresse. Em pesquisa longitudinal, com 65 pré-vestibulandos, com idade entre 16 e 18 anos, da mesma forma Afonso (2010) constatou que 33,8% deles apresentavam nível significativo de estresse no início do ano letivo e 41,5% em agosto, quando tem início a inscrição para o vestibular. Os dados desses trabalhos são preocupantes, pois o estresse mostrou-se maior durante o período de preparo para o vestibular, o que leva a questionar o sistema competitivo e estressante a que são submetidos os jovens adulto (Calais, Andrade & Lipp, 2003).

Um estudo inédito realizado na Universidade de São Paulo (USP) por Lehman (2005) constatou que quase metade dos estudantes que desistem da graduação apresentou problemas no momento da escolha do curso. Por pressões dos pais, por falta de informação sobre a faculdade ou sobre o mercado, 44,5% dos alunos acabam abandonando o que era seu sonho de realização profissional e que se tornou a opção errada.

Apesar do Decreto n.º 2.208 de 17/04/1997 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394, 20/12/1996), as escolas continuam com dificuldades no que se refere à Educação Profissional. Um dos objetivos da Educação Profissional é promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas. De acordo com a LDB, cabe ao sistema de ensino básico, conforme o artigo 27, item III, a Orientação para o trabalho, mais adiante na Seção IV, artigo 35, item II, o ensino médio terá como finalidade a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de adaptar-se com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.

O distanciamento entre a teoria e a prática prevalece e, por sua vez, muitos estudantes passam a fazer parte da lamentável estatística de evasão universitária. O índice de abandono dos cursos gira em torno de 40% nas instituições de ensino superior, os fatores que motivam essa desistência são diversos e entre eles pode-se mencionar: falta de informação sobre o curso escolhido, problemas de ordem pessoal, familiar, financeiro e institucional (Valore, 2003). Dados recentes de um estudo feito pelo pesquisador Oscar Hipólito do Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e Tecnologia revelam que o Paraná desperdiçou mais de meio bilhão de reais (R\$568 milhões), somente em 2009, com a evasão nas instituições de ensino superior do estado. O número representa uma taxa de evasão de 20,9% e essa taxa coincide com a taxa estimada para o Brasil (<http://www.gazetadopovo.com.br/edicaododia/?data=2011-02-14%2023:00:00>).

Com o objetivo de informar os estudantes, as escolas e universidades propõem estratégias como feira de cursos, palestras, visitas nas instituições, orientações, entre outras atividades; contudo, mesmo com essas iniciativas, as desistências aconteceram em grande proporção e questiona-se como a família pode contribuir neste processo uma vez que é o primeiro núcleo e exerce forte influência no momento da escolha da profissão. Estudos apontam a família como ponto de referência educativa, social e econômica do adolescente e, a partir dela, o jovem é capaz de estruturar-se e desenvolver-se, estando pronto ou não para decidir seu futuro profissional (Moura, 2007).

Parece óbvia a influência da família também nesta etapa da vida, no entanto, na revisão de literatura acerca do “estado da arte”, verificam-se lacunas que não possibilitam compreender claramente como a família afeta no nível de estresse e maturidade para escolha profissional dos filhos, pois os estudos são escassos e, por vezes, contraditórios.

Assim, a presente pesquisa pretende contribuir para compreensão mais ampla sobre o papel dos pais no desenvolvimento da maturidade para escolha profissional e o nível de estresse dos jovens; para isso, este trabalho, está norteado pela questão exposta a seguir:

1.1 Problema

Que tipo de influência exercem as práticas educativas parentais, percebidas pelos jovens, no nível de estresse e maturidade para escolha profissional de alunos do terceiro ano do ensino médio (pré-vestibulandos) de escolas públicas e privadas?

1.2 Pressupostos

1.2.1 As práticas educativas familiares positivas estão relacionadas com a maior maturidade para escolha profissional e com baixo nível de estresse.

1.2.2 As práticas educativas familiares negativas estão relacionadas com o alto nível de estresse e menor maturidade para escolha profissional.

1.2.3 As classes socioeconômicas do estudante relacionam-se com os escores das práticas educativas percebidas, da maturidade para a escolha profissional e do nível de estresse dos vestibulandos.

1.2.4 Existem diferenças nos escores de práticas educativas parentais percebidas, maturidade e estresse para famílias com pais casados e separados.

Para verificar a veracidade dos pressupostos, constituíram-se os seguintes objetivos:

1.3 Objetivo Geral

Identificar as relações existentes entre as práticas educativas parentais percebidas pelos filhos, estresse e maturidade para escolha profissional de alunos do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas e privadas.

1.4 Objetivos Específicos

- 1.4.1 Investigar a relação entre os escores, obtidos por meio dos instrumentos, das práticas educativas, da maturidade para escolha profissional e do estresse.
- 1.4.2 Comparar as práticas educativas, os níveis de estresse e maturidade para escolha profissional entre famílias com pais casados e separados.
- 1.4.3 Investigar se o nível socioeconômico familiar constitui uma variável significativa nas relações investigadas.
- 1.4.4 Comparar os níveis de estresse e a maturidade para escolha profissional entre os gêneros.
- 1.4.5 Comparar os níveis de estresse e a maturidade para escolha profissional entre estudantes de escolas públicas e de particulares.

Assim, este trabalho está estruturado em quatro capítulos: a introdução, que apresenta dados para melhor compreensão sobre o fenômeno investigado; a revisão de literatura, desenvolvida utilizando como referência estudos nacionais e internacionais. Os resultados, que trazem a percepção dos jovens em relação às práticas educativas parentais, analisados com as estratégias analíticas mais adequadas para cada objetivo e discutidos com base na revisão de literatura; e as considerações finais que incluem as principais reflexões adquiridas com o desenvolvimento deste estudo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 *Família e Escolha profissional*

Práticas Educativas Parentais e Estilos Parentais

Historicamente o conceito de família tem sido revisto e ampliado, o termo família, com origem do latim *famulus*, significa “conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor” (Wagner, 2002). Para a cultura ocidental, pode-se definir a família como “um grupo de pessoas de mesmo sangue ou unidas legalmente” (Pinheiro, Biasoli-Alves, p. 21, 2008). Conceituar a família contemporânea torna-se um desafio, pois se corre o risco de excluir formas inéditas e diferenciadas de organização familiar. Fatores econômicos, sociais, históricos, religiosos colaboram para a construção da “nova cara” da família e as diversas formas de se formar um núcleo familiar: pais separados e sozinhos, pais separados e com outros, companheiros, pais viúvos, homossexuais, adotivos... (Pinheiro & Biasoli-Alves, 2008). Ou seja, “A era da família nuclear parece estar encerrada” (Weber, p. 10, 2008). Mesmo com essas mudanças na configuração familiar, as funções parentais continuam sendo uma das mais pesquisadas, pois está intimamente ligada ao desenvolvimento dos filhos (Weber, 2008).

Cada vez mais verifica-se a importância da atuação dos pais no desenvolvimento dos filhos, tornando-se importante compreender, com cuidado, essa relações, para que assim possa se planejar melhores condições para criação dos filhos (Weber, 2008). Aquilo que muitas famílias vivenciam na prática, as pesquisas constatarem com clareza cada vez maior: a educação dos filhos é um desafio para os pais. Orientações diversas e, muitas vezes, até mesmo contraditórias, advindas das mais diferentes origens como o das mídias de massa, o conhecimento popular, as tradições de família e o meio médico costumam ocupar o repertório dos pais diante das situações do cotidiano. Sidman afirma que “as pessoas tornam-se pais sem que ninguém as tenha ensinado como dar conta dessa responsabilidade” (2001, p.250).

Daí porque diferentes campos do conhecimento, como a Psicologia e Educação dedicam especial atenção ao estudo das práticas educativas parentais e fatores relacionados. O número crescente desses estudos no meio científico revela a

importância desse assunto, pois o papel exercido pela família é essencialmente significativo para o desenvolvimento humano, visto que a sua estrutura configura-se como a primeira agente socializadora (Salvador & Weber, 2005; Weber, 2008).

As práticas educativas parentais podem ser definidas como as estratégias utilizadas pelos pais com o objetivo de incentivar os comportamentos adequados ou extinguir comportamentos inadequados dos filhos (Alvarenga, 2001; Darling & Steinberg, 1993). Essas estão relacionadas a diversos indicadores de desenvolvimento psicológico e comportamental dos filhos. Duas dimensões principais estão associadas ao conceito dessas práticas: exigência e responsividade. A primeira refere-se ao comportamento dos pais, por meio de regras e limites, para controlar as atitudes dos filhos. A segunda está associada a comportamentos de apoio emocional (Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006). Assim, combinando exigência e responsividade, classificam-se quatro estilos parentais amplos: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente (Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983).

Os estilos parentais podem ser entendidos como o clima emocional em que as práticas parentais são desenvolvidas. Baumrind (1966) pode ser considerada a introdutora dos três modelos parentais originais: autoritativo, autoritário e permissivo. O autoritativo incentiva o diálogo e exerce firme controle reconhecendo os interesses do filho. O autoritário valoriza a obediência e usa medidas punitivas de controle de comportamento. Já o permissivo comporta-se de forma não punitiva e apresenta-se como fonte de realização dos desejos dos filhos. Maccoby e Martin (1983) diferenciam o quarto estilo parental, o negligente, que não se envolve em seu papel de mãe ou pai.

O repertório comportamental dos filhos, adequados socialmente ou não, está diretamente relacionado à qualidade na interação familiar: proteção ou risco, dos estilos parentais e práticas educativas (Weber, Salvador & Brandenburg, 2009). Verifica-se, de forma geral, que os pais contribuem para que o repertório do filho se desenvolva para um ou outro extremo ao utilizarem com maior frequência uma ou outra prática educativa (Salvo, Silveira & Toni, 2005). No convívio diário entre pais e filhos, os pais buscam direcionar os comportamentos dos filhos no sentido de seguir certos princípios morais e adquirir comportamentos que garantam independência, autonomia e responsabilidade, para que mais tarde possam desempenhar adequadamente seu papel social (Alvarenga & Piccinini, 2001).

Torna-se mais fácil disciplinar os filhos se eles se sentem amados (Weber, 2007). O amor pelos filhos pode ser demonstrado de diversas formas, por meio de contato físico, palavras, comportamentos, interesse pelas atividades e sentimentos, participação, disponibilidade, diálogo, ou seja, envolvimento (Weber, Salvador, & Brandenburg, 2005). Silva¹ (conforme citado em Bolsoni-Silva & Marturano, 2002) reforça que dialogar com os filhos é ação relevante no contexto educativo, pois compõe o modelo do repertório inicial para o desenvolvimento de habilidades como fazer perguntas, expressar sentimentos, expressar opiniões e estabelecer limites. Ao mesmo tempo, essas habilidades sociais auxiliam os pais a transmitir padrões, valores e normas de comportamento da cultura para os filhos.

Além do envolvimento, é fundamental que na relação pais e filhos as regras e os limites estejam presentes. Com isso os filhos podem perceber que nem todos os seus desejos serão realizados, visto que os outros também têm suas vontades e seus direitos. Em decorrência dessa percepção, os filhos são levados a aprender que as pessoas devem ser respeitadas (Deslandes, Assis, Gomes, Njaine, & Constantino, 2005).

Apesar de o respeito ser fundamental na relação pais e filhos, em algumas famílias ele não se faz presente, e a forma de educar mais utilizada é a punição física e violência psicológica. A última visa colocar medo, rejeitar, humilhar, tirar a liberdade ou ainda isolar a criança ou o adolescente do convívio social. A violência psicológica pode ser manifestada por comparações negativas, ignorar as necessidades dos filhos, cobrá-los excessivamente, incentivá-los a comportamentos inadequados para a idade, agressões verbais ou por meio de gestos (Deslandes, Assis, Gomes, Njaine, & Constantino, 2005).

Em relação à punição física, Weber (2008) afirma que ela não funciona como prática educativa. E mesmo que essa “estratégia” pareça ser bem-sucedida vem acompanhada de efeitos colaterais como medo, ansiedade e outras emoções (Skinner, 2003). Por mais que o uso da coerção atinja seu objetivo imediato, em longo prazo, ela não funciona. Quando levamos em consideração todos os seus efeitos, o sucesso da punição em livrar-se do comportamento parece inconsequente. “A punição é o método

¹ Silva, A. T. B. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

mais sem sentido, indesejável e mais fundamentalmente destrutivo de controle da conduta” (Sidman, 2001, p.90). A punição física, somada à intromissão parental, faz com que adolescentes sintam medo de expor seus sentimentos e também não se lancem em atividades exploratórias saudáveis que propiciariam o desenvolvimento de sua autoeficácia² e consequentemente de sua autoestima; assim, as punições dificultam que o adolescente se sinta seguro quando deva se colocar de forma mais autônoma em atividades exploratórias (Kenny & Gallagher, 2002).

As pesquisas desenvolvidas com práticas educativas e estilos parentais confirmam que o relacionamento entre pais e filhos coopera com a construção do repertório comportamental dos filhos. Os filhos de pais autoritativos, aqueles que possuem práticas mais adequadas, são mais bem-sucedidos do que os filhos dos pais que apresentam falhas em algumas práticas (Weber, Salvador & Brandenburg, 2009).

Diversos estudos (Weber, Brandenburg & Viezzer, 2003; Salvo, Silvaes & Toni, 2005; Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag, 2005; Sabbag, 2010) têm comprovado que práticas educativas parentais positivas e negativas estão associadas ao comportamento pró ou antissocial. Em uma análise qualitativa sobre práticas parentais, Salvador e Weber (2005) observaram e discutiram as consequências das práticas parentais coercitivas e não coercitivas no desenvolvimento de um repertório adequado do adolescente. Salvador (2007), em extensa revisão de literatura, analisou inúmeros estudos apontando para a relação entre práticas e estilos parentais com comportamentos dos filhos, tais como comportamentos antissociais, ajustamento social, ansiedade, depressão, autoestima, autoeficácia, habilidades sociais e desempenho acadêmico. Salvador e Weber (2008), após analisar diversos estudos, constataram que é evidente que a promoção de comportamentos pró-sociais e saudáveis é decorrente de uma interação positiva com pais, que inclui especialmente afetividade, responsividade, envolvimento e uso contingente de reforçadores positivos. Tucunduva e Weber (2008), ao revisar dez anos (1996-2006) de estudos acerca da interação e fatores familiares que representam risco e proteção para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, afirmam que conflitos familiares e punição física e o afeto e

² Define-se como autoeficácia a crença do indivíduo sobre sua capacidade de desempenho em atividades específicas. Envolve o julgamento sobre suas capacidades para mobilizar recursos cognitivos e ações de controle sobre eventos e demandas do meio (Bandura, 1989).

envolvimento parental são, respectivamente, os fatores de risco e proteção mais citados na literatura.

Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991) demonstraram que os adolescentes que caracterizam os seus pais como autoritativos obtiveram a mais alta pontuação de competências psicossociais e os mais baixos escores em medidas de disfunção psicológica e comportamental. O inverso é verdadeiro para os adolescentes que descrevem seus pais como negligentes. Estudando a relação entre os estilos parentais e depressão, confirma-se que filhos de pais autoritários, muito exigentes, que usam controle psicológico e são pouco responsivos, apresentam maior nível de depressão (Darling, 1999).

Quando investigada a relação de estilos parentais e ansiedade, verificou-se que somente a exigência se relacionou a esta variável, não a responsividade. Filhos de pais autoritativos apresentaram maior ansiedade que aqueles de indulgentes e negligentes, e filhos de pais autoritários apresentaram o maior índice de ansiedade em relação aos outros grupos (Pacheco, Teixeira & Gomes, 1999). O estilo parental também exerce influência no nível de estresse do adolescente e no desenvolvimento da vulnerabilidade ao estresse. Os resultados de um estudo realizado sobre estresse na adolescência e estilo parental indicam que melhores resultados quanto ao nível de estresse foram os obtidos pelos filhos de pais indulgentes, seguidos pelos filhos de pais autoritativos. Já os piores resultados quanto ao nível de estresse foram apresentados por filhos de pais autoritários, seguidos dos negligentes (Justo, 2010).

De maneira geral, conclui-se que, independente da configuração familiar, a boa qualidade na relação entre seus membros permitirá construir alicerces mais consistentes para experiências futuras (Pinheiro & Biasoli-Alves, 2008). Vale mencionar que o papel dos pais também afeta a manifestação dos comportamentos de escolha dos filhos. Tucunduva (2009) afirma que a comunicação negativa parental relaciona-se a dúvidas na escolha do curso. Pais que não orientam seus filhos, que não os ensinam a escolher, não os motivam a descobrir seus próprios objetivos e as alternativas que podem existir para realizá-los, não ensinaram seus filhos a abrir seus próprios caminhos e sentir o prazer das próprias realizações (Padilha, 2004). Ou seja, quando o ambiente possibilita realizar escolhas e estas têm consequências reforçadoras, as pessoas relatam felicidade (Baum, 2006).

Influência familiar na escolha profissional dos filhos

A escolha da profissão é um marco significativo na transição da infância para vida adulta e este período é caracterizado por uma ambivalência, pois os pais e os filhos se esforçam para enfrentar uma ruptura e ao mesmo tempo resistem a ela. Preparar-se para a vida adulta, definir o papel que desempenhará na sociedade, a identidade pessoal e profissional, exige do adolescente comprometimento, responsabilidade, confiar em suas habilidades, definir seus interesses e conquistar independência emocional dos pais e das figuras de autoridade. Além disso, a definição da carreira, se irá trabalhar e (ou) estudar, depende também da situação socioeconômica da família (Melo-Silva, Oliveira & Coelho, 2002).

Diversos estudos, no contexto nacional e internacional, demonstram a influência da família no processo de escolha profissional dos filhos (Bardagi, 2002; Mahl, Dias, 2005; Soares & Neto, 2005; Silva, 2006; Dias, 2007; Almeida, 2009a; Bardagi, 2009; Silva, Zucatti & Zoltowski, 2009). No entanto, ainda existem lacunas que merecem especial atenção no que se refere a essa influência. No cenário nacional, as pesquisas são mais recentes, e exposições em congressos, publicações de livros e capítulos de livros trazem densas contribuições relativas ao assunto. A publicação do livro *Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, escola e a empresa* (Levenfus; Soares, 2002) contribuiu de maneira significativa trazendo resultados de estudos nacionais no que se refere a esta influência.

Levenfus e Nunes (2002) afirmam que as qualidades e preferências dos adolescentes em relação à escolha têm a ver com as identificações feitas com familiares, professores e amigos. E, ainda, que os jovens mencionam que a influência dos amigos é quase nula, a dos avôs e parentes está presente, e são unânimes em declarar os pais como os que mais influenciam de forma ativa, com pressões e cobranças, aprovação, imposição e (ou) desaprovações.

As influências podem ser explícitas ou implícitas e devem ser conhecidas para que possam ser utilizadas como referência e adaptadas aos valores de quem escolhe. Em cada família o assunto é abordado de maneira específica e as posições variam do silêncio dos pais como tentativa de não dizer o que pensam para não influenciar até

manifestações claras ou implícitas a favor ou contra a escolha. Quando o projeto do filho não vai ao encontro das expectativas e dos desejos dos pais, os conflitos são inevitáveis e tornam-se presentes na relação familiar (Lima & Ramos, 2002). Na tentativa de evitar conflitos, muitas vezes, a família esquiva-se do assunto escolha profissional para não exercer pressão, ou não influenciar a decisão dos filhos; por sua vez, os jovens podem não verbalizar medos e dúvidas com receio de frustrar as expectativas parentais ou demonstrar dificuldades de decisão (Bardagi & Hutz, 2008).

As falhas e os ruídos na comunicação entre pais e filhos merecem atenção, pois não afetam somente o momento da escolha profissional, mas também a qualidade da interação familiar. Em estudo realizado por Santos (2005), os estudantes relatam que os discursos dos pais são contraditórios e, muitas vezes, geram dúvidas, insegurança e dependência. A ausência de discussões nas famílias sobre questões de carreira, mercado de trabalho, vida universitária, opções de profissionalização, trabalho, dentre outras, ou seja, sobre o novo contexto que os jovens enfrentariam após a saída da escola, pode dificultar a chegada da maturidade para escolha profissional. Os diálogos com pais e familiares costumavam versar apenas sobre o vestibular e a existência ou não de uma definição de curso. Não se sabe se são os pais ou são os filhos que evitam discutir sobre os temas relacionados à escolha, mas é reconhecido que essa dificuldade na comunicação, a falta de diálogo e da troca de informações, traz ressentimentos aos filhos (Bardagi & Hutz, 2008).

Além da comunicação, as práticas educativas, os estilos parentais e a configuração familiar interferem na escolha profissional dos filhos. Diferentes estudos, que focam em variáveis específicas, serão apresentados a seguir considerando os temas investigados e a ordem cronológica das publicações.

O apoio e a interação familiar são apontados em diferentes pesquisas como fatores influentes no desenvolvimento dos filhos. Em um estudo de Ferry, Fouad e Smith (2000) realizado com acadêmicos constatou-se que o apoio familiar estava diretamente relacionado com o bom desempenho acadêmico. Santos e Coimbra (2000) afirmam que a imaturidade para a escolha profissional pode ser considerado um indicador de uma inadequada separação psicológica entre pais e filho.

Levenfus e Nunes (2002a) verificaram que filhos de pais separados são os que mais nomeiam as profissões de seu interesse atual e que menos se referem às

profissões que gostavam na infância, o que pode ser relacionado com as dificuldades vivenciadas naquela etapa da vida. Esses filhos acreditam que a profissão, assim como o casamento, deve ser uma escolha para vida toda e se for malfeita afetará o resto da vida; assim, um dos sentimentos que mais acometem os filhos de pais separados é o medo de escolher errado. Além disso, esses filhos apresentam, na maioria das vezes, representação desvalorizada da figura paterna e valorizam a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Os enlutados pela perda parental apresentam fatores coadjuvantes ou comorbidades que precisam ser solucionadas antes de investir na escolha da carreira. Esses, quando comparados com outros grupos, têm uma visão negativista do mercado de trabalho e questionam sua capacidade de desempenhar determinada profissão (Levenfus & Nunes, 2002b).

Os resultados da pesquisa desenvolvida por Fiamengue e Whitaker (2003) revelam ser impossível desprezar o papel da mãe no momento em que o (a) filho (a) pensa na escolha profissional, no entanto afirmam que essa influência ainda é cheia de contradições. Comparando a década de oitenta e noventa, a influência aparece mais forte nos anos 90 e ela se dá mais pela profissionalização do que pela instrução. Verifica-se correlação entre a profissionalização da mãe e escolhas de mais prestígio no momento do vestibular.

Hargrove, Inman e Crane (2005) examinaram como as percepções dos padrões de interação familiar interferem na identidade profissional e no planejamento de carreira. Os participantes foram 123 alunos do ensino médio, do sexo feminino e masculino, que responderam perguntas sobre o ambiente familiar, a identidade profissional, as atitudes e o planejamento de carreira. Os resultados mostram que a qualidade das relações familiares e o grau em que os membros da família são incentivados a expressar sentimentos e problemas desempenham um papel pequeno na predição de atitudes de planejamento de carreira dos estudantes analisados.

Nota, Ferrari, Solberg e Soresi (2007) investigaram se a busca de autoeficácia na carreira poderia mediar a relação entre o apoio da família e a indecisão de carreira. Com uma amostra de 253 jovens italianos, o estudo constatou que, para adolescentes do sexo masculino, a autoeficácia relacionada à carreira é parcialmente mediada pela relação entre o apoio da família e da indecisão de carreira. Contrariamente às

expectativas, para adolescentes do sexo feminino não houve relação direta entre o apoio da família e a indecisão de carreira; no entanto, o apoio familiar foi diretamente relacionado com a eficácia na carreira e a indecisão de carreira estava associada com a autoeficácia.

Um estudo desenvolvido em Portugal verificou que os pais apresentam envolvimento e intencionalidade em apoiar os filhos na construção de projetos profissionais. Contudo, a garantia da quantidade e da qualidade dos apoios é diferenciada em função do nível de escolaridade e profissão dos pais. A figura materna exerce, quase exclusivamente, a tarefa educativa, sendo o pai uma figura frequentemente ausente. A qualidade desses projetos depende das possibilidades que a família proporciona ou inviabiliza, sobretudo em termos dos apoios emocionais e materiais (Gonçalves & Coimbra, 2007).

Dietrich e Kracke (2009) afirmam que os pais são os principais parceiros para ajudar os adolescentes a se preparar para a escolha de carreira, pois em seus estudos constataram que o apoio dos pais está associado positivamente com a exploração da carreira e a interferência e falta de empenho estão associadas à dificuldades de decisão.

Quando se avalia a diferença na participação de pai e mãe no processo de inserção e saída do curso universitário, verifica-se que a mãe é descrita como apoiadora, incentivadora dos interesses e aberta à comunicação com os filhos, estando mais informada sobre seus sentimentos e dificuldades em relação à escolha da carreira. O pai é geralmente descrito como a figura de autoridade, mais exigente, preocupado com resultados (aprovação, trabalho, diploma), gerador de ansiedade nos filhos e menos informado sobre os sentimentos deles (Bardagi & Hutz, 2008).

Meszaros, Creamer e Lee (2009) investigaram o papel de apoio dos pais na influência na escolha da carreira em uma amostra de 954 alunos do ensino médio e mulheres universitárias. Os resultados documentam que as mulheres eram significativamente mais propensas a pedir opiniões sobre carreiras do que os homens.

Em pesquisa desenvolvida por Sobral, Gonçalves e Coimbra (2009), com 327 adolescentes do 9º e 12º de escolas públicas da região do Porto-Portugal, investigou-se o impacto da situação profissional parental (emprego e desemprego) na elaboração dos projetos vocacionais dos filhos. Os resultados indicam que os adolescentes filhos

de pais empregados manifestam significativamente mais comportamentos de investimento vocacional do que os adolescentes que são filhos de pais desempregados

Restubog, Florentino e Garcia (2010) examinaram como os tipos de apoio dos pais influenciam na escolha da carreira. Os resultados apontam que o apoio dos pais está relacionado a uma maior eficácia na carreira e decisão de carreira.

Fouad, Cotter, Fitzpatrick, Kantamneni, Carter e Bernfeld (2010) descrevem o desenvolvimento e a validação da escala de influência familiar (FIS). A FIS foi projetada para avaliar a percepção de como a família de origem influencia as escolhas de carreira e trabalho. Os resultados demonstram que essa influência ocorre por meio do apoio informativo, apoio financeiro, expectativas da família, valores e crenças.

Alguns estudos focam na interação familiar e aspectos como ansiedade, depressão e indecisão dos filhos no momento da escolha da profissão.

Larson e Wilson (1998) examinaram a capacidade da teoria dos sistemas familiares de Bowen (1978) para explicar os problemas da decisão de carreira em 1.006 estudantes universitários com idades entre 17 e 23 anos. O estudo confirmou que a ansiedade é um aspecto que se relaciona com problemas na tomada de decisão da carreira.

Em estudo desenvolvido com 467 estudantes, com idade entre 15 e 20 anos, de ambos os sexos, alunos do último ano do ensino médio, de escolas públicas e privadas, investigou a influência dos estilos parentais sobre a indecisão profissional, ansiedade e depressão. Os resultados revelam correlação positiva entre indecisão, ansiedade e depressão. Os filhos de pais negligentes apresentaram os piores escores nas três medidas. A pesquisa confirmou a influência dos estilos parentais sobre o bem-estar dos adolescentes, no entanto os resultados não confirmam totalmente a hipótese de que os estilos parentais tenham um efeito moderador sobre as relações de indecisão, ansiedade e depressão. Esse efeito foi observado apenas para o estilo autoritativo (Bardagi, 2002).

Sparta (2003a) desenvolveu estudo que investigou a exploração e a indecisão vocacionais em 659 alunos, de ambos os sexos, da terceira série do ensino médio de escolas públicas e particulares. Os resultados dessa pesquisa apontam que os alunos possuem níveis médio-altos de exploração vocacional e níveis médio-baixos de indecisão vocacional; que as moças apresentam níveis maiores de exploração e

indecisão vocacionais do que os rapazes; que os alunos das escolas particulares acreditam mais nas oportunidades profissionais do que os alunos das escolas públicas; que os jovens engajados no processo de escolha profissional apresentam níveis mais altos de exploração vocacional e níveis mais baixos de indecisão vocacional do que os jovens não engajados; que a indecisão vocacional e o sexo são expressivos preditores para a exploração vocacional e que a exploração vocacional e a postura perante o processo de escolha profissional são relevantes preditores para a indecisão vocacional.

Vignoli, Croity-Belz, Chapeland, Fillipis e Garcia (2005) examinaram o papel do apego mãe-adolescente, ansiedade e estilos parentais no processo de exploração da carreira e na satisfação profissional. Foram considerados três tipos de ansiedade: a ansiedade geral, o medo de fracassar na carreira e o medo de ser uma decepção para os pais. Os participantes foram 283 estudantes do ensino médio francês. Os resultados variaram por sexo, sendo que para as meninas, a ansiedade geral e o estilo negligente foram negativamente relacionados com a exploração de carreira; apego seguro e medo do fracasso foram positivamente relacionados. Para os meninos, o medo de decepcionar os pais foi positivamente relacionado com a exploração da carreira. O apego aos pais, o estilo autoritário, a ansiedade generalizada e o medo do fracasso foram relacionados a alguns índices de satisfação de exploração de carreira, embora de maneira diferente para meninos e meninas.

Em contrapartida, Moura (2007) traz resultados divergentes. O objetivo da pesquisa foi verificar se há relação entre indecisão profissional do filho adolescente e os estilos parentais; os participantes foram 372 estudantes do 3º ano do ensino médio de escolas públicas e particulares. Foi feita a correlação entre as variáveis: indecisão profissional e estilo parental de pai e de mãe. Os resultados dessas correlações apontaram que não há relação significativa entre as variáveis. Ao correlacionar grau de indecisão e estilo parental do pai e da mãe, há pouquíssima associação entre indecisão e estilo parental de pai e mãe, podendo-se dizer quase inexistente. Além disso, a variável indecisão profissional foi relacionada à idade, ao gênero, ao tipo de escola, ao turno de escola e não apresentou nenhum resultado significativo. Esse resultado vai ao encontro do estudo desenvolvido por Sparta (2003), que igualmente apontou não haver relação entre grau de indecisão e idade.

As relações de apego entre pais e filhos também têm sido investigadas considerando os aspectos envolvidos no momento da escolha profissional dos filhos.

Ketterson e Blustein (1997) analisaram o papel das relações de apego entre os pais e adolescentes no processo de exploração da carreira. Participaram do estudo 87 alunos do sexo feminino e 50 estudantes do sexo masculino, a idade variou entre 17 e 32 anos. Os resultados indicaram que o apego aos pais é associado positivamente com a exploração do ambiente. Das variáveis demográficas estudadas, idade desempenhou um papel significativo na autoexploração, sendo que alunos mais velhos eram mais propensos a estar envolvidos em autoexploração.

Germeijs e Verschueren (2009) analisaram como a percepção dos adolescentes de segurança de apego com os pais se relacionou com o processo de escolha do curso superior. Duzentos e oitenta e um alunos participaram no início, meio e fim do último ano antes do ensino superior. Os resultados mostraram que a maior percepção de segurança com a mãe, mas não com o pai, predisse níveis mais altos de decisão da carreira, maior exploração do ambiente e autoexploração.

As profissões dos pais e (ou) de outros familiares constituem, em alguns casos, a mesma escolha dos estudantes, podendo-se dizer que a profissão foi herdada. Os estudos a seguir focalizados investigaram essa relação.

Nummenmaa e Nummenmaa (1997) fizeram um estudo intergeracional dos fatores que influenciam a busca de carreiras tipicamente masculinas por garotas finlandesas. A pesquisa foi realizada com 235 adolescentes, que foram investigadas três vezes durante oito anos; além disso informações sobre seus pais e avós também foram coletadas. Constatou-se que garotas que não tinham os seus avós com a profissão de agricultores tinham pais com um nível de escolaridade maior, o que predizia o maior sucesso acadêmico e realização pessoal na carreira profissional escolhida, mesmo ela sendo vista como atípica pela sociedade.

Em um estudo realizado com garotas americanas de descendência mexicana, foram analisadas diferentes variáveis que influenciam a escolha profissional e não foram encontradas relações entre a profissão da mãe e a que as filhas iriam seguir (Flores, 2000).

Bright, Pryor, Wilkenfeld e Earl (2005) analisaram o papel dos fatores contextuais e não planejados na tomada de decisão da carreira. Foram coletados

dados sobre as intenções de carreira, as matérias que cursam atualmente, a percepção da influência da família em 651 estudantes universitários. Os resultados apontaram que os alunos percebem a família e os professores como influência significativa nas decisões de sua carreira. As matérias em que os alunos estavam matriculados revelavam intenções de carreiras e interesses congruentes com o trabalho do pai.

Vale mencionar que as consequências da influência da família atingem âmbitos maiores, como a evasão universitária. Bardagi e Hutz (2008) desenvolveram estudo que investigou o apoio percebido à escolha e à evasão em universitário e identificaram que o medo de desapontar as expectativas familiares gera ansiedade nos estudantes e adia a evasão. Assim, esses resultados apontam a influência da participação parental no processo de escolha e a necessidade de maior aproximação da família também durante a graduação.

Os estudos mencionados trazem contribuições significativas e demonstram a necessidade de desenvolver outros que identifiquem, com cuidado e profundidade, como ocorre a influência da família no momento da escolha profissional. Além dos estilos parentais, são descritos como influentes nesse processo outros fatores, entre eles, a condição socioeconômica da família que interfere diretamente na decisão da carreira, pois, de acordo com cada realidade, as possibilidades educacionais oferecidas são maiores ou menores. Em alguns casos, não existe a opção de ingressar em instituição privada, em outros se prioriza a universidade ou curso com valor mais acessível e em outros ainda há maiores possibilidades, inclusive o ingresso em instituições estrangeiras (Levenfus & Nunes, 2002).

Os subsídios citados foram desenvolvidos por autores que utilizam diferentes abordagens teóricas. Assim, inclui-se que estudos aportados no modelo sistêmico também trouxeram contribuições significativas, esses muitas vezes articulam os conceitos com a realidade vivenciada na práxis e enfatizam que conhecer os valores e as características da família é fundamental para que os filhos consigam realizar uma escolha mais acertada (Filomeno, 1997; Gabel & Soares, 2006; Veriguine, D'Avila & Soares, 2009).

2.2 Estresse

O termo estresse começou a ser usado no século 17 como “adversidade” ou “aflição”; no final do século 18 passou a significar “força”, “pressão” ou “esforço”. Em 1910, a partir das pesquisas desenvolvidas por Sir Osler, surgiu a ideia de ligação entre eventos estressantes e doenças. Em 1926, Hans Selye notou um conjunto de sintomas semelhantes em pacientes que sofriam de doenças físicas, desenvolveu diversas pesquisas e denominou estresse como “um desgaste geral do organismo” (Lipp, Romano, Covolan & Nery, 1986, Lipp, 2003, Rossi, 2006).

Atualmente, o termo estresse pode ser definido como sendo a quebra da homeostase, que exija alguma adaptação (esforço dos processos fisiológicos para manterem um estado de equilíbrio interno no organismo). É uma reação do organismo com componentes psicológico, físicos, mentais e hormonais, que pode ocorrer por um evento bom ou mau, que nos obriga a fazer um esforço maior que o usual diante de um evento ou situação importante. Ou seja, um estado de tensão que produz um desequilíbrio e enfraquece o sistema imunológico (Lipp, Romano, Covolan & Nery, 1986, Lipp, 2003, 2005). É relevante entender o conceito de estresse como um processo psicofisiológico, pois quando o indivíduo fica sujeito ao estímulo estressor, instala-se no organismo um longo processo bioquímico que prepara o corpo para ação (Lipp, 1996). Este processo pode se diferenciar em vários indivíduos de acordo com suas predisposições genéticas e pela sua história de aprendizagem (Lipp, 2003).

O estresse pode ser classificado em positivo, ideal e negativo. O estresse positivo é a fase inicial do estresse e é caracterizado por dar ânimo, vigor, energia e contribuir para produtividade. O ideal é caracterizado pelo manejo do estresse inicial de maneira eficiente, pois quando não gerenciado pode tornar-se o estresse negativo, que traz danos para qualidade de vida e pode vir acompanhado de doenças. A transição do estresse positivo ao negativo depende da história de vida de cada indivíduo e como seu organismo reage diante dos eventos do dia a dia (Lipp, Romano, Covolan & Nery, 1986, Lipp, 2003, Lipp, Malagris & Novais 2007, Rossi, 2006).

O estresse se desenvolve seguindo uma escala de gravidade, ao qual se dá o nome de modelo quadrifásico do estresse, sendo composto pelas seguintes fases: alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão (Lipp, 2005, 2003b). A fase de alerta é positiva e prepara o indivíduo para ação. A resistência ocorre quando a fase de alerta é

mantida por períodos prolongados ou se novos estressores aparecem e o organismo tenta buscar o equilíbrio interior (homeostase), a produtividade é reduzida intensamente e a vulnerabilidade a vírus e bactérias se acentua. Na fase de quase exaustão doenças começam a aparecer, a tensão excede o limite do gerenciável e a resistência física e emocional começa a quebrar e, se não for realizada intervenção, pode chegar à exaustão, fase mais negativa do estresse, que é caracterizada por um desequilíbrio muito grande e uma propensão ao surgimento de doenças graves (Lipp, 2005). Para prevenir doenças físicas e psicológicas, deve-se evitar um estado prolongado de estresse ou de um estresse excessivo (Lipp, 2003a).

As fontes de estresse, internas e externas, são diversas, bem como os sintomas psicológicos e os físicos; todavia, vale ressaltar que existem diferenças individuais em relação a esses aspectos. Para algumas pessoas um evento pode ser estressor, já para outras não, contudo as experiências que envolvem mudanças são consideradas estressoras para maior parte dos indivíduos (Lipp, Malagris & Novais, 2007).

Essa diferença também acontece na manifestação dos sintomas, para alguns prevalecem os sintomas físicos, para outros os psicológicos e em muitos casos, ambos estão presentes. Entre os sintomas físicos, destacam-se: mãos e pés frios, boca seca, nó no estômago, aumento de sudorese, tensão muscular, insônia, taquicardia, hiperventilação, alterações no sistema digestivo, dificuldade de concentração, problemas sexuais, tonturas, náuseas, tiques, problemas dermatológicos, úlcera e enfarte. Os psicológicos são: aumento súbito de motivação, sensibilidade emotiva excessiva, dúvida quanto a si próprio, pensar constantemente em um só assunto, diminuição da libido, pesadelos, sensação de incompetência, vontade de fugir de tudo, apatia, depressão ou raiva prolongada, cansaço excessivo, irritabilidade, angústia, ansiedade e perda do senso de humor. Dada essa variedade, deve-se considerar os aspectos genéticos, ambientais e os sentimentos para compreender de maneira mais profunda o fenômeno estresse (Lipp, 2005; Lipp, Malagris & Novais, 2007; Lipp, 2009; Rossi, 2006).

Estresse na adolescência

Uma das principais dificuldades no que se refere ao estresse na adolescência é a escassez de literatura voltada ao tema, apesar de vir crescendo o interesse pela área (Lipp, Malagris & Novais, 2007). Estudar essa etapa do desenvolvimento e realizar intervenções significa contribuir para a formação de uma sociedade mais saudável, com adultos mais preparados para enfrentar situações do seu dia a dia (Tricoli, 2010).

Em decorrência de diversos aspectos, a adolescência torna-se uma das fases mais vulneráveis ao estresse. Nessa etapa, é preciso desenvolver habilidades para lidar com perdas e escolhas: integrar-se ao mundo adulto, solucionar a questão ocupacional, emancipar-se da família, buscar relações amorosas satisfatórias e desenvolver o autoconceito (Cavallet, 2006). Os desafios e as tensões enfrentados pelos adolescentes incluindo a entrada no ensino superior, os fatores do desenvolvimento, os conflitos familiares, entre outros problemas, afetam diretamente o desenvolvimento pessoal dos jovens (Raphael, 1993).

Para entender melhor o estresse na adolescência, é necessário compreender o contexto social em que o jovem está inserido, identificando se há, para ele, cobranças em relação à escolha da profissão, aprovação no vestibular, o início do planejamento da carreira, além das mudanças físicas e psicológicas, bem como as expectativas da família e seus próprios anseios. Todos esses fatores somados às diversas transformações, assim como a euforia mediada por eventos sociais, ansiedades, hormônios, contribuem para a manifestação de situações estressoras (Patara, 2010).

Os principais estressores aos quais os adolescentes estão expostos são as cobranças familiares em relação ao sucesso profissional. Cobrança que provavelmente virá acompanhada de exposição em excesso a atividades intelectuais, ênfase no desenvolvimento de habilidades técnicas, exigências excessivas por parte dos pais e dos protagonistas da educação (Bignotto, 2005; Malagris & Castro, 2005; Lipp, Malagris & Novais, 2007; Ganesh & Magdalin, 2007).

Bignotto (2005) afirma que os comportamentos dos pais têm grande influência na prevenção do estresse de seus filhos, pois poderão contribuir para que eles sejam mais vulneráveis ou mais resistentes ao estresse. Às vezes, os pais esperam dos filhos comportamentos de independência e responsabilidade precoces e, outras vezes, valorizam comportamentos infantis, criando um ambiente ambivalente e sendo, muitas

vezes, causadores de estresse nos filhos. Frequentemente o adolescente recebe, da família, ordens referente a como deve-se comportar, o que falar, o que não vestir e o que escolher como profissão; especificamente no processo de seleção para o vestibular, há famílias bastante envolvidas que chegam a criar e mudar regras da casa para que o filho consiga estudar e ser aprovado (Rossi, 2006).

Alguns teóricos relacionam o vestibular ao estresse. Soares (2002) afirma que o vestibular representa uma das grandes causas de estresse na nossa sociedade e que no ano que antecede a realização do vestibular, o candidato pode sofrer vários distúrbios psicofisiológicos. Para Silvestre (2004), a maioria dos estudantes sofre da tensão pré-vestibular (TPV), o que pode acabar prejudicando o desempenho na prova. Lucchiari (1993) assinala que o vestibular muitas vezes torna-se uma neurose, os jovens se privam de seu lazer e acabam amargurando-se mais do que estudando, compondo um processo de autopunição. Dessa forma, a qualidade de vida do jovem pode ser seriamente colocada em risco.

Estudo nacional, com 398 pré-vestibulandos, desenvolvido por D'Avilla (2003), indica que um mês antes da realização do exame os candidatos vivenciavam sentimentos de ansiedade e angústia. E os principais motivos causadores da ansiedade no vestibular são o medo da reprovação e o medo de decepcionar a família. Leal (2001) realizou estudo com 453 adolescentes e verificou que 61% dos jovens pesquisados apresentavam nível de estresse significativo. Calais, Andrade e Lipp (2003) corroboram com estudo realizado com 295 estudantes, com idade entre 15 e 28 anos, quando investigaram a manifestação de estresse em alunos do ensino médio e nível superior e verificaram que 65,60% deles apresentavam estresse. Os resultados apontaram correlação significativa entre sexo e nível de estresse, sendo que nas mulheres o nível de estresse era maior. Os discentes do curso pré-vestibular detinham o maior índice de estresse, seguidos dos alunos do terceiro ano do ensino médio. Os sintomas mais presentes foram sensibilidade emotiva para as mulheres e pensamentos recorrentes para homens. Os autores entendem que o dado registrado é significante e preocupante, pois o estresse era maior durante o período de preparo para o vestibular, o que os leva a questionar a adequação de um sistema tão competitivo e estressante como o nacional.

Em pesquisa longitudinal, realizada por Afonso em 2008, com 65 pré-vestibulandos, com idade entre 16 e 18 anos, verificou-se que em 33,8% deles havia

nível significativo de estresse no início do ano letivo e em 41,5% em agosto, quando iniciou a inscrição para o vestibular (Afonso, 2010). Peruzzo e cols. (2008) também confirmam esta realidade ao desenvolver estudo com 141 estudantes de cursos pré-vestibulares para investigar a relação entre o Concurso Vestibular e as possíveis manifestações psicossomáticas dos estudantes no período que antecede a prova. Seus resultados apontam que 60% dos estudantes estavam com estresse, sendo que a maior parte deles manifestava sintomas psicológicos e não físicos.

Mansel e Hurrelman (1992), em estudo longitudinal, avaliaram os sintomas psicossomáticos e psicossociais que acompanham o adolescente na transição do ensino secundário para o emprego. Os resultados mostraram que as queixas psicossomáticas e o nível de estresse aumentaram significativamente nesse período de transição. Miura e Sakano (1996) confirmam que existem sucessivas mudanças de fatores desencadeadores de estresse em estudantes.

Em pesquisas com adolescentes entre 12 e 20 anos, verificou-se que a necessidade de escolher uma profissão, com base nas capacidades, nos resultados escolares ou nas restrições socioeconômicas é uma fonte de dificuldades para os 85,6% dos adolescentes pesquisados. Esses critérios promovem um estado de estresse nos estudantes (Lacoste, Esparbes-Pistre & Tap, 2005).

Estratégias de investigação e intervenção têm sido desenvolvidas na tentativa de compreender e lidar melhor com esse fenômeno que atinge a qualidade de vida de diversos adolescentes. Tricoli e Lipp (2006) desenvolveram um trabalho inédito no Brasil, realizando uma pesquisa com 645 adolescentes, entre 14 e 18 anos, com o objetivo de elaborar e validar a primeira escala de estresse para adolescentes: a Escala de Estresse em Adolescentes (ESA). Fraiman (2009) inclui na metodologia OPPE (Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo) um capítulo sobre a importância da prevenção do estresse e a promoção da saúde no processo de orientação profissional. Mello (2003) realizou um estudo que propõe o processo de Orientação Profissional como uma prática preventiva do estresse e promotora de saúde.

Diante dessa realidade, estratégias de *coping*³ são recomendadas (Litchfield & Gow, 2002; Dell'Aglio & Hutz, 2002; Raimundo e Pinto, 2006). Programas de desenvolvimento pessoal podem ser realizados em escolas com o objetivo de aumentar a resistência e promover a saúde mental de adolescentes (Raphael, 1993). Uma proposta de treinamento para estresse, ansiedade e desempenho escolar entre adolescentes foi apresentada por Kiselica, Baker, Thomas e Reedy (1994) e a eficácia do programa preventivo foi confirmada, pois os participantes do treinamento mostraram redução significativa na ansiedade e nos sintomas relacionados ao estresse. O aconselhamento e apoio podem ajudar a reduzir a ansiedade nos períodos de transição de fases escolares, o que se torna fundamental para que a motivação para realizar a escolha não seja prejudicada (Slater, Peter; McKeown & Mick, 2004).

2.3 Escolha profissional na adolescência: Entre a indecisão e a escolha

O conceito de trabalho existe desde o início das sociedades, no entanto a possibilidade de escolhê-lo é um problema relativamente recente, pois antes os ofícios eram determinados pela camada social ou pela família (Moura, 2008). Com o aumento dos processos de industrialização e de intercâmbio comercial criaram-se formas diversas de trabalho e ofícios, aparecendo, então, a necessidade e possibilidade de escolha (Neiva, 1995). O que exige preparo e se torna um desafio diante do cenário de vastas ofertas (Dias & Soares, 2009).

A escolha profissional ou vocacional, especificamente, vem sendo estudada cada vez mais em todas as partes do mundo, neste trabalho os termos serão utilizados como sinônimos próximos, apresentando a terminologia utilizada pelos próprios autores que fundamentaram esta pesquisa. Contudo, cabe mencionar Fonseca (1994) e Moura (2008) que alertam para utilização do termo vocação como a ideia de predestinação, com caráter religioso de “chamamento”. Fonseca (1994) explica que esse termo é utilizado para o processo de desenvolvimento humano global e da carreira, que inclui a elaboração de projetos e tomada de decisão, o que é essencial para o desenvolvimento pessoal e social dos jovens. Moura (2008, p.32) afirma que vocação é entendida como

³ Define-se *coping* como uma variável individual representada pelas formas como as pessoas comumente reagem ao estresse, determinadas por fatores pessoais, exigências situacionais e recursos disponíveis (Lazarus & Folkman, 1984).

“um conjunto de comportamentos resultantes do arranjo único de variáveis filo e ontogenéticas”. Neste trabalho, o conceito de vocação considera “a combinação da história genética, familiar e cultural” (Moura, 2008, p.32), ou seja, história de vida do jovem, seu passado, seu presente e suas expectativas para o futuro, as contingências e os contextos em que ele este inserido.

Assim como o conceito de vocação, o de carreira também passou por mudanças ao longo do tempo. Com origem no latim, o termo significa *estrada para carros* (Martins, 2001). Atualmente, esse conceito inclui a trajetória profissional, considera o passado, o presente e futuro do sujeito e o responsabiliza pelo seu desenvolvimento profissional (Dias & Soares, 2009).

No Brasil, a escolha profissional geralmente se dá na adolescência, muitas vezes, precocemente e sem uma preparação ao longo do percurso escolar para realizá-la (Dias & Soares, 2009). Em pesquisa de revisão de literatura, Walker & Roberts (2001) destacam o desenvolvimento vocacional entre os principais problemas que surgem na adolescência. Além do abuso de drogas, distúrbios alimentares e depressão, a escolha da carreira é também considerada um grande problema para o desenvolvimento (Gati & Saka, 2001; Walker & Roberts, 2001).

Para o adolescente, que se depara com a necessidade de escolher um curso de preparação profissional ou mesmo ingressar no mercado de trabalho, pode tornar-se difícil escolher, uma vez que essa decisão pode acarretar sérias implicações para o futuro (Moura, 2008). Muitas vezes, a escolha profissional significa a inserção no mundo adulto (Soares, 2002a). Ou seja, o jovem decidirá quem será ou não, escolherá o rumo da sua vida, a partir das decisões que tomar acerca da escolha profissional (Mahl, Soares & Neto, 2005).

Para Coutinho (1993, p.117): “escolha profissional é o momento em que o sujeito reflete e articula seu projeto profissional, buscando assim determinar a trajetória de sua futura relação produtiva com o mundo”. Soares (2002a) acrescenta que escolher não é uma tarefa simples; o que se quer para o futuro implica reconhecer as influências e os fatos mais marcantes na história de vida, ou seja, no presente será construído o futuro a partir das referências passadas. A autora ainda menciona que a liberdade de escolha existe; quando o jovem percebe a situação real em que esta inserido e assume que é livre para realizar seu projeto de vida.

Apesar da liberdade para escolha, não é tarefa fácil pensar nesse projeto, pois é preciso considerar o meio social em que o jovem está inserido e os eventos determinados pelo contexto sociocultural (Ximenes, 2004). Assim, torna-se impossível não mencionar alguns dos fatores que interferem na escolha da profissão: políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos (Soares, 2002a).

Os fatores políticos estão relacionados com a política governamental e seu posicionamento perante a educação; os fatores econômicos referem-se ao mercado de trabalho, à empregabilidade, às profissões, à globalização e a todas as consequências do sistema capitalista, e os fatores sociais dizem respeito à divisão da sociedade em classes sociais. Já os fatores educacionais compreendem o sistema de ensino brasileiro, a família assume um papel importante no processo de impregnação da ideologia vigente; os aspectos psicológicos referem-se aos fatores determinantes no momento da escolha e também à desinformação do indivíduo que escolhe (Soares, 2002a).

Todos esses fatores, além de outros, estão interligados e afetam a escolha do jovem. As teorias desenvolvidas para explicar o processo de escolhas são variadas, as principais são a Psicodinâmica, a Decisional e a Desenvolvimental. Neste trabalho a perspectiva adotada é a proposta por Moura (2008); para ela, tomar uma decisão pode ser entendido como o resultado de um processo de aprendizagem de habilidade de resolução de problema, ou seja, o decidir inclui os comportamentos anteriores responsáveis pela emissão da resposta final.

Diversos estudos investigam os fatores relacionados à indecisão e à dificuldade de decisão dos jovens. McAuliffe, Jurgens, Pickering, Calliotte, Macera e Zerwas (2006) descrevem que os fatores que possibilitam o direcionamento e planejamento de carreira envolvem a preparação para tomar uma decisão, autoavaliação, gerar opções, buscar informações, decidir e executar uma decisão. Para Uthayakumar, Schimmack, Hartung e Rogers (2010), a decisão de carreira está relacionada com o bem-estar do indivíduo e em alguns casos pode associar-se com depressão, pensamentos disfuncionais, estresse, ansiedade entre outras dificuldades. Na sequência apresentam-se alguns estudos que investigam essas relações.

Germeijs, Verschueren e Soenens (2006) verificaram, em estudo longitudinal com adolescentes, que a indecisão é um fator de risco para lidar com as tarefas de

decisão de carreira. Além disso, os resultados sugerem ligação de indecisão com a quantidade de informações ambientais, a quantidade de informação pessoal, compromisso e ansiedade. Amir e Gati (2006) investigaram as relações entre as dificuldades de decisão de carreira em uma amostra de 299 adultos jovens que pretendiam ingressar na universidade. As dificuldades de tomada de decisão da carreira foram altas. Argyropoulou, Sidiropoulou-Dimakakou e Besevegis (2007), em uma amostra de 848 estudantes do ensino médio grego, verificaram que conflito pessoal, a difusão de interesses e a falta de orientação profissional contribuem para a indecisão da carreira.

Patel, Salahuddin e O'Brien (2008) analisam as variáveis individuais, de microssistema, exossistema e macrossistema como preditores da autoeficácia da tomada de decisão de carreira em uma amostra de 85 adolescentes vietnamitas em Washington e confirmaram que o apoio de colegas podem auxiliar na previsão da autoeficácia da tomada de decisão de carreira. Tang, Pan e Newmeyer (2008) exploraram os fatores que influenciam as aspirações de carreira de alunos do ensino médio em um estudo que analisou 141 estudantes. O objetivo foi examinar as relações interativas entre as experiências de aprendizagem, autoeficácia de carreira, expectativas de resultados, os interesses de carreira e a escolha da profissão. Os resultados apontaram o papel mediador da autoeficácia no processo de decisão de carreira. Tien, Wang e Liu (2009), em estudo que incluiu 584 estudantes do ensino médio, em Taiwan, República da China, constataram que as diferenças de gênero e autoeficácia foram significativas na previsão do comportamento dos indivíduos na escolha da profissão.

Em pesquisa longitudinal, com amostra de 1.000 homens e 1.000 mulheres, realizada por Tracey, Robbins e Hofsess (2005), foi possível apontar que o último ano deve ser visto como foco para a pesquisa e intervenção, pois nesse ano a necessidade de escolha encontra-se mais urgente. Nesse estudo o gênero na escolha da carreira do adolescente não demonstrou diferenças significativas. Apesar dos novos entendimentos sobre a decisão de carreira, que cada dia menos divide as profissões em masculinas e femininas, em estudo desenvolvido por Taylor (2005) na Austrália foi possível constatar que jovens que pretendem ingressar no setor da construção civil foram influenciados pela imagem de masculinidade desta profissão.

Saunders, Peterson, Sampson e Reardon (2000) investigaram a relação entre depressão e pensamentos disfuncionais com indecisão na escolha da carreira. Participaram da pesquisa 215 estudantes, com idade entre 17 e 25 anos, matriculados em um curso de introdução à psicologia de uma grande universidade americana. Os resultados afirmam haver a existência de pensamentos disfuncionais como um componente significativo para a indecisão da carreira, no entanto a depressão associada com a indecisão não apresentou nenhuma resultado significativo.

Na tentativa de verificar se existe uma relação entre a indecisão e ansiedade, Campagna e Curtis (2007) desenvolveram estudo com 110 estudantes universitários do primeiro ano. Os sujeitos de pesquisa responderam ao Inventário de Ansiedade Estado-Traço (IDATE) e Escala de Decisão da Carreira (CDS) para medir ansiedade e indecisão. Apesar da ansiedade predizer significativamente com decisão da carreira, os participantes não indicaram, em respostas às perguntas abertas, que a ansiedade impactou na sua escolha de carreira. O que levou os pesquisadores a formular a hipótese que os estudantes não percebem os impactos da ansiedade em seu processo de escolha.

Para auxiliar no processo de escolha e reduzir a ansiedade e a indecisão vocacional de adolescentes, Salami (2004) investigou os efeitos da Técnica de Resolução de Problemas (PST) e o Treinamento da Gestão da Ansiedade (AMT). A pesquisa foi aplicada em 122 alunos, sendo 56 do sexo masculino e 66 do sexo feminino, selecionados aleatoriamente em uma escola da Nigéria. Em dois grupos experimentais e um grupo controle, utilizou-se o "*Career Factors Inventory*" para medir a indecisão antes e após o experimento de cinco semanas. A pesquisadora verificou que os métodos utilizados (PST e AMT) são eficazes para reduzir a indecisão dos alunos.

Programas de intervenção e prevenção são essenciais para melhorar a qualidade de vida nesta etapa da vida, uma vez que a indecisão diante das diversas possibilidades de escolha é comum e gera dificuldades já mencionadas anteriormente.

Maturidade para Escolha Profissional

Para escolher uma carreira, faz-se necessário desenvolver a maturidade para escolha profissional, aprender a lidar com obstáculos e superá-los, além de considerar

os interesses pessoais, a realidade social, política e econômica (Melo-Silva, Oliveira & Coelho, 2002). De acordo com Pieron (1993, p. 331), o termo maturidade é definido como “o estado atingido ao termo de um processo de desenvolvimento, de uma maturação”. Para Bueno (1996, p.421), maturidade é um substantivo feminino que significa “madureza, amadurecimento, idade madura, perfeição”.

O termo “maturidade profissional” foi introduzido por Super (1955) e refere-se ao conjunto de comportamentos e atitudes que um indivíduo deve empreender visando a sua inserção no mundo profissional (Neiva, 1998, 1999, 2002; Silva & cols, 2008). A maturidade profissional, ainda para Super (1955), é combinada de cinco dimensões: *Orientação para escolha profissional*, que mede até que ponto o indivíduo está preocupado com o problema da escolha e se empenha em encontrar solução; *Informação e planejamento*, que mede a especificidade das informações coletadas sobre a profissão escolhida e do programa de vida estabelecido em função da escolha; *Cristalização dos traços*, que estima o nível de desenvolvimento das aptidões e das disposições pessoais com relação à entrada no mundo profissional e *Pertinência da escolha*, que avalia até que ponto a profissão selecionada está de acordo com as condições do sujeito, considerando aptidões, interesses, nível socioeconômico, entre outros fatores (Neiva, 1999).

Neiva (1999) realizou um levantamento bibliográfico e histórico e observou que na tentativa de aprofundar o assunto e criar instrumentos que pudessem mensurar a maturidade foram desenvolvidos diversos estudos no contexto internacional entre os anos 1961 a 1989. Entre eles, o modelo de Crites (1961, 1965) foi destacado; contudo apresentou fragilidade e limitações (Westbrock, Cutts, Madison & Arcia, 1980; Alvi e Khan, 1982, 1983; Chodzinski & Randhawa, 1983; Stowe, 1985; Huteau & Ronzeau, 1974; Japur & Jacquemin, 1989). O modelo teórico proposto por Crites (1961, 1965) considera a *maturidade para escolha profissional*, como um fator geral composto por diferentes dimensões. São elas: consistência, realismo, competência e atitude, sendo as duas primeiras referentes ao conteúdo e semelhantes às propostas por Super (1955) e as duas últimas referem-se ao processo de escolha.

As contribuições de Super (1955) e Crites (1965) foram de grande valia, uma vez que a partir delas, foi elaborada a Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP). A primeira versão foi francesa (1994), seguida da versão em espanhol (1995)

e posteriormente, após mais adaptações e traduções, em 1996 a terceira e atual versão foi construída. Esta foca o processo de escolha propriamente dito e considera que para atingir maturidade para a escolha da profissão, faz-se necessária a aquisição de determinados conhecimentos, bem como o desenvolvimento de certas atitudes (Neiva, 1999).

A escolha profissional madura e consciente depende de diversos fatores que se correlacionam e são essenciais no momento da escolha profissional. No que se refere às atitudes, inclui-se: Determinação para escolha profissional, que se refere a quanto o indivíduo está definido e seguro com relação à sua escolha profissional; Responsabilidade para a escolha profissional, quanto o indivíduo preocupa-se com a escolha profissional e empreende ações para efetivação desta escolha, responsabilizando-se por esta decisão; e Independência na escolha profissional, quando o jovem está definindo sua escolha profissional de forma independente, sem influenciar-se pelas ideias de outras pessoas como familiares, amigos, professores, meios de comunicação, entre outros (Neiva, 1999, 2003).

Somada as atitudes, a dimensão conhecimento se constitui de autoconhecimento, que mede quanto o indivíduo conhece os diferentes aspectos de sua pessoa que são importantes para a escolha profissional, tais como características pessoais, interesses, habilidades, valores, entre outros; e conhecimento da realidade profissional, que mede quanto o indivíduo conhece dos diferentes aspectos da realidade socioprofissional e escolar, tais como profissões, mercado de trabalho, nível salarial, instituições de ensino, entre outros (Neiva, 1999, 2003).

A escolha profissional madura pode ser vista como um processo no qual características pessoais e profissionais devem ser analisadas de forma a constituírem critérios consistentes de avaliação numa tomada de decisão (Moura, 2005). A pessoa que desenvolve a maturidade para escolha profissional apresenta comportamentos que facilitarão o desenvolvimento de sua trajetória ocupacional. Ela consegue perceber as consequências e assumir os ganhos e as perdas de sua decisão (Silva & Jacquemin, 2000; Melo-Silva, Oliveira, Coelho, 2002).

Para realizar a escolha de maneira adequada, é determinante conhecer os próprios interesses, habilidades e características, além da realidade dos cursos e profissões. O conhecimento das profissões está associado à tomada de decisão, e o

autoconhecimento, mais relacionado à solução de problema (Del Prette, Pereira, Mazer & Amaral, 2007; Moura, 2008). Assim, pode-se dizer que quando o indivíduo consegue olhar para trás e para frente ao mesmo tempo e decidir o caminho que seguirá, encontrou o momento da escolha. Para realizá-la é fundamental avaliar os prós e contras de cada possibilidade e saber que, fazendo uma opção, deixará de lado todas as outras, ou seja, escolher é decidir, entre todas as possibilidades, aquela que parece melhor, para, assim, participar do mundo em que vive (Lucchiari, 2003).

Decidir sobre a futura profissão ocorre, muitas vezes, precocemente e sem maturidade para realizar tal escolha. Na tentativa de compreender melhor este processo e pensar em estratégias educacionais que possibilitem ao jovem realizar a escolha com mais acertos, estudos têm investigado a maturidade em relação à escolha profissional e aos fatores a ela relacionados.

Em um estudo realizado por Creed e Patton (2003), 367 estudantes do ensino médio foram avaliados em relação aos níveis de maturidade de carreira, compromisso de trabalho, o valor do trabalho, tomada de decisão, autoeficácia e autoestima. A autoeficácia, idade, decisão na carreira e compromisso de trabalho foram os principais preditores da atitude de maturidade de carreira. Idade, sexo, decisão na carreira, compromisso de trabalho e indecisão na carreira foram os principais preditores do conhecimento maturidade de carreira.

Patton e Creed (2001) afirmam que existe uma diversidade considerável na literatura quanto à idade e diferença de gênero em relação à maturidade da escolha profissional e decisão de carreira. Assim, desenvolveram um estudo com 1.971 adolescentes australianos, com idades entre 12 a 17 anos. Os resultados apontaram uma progressão no desenvolvimento da maturidade de carreira, apesar de um padrão menos uniforme surgir com as diferenças de gênero. Os dados encontrados sugerem que mais pesquisas a respeito devem ser desenvolvidas, considerando dados demográficos e contextuais dos alunos. Gordon e Meyer (2002) afirmam que é fundamental investigar e compreender de forma mais apurada a natureza da tomada de decisão de futuros estudantes universitários, os aspectos específicos da maturidade na carreira e integração deles com aspectos escolha da profissional e diferenciação de interesses.

Nos Estados Unidos, Powell e Luzzo (1998) avaliaram a maturidade para a tomada de decisão da carreira em estudantes. A pesquisa foi aplicada em 253 alunos de 15 a 19 anos de idade. Os jovens forneceram informações sobre sexo, idade, nível escolar atual, origem étnica, tipo de diploma procurado, o objetivo da carreira e média de notas. Os resultados dessa pesquisa indicam uma relação positiva entre a maturidade da escolha da carreira e um estilo otimista autoatribuído. Verificou-se também que os jovens homens apresentam mais controle sobre sua decisão de carreira do que as mulheres. Mathur e Sharma (2001) corroboraram esse dado quando analisaram os efeitos do sexo sobre a maturidade vocacional de adolescentes. O trabalho foi realizado com 12.100 alunos do ensino fundamental de uma faculdade da Índia, que completaram questionários sobre as atitudes e escolhas de carreira. Os resultados apontam que os estudantes do sexo masculino possuem atitudes mais favoráveis para escolhas de carreira.

Ainda na tentativa de investigar as relações entre maturidade e gênero, Lobato (2003) desenvolveu pesquisa com estudantes do ensino médio, jovens com idade entre 17 e 19 anos. Os resultados revelaram diferenças de sexo e de gênero. Mulheres buscam mais informação sobre o mundo ocupacional e do trabalho, já os homens planejam melhor suas carreiras. Ao contrário desse resultado, em estudo desenvolvido por Neiva (2003), com 506 alunos do ensino médio de uma escola particular, utilizando a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP), os resultados mostraram que não existe diferença significativa na maturidade, segundo o gênero. A autora observou que jovens do sexo feminino são mais responsáveis e independentes, enquanto os jovens apresentaram maior conhecimento da realidade socioprofissional. Além disso, constatou que o nível de maturidade para a escolha profissional é maior nos alunos do último ano do ensino médio.

Na tentativa de ampliar e investigar mais estas variáveis, também utilizando a EMEP, Neiva e colaboradores (2005) desenvolveram uma pesquisa com 950 alunos do ensino médio, provenientes de escolas públicas e particulares. Ao contrário do estudo anterior, os resultados indicaram diferenças significativas na maturidade para a escolha profissional em função do sexo, do tipo de escola e da série escolar. Nesse estudo, diferente do anterior, as moças mostraram-se mais maduras do que os rapazes. Os alunos de escola particular mostraram-se mais maduros do que os de escola pública e

os alunos da terceira série mais do que os de primeira série. Entretanto, não foram observadas diferenças significativas na maturidade para a escolha profissional, em função do turno de estudo dos alunos (diurno ou noturno).

O estudo desenvolvido por Balbinotti e Tétréau (2006) explora diferenças nos níveis de maturidade vocacional segundo sexo, idade, ano do ensino médio e tipo de escola. A amostra foi composta por 860 estudantes do ensino médio, de escolas públicas e privadas, com idades de 14 a 18 anos. Os resultados indicam diferenças significativas quando controladas as variáveis: sexo, tipo de escola e ano do ensino médio.

Outros estudos apresentam resultados discrepantes em relação à maturidade e gênero, no entanto vale mencionar que estes foram desenvolvidos em diferentes regiões e utilizaram métodos divergentes (Balbinotti, 2003; Balbinotti & cols., 2004; Lobato & Koller, 2003). Assim, sugere-se que mais pesquisas sejam realizadas e que a maturidade para a escolha profissional de jovens possa ser analisada em diferentes regiões do Brasil (Melo-Silva, Oliveira & Coelho, 2002, Neiva, 2003, Neiva & cols., 2005).

3 MÉTODO

A presente pesquisa consiste em um estudo exploratório, descritivo e correlacional, de natureza quantitativa e qualitativa (análise de categorias de respostas discursivas). Para alcançar seus objetivos, elaborou-se o método que na sequência será descrito de forma detalhada.

3.1 *Local da pesquisa*

A pesquisa foi realizada na sala de aula de seis escolas, sendo duas públicas e quatro privadas, na cidade de Curitiba, Paraná.

3.2 *Participantes*

Os participantes deste estudo foram selecionados em uma amostra por conveniência, sendo, no total 268 estudantes de ambos os sexos, com idade de 16 a 24 anos, do terceiro ano do ensino médio e curso pré-vestibular de escolas públicas (n=150) e privadas (n=118).

3.3 *Instrumentos*

Para coleta de dados utilizaram-se os seguintes instrumentos: Escalas de Qualidade de Interação Familiar (ANEXO A), Escalas de Práticas Parentais (ANEXO B), Inventário de Sintomas de Stress Para Adultos de Lipp (ANEXO C), Escala de Maturidade para Escolha Profissional (ANEXO D), Questionário elaborado, com base na literatura, para a presente pesquisa (ANEXO E) e o Critério de Classificação Econômica Brasil (ANEXO F).

Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF) de Weber, Salvador e Brandenburg (2009).

O instrumento é composto por 40 questões, fechadas e avaliadas por meio de um sistema Likert de 5 pontos (entre “nunca” e “sempre”). As questões são agrupadas em nove dimensões (relacionamento afetivo e envolvimento, regras, punição, comunicação positiva dos pais, comunicação positiva dos filhos, comunicação negativa

dos pais, clima conjugal, modelo parental, clima conjugal positivo e negativo e sentimento dos filhos). Cada uma das nove escalas dos instrumentos foi analisada por meio dos escores totais. Foram também computados os escores totais de práticas positivas e negativas. As nove dimensões das escalas de qualidade de interação familiar foram relacionadas por meio do teste de Correlação de Pearson com as respostas das escalas de Estresse e Maturidade para Escolha, e relacionadas às medidas nominais ou categorizadas, incluindo variáveis de vida e sociodemográficas, por meio dos testes t de Student e Anova. Os grupos gerados pela categorização da Escala de Qualidade de Interação Familiar serão relacionados às demais variáveis nominais pelo teste Qui quadrado.

Escalas de Práticas Parentais (EPP) de Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006).

O instrumento distingue dimensões de práticas educativas parentais em relação a adolescentes (a ser respondido pelos próprios jovens). É composto por 27 questões, fechadas e avaliadas por meio de um sistema Likert de 5 pontos (entre “nunca” e “sempre”). As questões são agrupadas em seis dimensões mais específicas do que as dimensões de responsividade e exigência, são elas: controle punitivo, supervisão do comportamento, cobrança de responsabilidade, intrusividade, apoio emocional e incentivo à autonomia. Cada uma das seis escalas dos instrumentos será analisada por meio dos escores totais. As seis dimensões das escalas foram relacionadas por meio do teste de Correlação de Pearson com as respostas das escalas de Estresse e Maturidade para Escolha, e relacionadas às medidas nominais ou categorizadas, incluindo variáveis de vida e sociodemográficas, por meio dos testes t de Student e Anova.

Inventário de Sintomas de Stress Para Adultos – (ISSL) de Lipp (2005).

O ISSL avalia o nível de estresse da população em geral e pode ser utilizado em jovens a partir de 15 anos e adultos. Ele permite realizar um diagnóstico de estresse, determinar a fase em que se encontra e se este estresse manifesta-se mais por meio de sintomatologia na área física ou psicológica. Este instrumento é composto de três quadros que se referem às quatro fases do estresse, sendo o quadro 2 utilizado para avaliar as fases 2 e 3 (resistência e exaustão). Os sintomas listados são típicos de

cada fase. No primeiro quadro, composto de doze sintomas físicos e três psicológicos, o respondente assinala com F1 ou P1 os sintomas físicos ou psicológicos que tenham experimentado nas últimas 24 horas. No segundo quadro, composto de dez sintomas físicos e cinco psicológicos, marcam-se com F2 ou P2 os sintomas experimentados na última semana. No quadro 3, composto de doze sintomas físicos e onze psicológicos, assinalam-se com F3 ou P3 os sintomas experimentados no último mês. No total, o ISSL inclui 37 itens de natureza somatória e 19 psicológicas. Para avaliação, soma-se o escore bruto de cada quadro, verifica-se o Percentil correspondente nas tabelas “as fases do estresse” e “sintomas físicos e psicológicos”. Os escores serão organizados computando escores de sintomas físicos e de psicológicos e das fases do estresse. Os escores também gerarão a classificação dos casos em situação de estresse ausente, presente ou em agravamento, em quatro fases e em casos de predominância de sintomas físicos, psicológicos ou ambos. Vale mencionar que este instrumento é de uso exclusivo dos psicólogos e recebeu parecer favorável da Comissão do Conselho Federal de Psicologia, conforme Resolução CFP nº 002/2003 (www.pol.org.br), o que confirma suas qualidades psicométricas. Os escores computados serão relacionadas por meio do teste de Correlação de Pearson com as respostas das escalas de Qualidade de Interação familiar, Estresse e Maturidade para Escolha, e relacionados às medidas nominais ou categorizadas, incluindo variáveis de vida e sociodemográficas, por meio dos testes t de Student e Anova. Os grupos gerados pela categorização deste instrumento serão relacionados às demais variáveis nominais pelo teste Qui quadrado.

Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP)

Elaborada e validada por Neiva (1999), esta escala mede a maturidade para a escolha profissional e é composta de cinco subescalas: Determinação, Responsabilidade, Independência, Autoconhecimento e Conhecimento da Realidade Educativa e Socioprofissional. É uma escala de tipo Likert, com cinco modalidades de resposta, composta de um total de 45 itens. Sua validade e fidedignidade foram comprovadas por meio dos seguintes procedimentos: análise fatorial, alfa de Cronbach e análise discriminativa com relação às variáveis de natureza temporal – idade e série escolar (Neiva, 1998, 1999). Além disso, sua validade foi também comprovada por meio de um estudo feito com 45 indivíduos submetidos a um processo de orientação

profissional, nos quais a escala foi aplicada antes e após o processo, sendo detectado um aumento significativo do nível de maturidade após a orientação profissional (Neiva, 2000). As normas da EMEP são expressas em Percentil e existem Tabelas de correção por série e tipo de escola. Cada uma das subescalas do instrumento será analisada por meio dos escores totais. Vale mencionar que este instrumento é de uso exclusivo dos psicólogos e recebeu parecer favorável da Comissão do Conselho Federal de Psicologia, conforme Resolução CFP n.º 002/2003 (www.pol.org.br), o que confirma suas qualidades psicométricas. Os escores das subescalas e escore total serão relacionados por meio do teste de Correlação de Pearson com as respostas das escalas de Qualidade de Interação familiar, de Estresse e Maturidade para Escolha, e relacionados às medidas nominais ou categorizadas, incluindo variáveis de vida e sociodemográficas, por meio dos testes t de Student e Anova. Os grupos gerados pela categorização deste instrumento foram relacionados às demais variáveis nominais pelo teste Qui quadrado.

Questionário

Elaborado, com base na literatura, para a presente pesquisa. É composto por questões fechadas e abertas, incluindo perguntas que investigam a influência da família na escolha profissional, os critérios para escolha da profissão e aspectos relacionados ao estresse. A primeira versão do questionário foi aplicada em vinte estudantes do terceiro ano do ensino médio, sendo 10 de instituição pública e 10 de escola privada, após essa aplicação piloto e a revisão do questionário, foi elaborada a versão final. Suas questões nominais e ordinais foram relacionadas às demais variáveis pelos testes Anova, t de Student e Qui quadrado.

Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB)

Enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”, mas sim de “classes econômicas”. A Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEP, 2008) completou, a pedido da ABA Associação Brasileira de Anunciantes (ABA), o processo de revisão do CCEB, que mostrou a introdução de ajustes no critério que antes era utilizado. Utiliza-se o sistema de pontos, considerando

os nove itens da Tabela 2 e o grau de instrução do chefe da família conforme Tabela 3. Para identificação da classe econômica, somam-se os pontos das duas Tabelas e utiliza-se a Tabela 4 como referência. Seu resultado, por meio da categorização em classes econômicas, foi analisado por meio dos testes Anova, t de Student e Qui quadrado. Quando necessário, as classes econômicas próximas foram agrupadas a fim de assegurar a correta condução estatística.

Tabela 1: Sistema de pontos por patrimônio (CCEB)

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e (ou) DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte de geladeira duplex)	0	2	2	2	2

Tabela 2: Sistema de pontos por escolaridade do chefe da família (CCEB)

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto / Primário incompleto Analfabeto / Até 3ª Série Fundamental	0
Primário completo / Ginásial incompleto Até 4ª Série Fundamental	1
Ginásial completo / Colegial incompleto Fundamental completo	2
Colegial completo / Superior incompleto Médio completo	4
Superior completo Superior completo	8

Tabela 3: Cortes do critério Brasil

Classe	Pontos	Total Brasil %
A1	42 - 46	0,9%
A2	35 - 41	4,1%
B1	29 - 34	8,9%
B2	23 - 28	15,7%
C1	18 - 22	20,7%
C2	14 - 17	21,8%
D	8 - 13	25,4%
E	0 - 7	2,6%

Tabela 4: Renda familiar por classes

Classe	Pontos	Renda Média Familiar (R\$)
A1	42 - 46	9.733
A2	35 - 41	6.564
B1	29 - 34	3,479
B2	23 - 28	2.013
C1	18 - 22	1.195
C2	14 - 17	726
D	8 - 13	485
E	0 - 7	277

3.4 Procedimentos de coleta dos dados

Após a seleção das escolas, em uma amostra por conveniência, foi realizado contato telefônico com a direção de cada instituição, em algumas delas foi possível agendar uma reunião para explicar o objetivo do estudo, esclarecer dúvidas, verificar a possibilidade de aplicação dos questionários e obter a autorização para realizar o estudo (ANEXO G). Obtida a autorização e agendada a data de aplicação, foi explicado o procedimento do estudo para os discentes e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO H) para lhes informar sobre os objetivos da pesquisa e seus direitos como participantes. No caso dos estudantes com idade inferior a 18 anos, eles encaminharam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais e no dia da aplicação, após entrega da autorização, os estudantes responderam aos instrumentos da pesquisa na própria escola durante o período de uma hora/aula.

3.5 Procedimentos de análise de dados

Os dados coletados foram analisados por meio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, versão 15. As medidas estatísticas acompanham cada análise e, para melhor compreender suas implicações, é importante observar o índice p , pois seu valor indica a probabilidade de a diferença entre os grupos estar determinada pelo acaso. Ou seja, quando menor o valor de p , maior é a certeza de que naquela variável os grupos apresentem diferenças consistentes. Foi utilizado nível de significância $p < 0,05$. As análises se deram por meio de medidas

descritivas (médias, medianas, percentagens, desvio-padrão etc.), foram calculados escores totais por escalas, bem como os escores das suas subescalas. Foram realizados testes estatísticos para relacionar as diferentes variáveis investigadas, conforme os objetivos descritos. Os testes utilizados foram análise de multivariância ANOVA, *t de Student*, correlação de Pearson, Qui quadrado e Regressão Linear. A consistência interna considerada para cada escala foi de, no mínimo, 70%.

A análise das respostas abertas foi feita com base em categorização de equivalência semântica de conteúdo. A categorização dos dados foi efetuada após a aplicação de todos os questionários e em consonância com os temas destacados no referencial teórico e com base na proposta de pesquisa. Em um sistema de categorização de eventos comportamentais (no caso da presente pesquisa o comportamento é o relato escrito dos participantes), é essencial a descrição precisa das variáveis e sua operacionalização. De acordo com Danna e Matos (1999, p. 134), a definição de um evento em uma dada categoria deve: “a) ser objetiva, clara e precisa; b) ser expressa na forma direta e afirmativa; c) incluir somente elementos que lhe sejam pertinentes; d) ser explícita e completa”. É preciso, ainda, evitar o conceito “circular”, ou seja, o termo definido não pode ser utilizado na sua definição e devem ser evitados termos subjetivos ou fatos interpretados ou inferidos (Cunha, 1975; Fagundes, 1992, Zamignan & Meyer, 2007). Para possibilitar a categorização das respostas abertas em uma sequência que possibilitasse a compreensão acurada do problema de pesquisa, foi utilizado o seguinte método: a) com base nas respostas dos participantes foram criadas categorias de análise; b) foram relacionados aspectos relevantes contidos em cada categoria de análise e obtidos no referencial teórico da presente pesquisa; c) foi verificado se os dados colhidos efetivamente tratam os principais aspectos do problema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados deste estudo foi dividida em três partes: a primeira composta pelos dados sociodemográficos dos participantes, seguida dos resultados sobre estresse e por último a estatística inferencial.

4.1 Dados sociodemográficos dos participantes

As Figuras 1, 2 e 3 apresentam a idade, o gênero e a religião declarados pelos participantes deste estudo.

Conforme a Figura 1, a idade dos jovens variou de 16 a 24 anos, sendo que quase metade (47%) dos participantes relataram ter 17 anos no momento da pesquisa, enquanto 26% ainda não completaram os 16 anos e 27% tinham 18 anos ou mais. A idade predominante pode ser considerada dentro das margens esperadas, uma vez que o contato com os participantes foi realizado por meio das escolas e a aplicação do estudo deu-se nas turmas do terceiro ano do ensino médio e (ou) curso pré-vestibular.

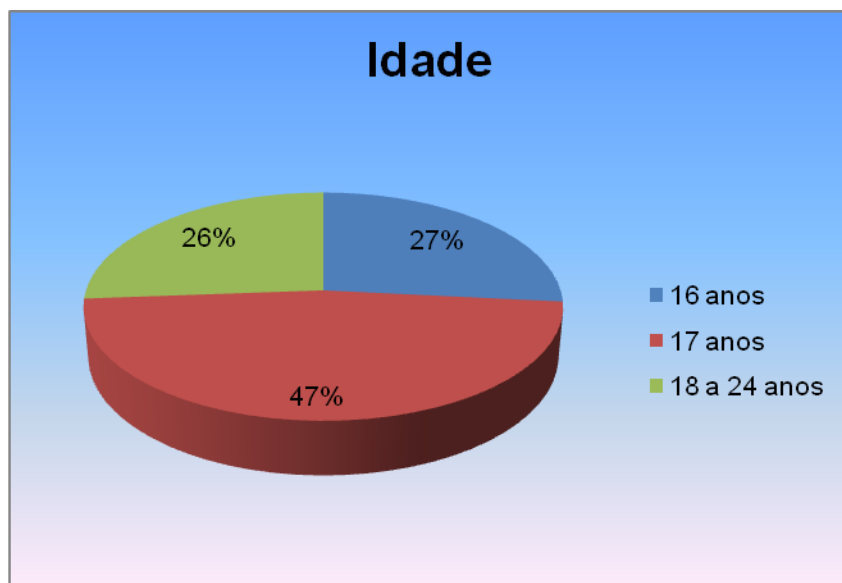


Figura 1 - Idade dos vestibulandos entrevistados, dividida em três categorias

De acordo com a Figura 2, a maior parte dos participantes foi composta por mulheres (61%). Segundo dados recentes do Censo (IBGE, 2010), na população urbana a proporção de homens e mulheres é muito semelhante (49,66% e 50,34%, respectivamente). Corroborando com essa informação, em estudo desenvolvido por Neiva, Silva, Miranda e Esteves (2005) com 950 estudos do ensino médio na cidade de

Curitiba, o número de alunos (485) foi semelhante ao número de alunas (465). A discrepância com os dados dessa amostra pode refletir uma característica inerente aos jovens que frequentam o terceiro ano do ensino médio e (ou) curso pré-vestibular nas escolas selecionadas pela amostragem por conveniência.

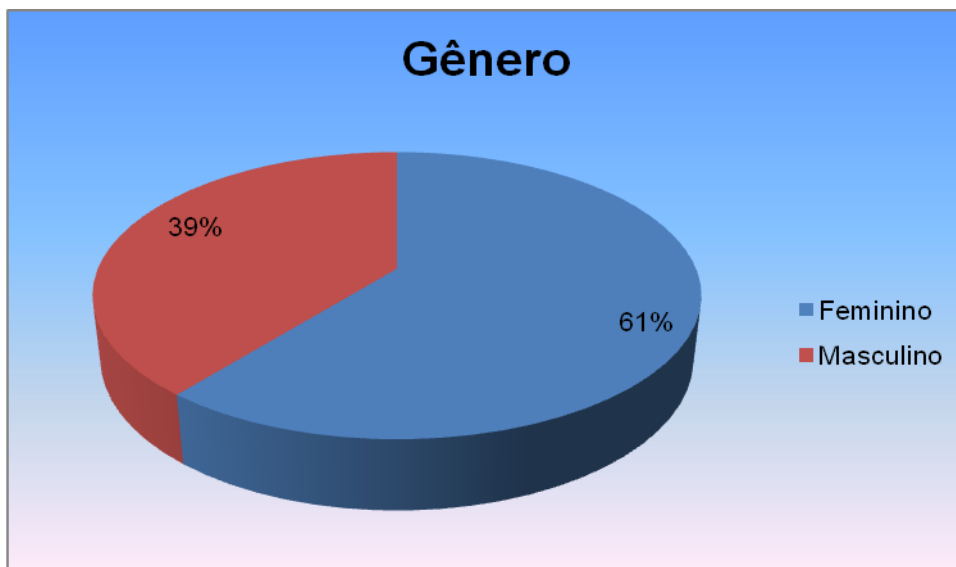


Figura 2 - Gênero dos vestibulandos

A Figura 3 revela que 58% dos participantes declararam ser católicos, 15% dos jovens afirmam não pertencer a nenhuma religião, seguido por 13% que são evangélicos e 6% cristãos. Outras religiões, espíritas e protestantes apareceram com menos frequência (4%, 3% e 1%, respectivamente). Os dados do Censo (IBGE, 2000) relatam proporções um tanto diferentes, quando 74% dos jovens de 15 a 24 anos declaravam ser católicos, 9% evangélicos e outros 9% declaravam não ter religião. A religião exerce influência no comportamento dos seus membros por meio de paradigmas e torna-se importante conhecê-la, uma vez que as crenças relacionadas a ela podem influenciar na tomada de decisão também em relação à escolha profissional (Hidalgo, 2009).

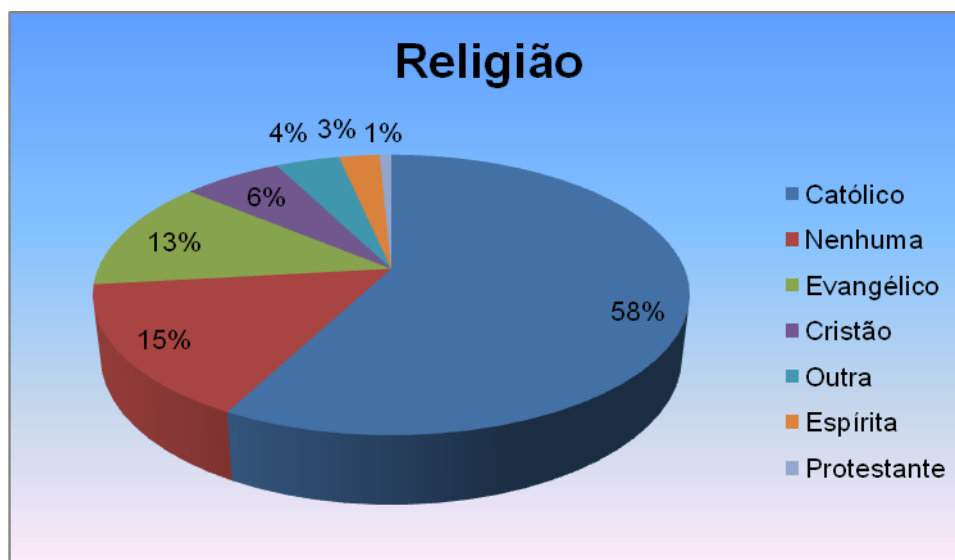


Figura 3 - Religião declarada pelos estudantes

A Figura 4 aponta que, por meio do Critério de Classificação Econômica, somente 2% dos participantes encontravam-se em classes extremas, sendo 1% na A1 e 1% na D. De acordo com a Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEP, 2008), o total de brasileiros pertencentes à classe A1 é de 0,9% e 25,4% fazem parte da classe D.

Os outros participantes (98%) foram distribuídos da seguinte forma: 12% enquadravam-se nas classes A2, 66% nas classes B, sendo 34% na B1 e 32% na B2, e 20% na classe econômica C, predominando C1 com 16%. Ainda de acordo com a ABEP (2008), o total de brasileiros pertencentes à classe A2 é de 4,1%, na B1 estão 8,9%, na B2 fazem parte 15,7% e na C1 incluem-se 20,7%. Conforme o Critério de Classificação Econômica utilizado neste estudo, verificou-se que nenhum participante pertence à classe E, da qual 2,6% dos brasileiros fazem parte e vivem, em média, com 277,00 reais por mês. De modo geral, pode-se afirmar que os participantes deste estudo estão acima da média nacional, provavelmente pelas características das escolas selecionadas e também pelas especificidades da Região Sul e da cidade de Curitiba.

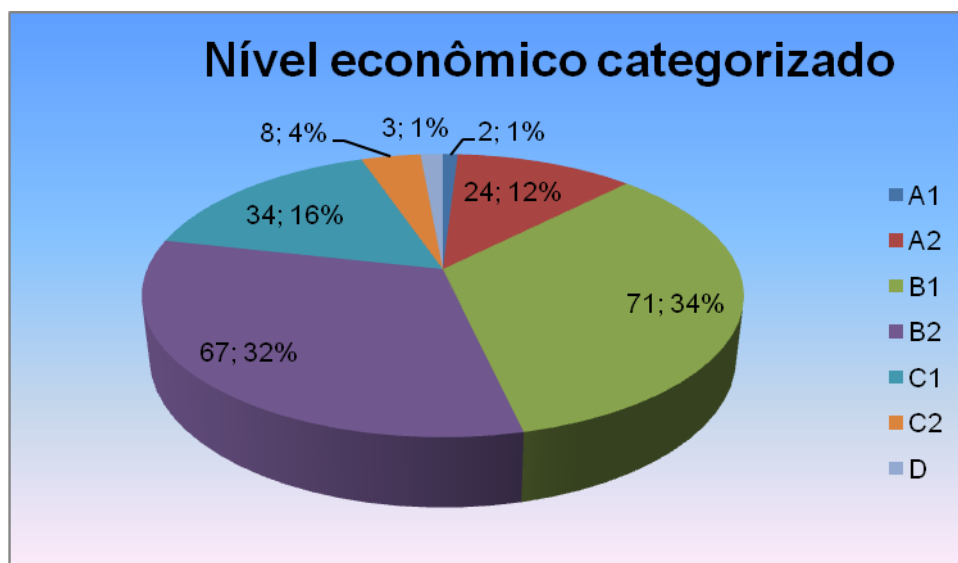


Figura 4 - Nível econômico

A Figura 5 traz informações sobre o tipo de escola frequentada pelos participantes deste estudo. Com o intuito de compreender de maneira mais ampla as variáveis investigadas, definiu-se como método do estudo trabalhar com escolas públicas e privadas, assim buscaram-se instituições até que se atingisse um número adequado de participantes para cada grupo. Apesar de o número de escolas particulares ter sido maior ($n=4$) do que as instituições públicas ($n=2$), o número de participantes de instituição pública foi maior do que de privadas, sendo que 41% deles correspondiam a estudantes de instituições particulares de ensino e 59% de escolas públicas. Na instituições privadas, o acesso para realizar a pesquisa foi mais limitado e o argumento mais utilizado pela direção era a dificuldade de disponibilizar uma hora/aula de conteúdo para aplicação do questionário, pois desorganizaria o cronograma que precisava ser cumprido até a data do vestibular. Pode-se dizer que essa informação exemplifica como grande parte das escolas funcionam: o conteúdo cobrado no vestibular é passado pelos professores aos alunos no tempo que deve ser, assim a formação do aluno continua em um modelo que repassa conteúdo e não prioriza a formação integral de seus discentes. Outro aspecto que merece atenção, percebido durante a aplicação da pesquisa, foi que os alunos das instituições públicas estavam mais dispostos a colaborar e participar do estudo do que os discentes das instituições particulares. Uma hipótese para essa diferença é que os alunos das instituições privadas perceberam o tempo disponível para pesquisa como tempo

perdido de conteúdo escolar, já para os alunos das escolas públicas, que em duas turmas os professores haviam faltado no dia da aplicação, participar da pesquisa era algo diferente, pois eles poderiam expor sua opinião e não ficariam na escola sem desenvolver atividade.

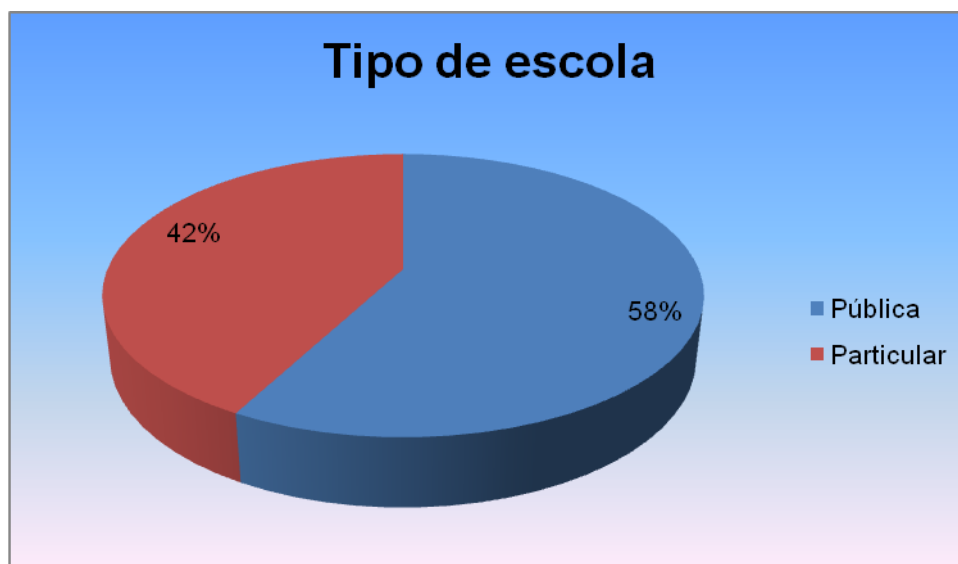


Figura 5 - Tipo de escola frequentada pelos participantes

As Figuras 6 e 7 apresentam dados em relação ao turno e tipo de estudo dos participantes. Há estudos que mostram que estudantes do turno noturno apresentam maior determinação e menor independência para escolha profissional em relação aos alunos do turno diurno (Neiva, Silva, Miranda e Esteves, 2005). Por isso, procurou-se selecionar neste trabalho turmas que estudassem nos três períodos. Contudo, mediante a explicação de que a carga horária reduzida do período noturno exige seu inteiro aproveitamento para o conteúdo curricular, as instituições procuradas não abriram a possibilidade de pesquisa junto a esses estudantes, conforme Figura 6. Nesta pesquisa, 81% dos alunos cursavam o terceiro ano e (ou) curso pré-vestibular no período da manhã, 18% estudavam no período da tarde, e o 1% presente na figura representa os estudantes noturnos que estavam repondo aula na turma da manhã. Não foi possível coletar dados de número representativo dos estudantes que cursam no turno noturno (1%) ou integral (n=1).

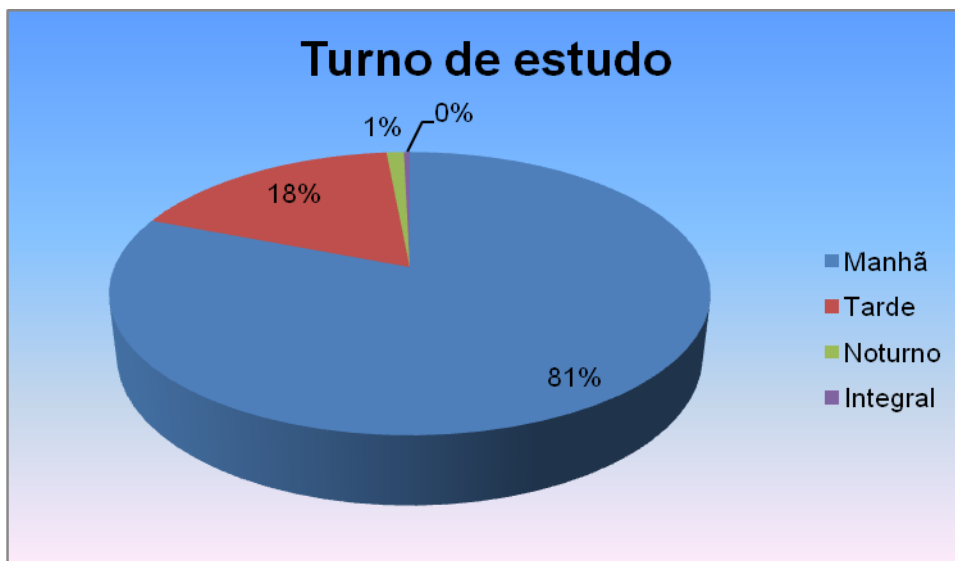


Figura 6 - Turno de estudo dos participantes

Assim como o turno de estudo pode afetar o desenvolvimento dos jovens, foram coletados dados relacionados ao tipo de estudo (Figura 7) para verificar possíveis relações nesta amostra. Em pesquisa desenvolvida por Neiva (2003), a maturidade para escolha profissional apresentou aumento progressivo ao longo do ensino médio e em estudo de Calais, Andrade e Lipp (2003) alunos do curso pré-vestibular apresentaram índice mais elevado de estresse do que os estudantes do terceiro ano do ensino médio. Nesta pesquisa, a maior parte dos participantes frequentava o terceiro ano do ensino médio (77%), 14% deles, o curso pré-vestibular e somente 9% relataram cursar ambos. Dessa forma, pretendeu-se observar se existe diferença na maturidade e no estresse de jovens que já concluíram o ensino médio e aqueles que estão cursando o terceiro ano; também entre os jovens que cursam o terceiro ano regular e aqueles que cursam o chamado “terceirão”, que revisa todo conteúdo do vestibular ainda no ensino médio.

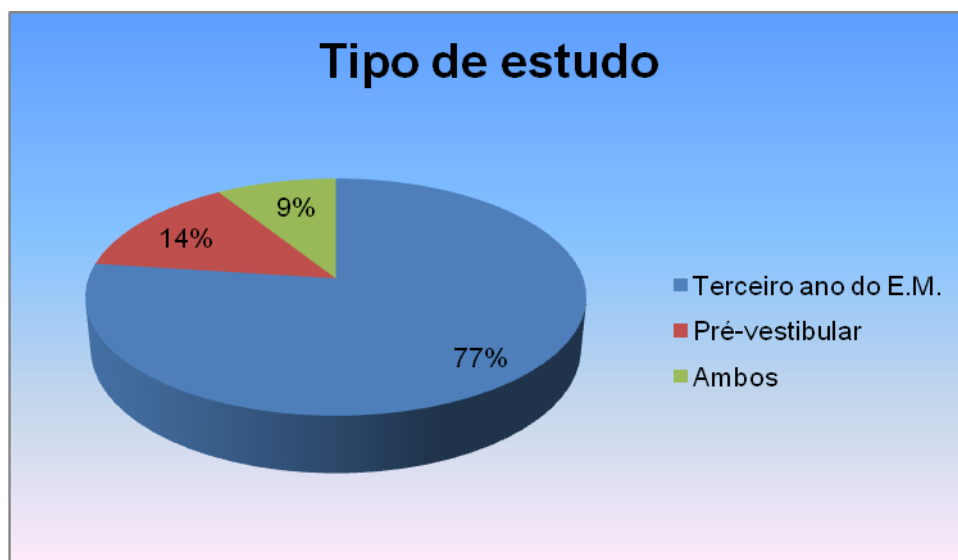


Figura 7 - Tipo de estudo dos participantes

Os três grupos, quando analisados pelo teste Anova, apresentaram diferenças significativas para todas as subescalas e para o total de maturidade ($F=14,34$, $F=10,52$ e $F=7,81$, $p=0,000$), com médias sempre significativamente menores para o alunos do terceiro ano do ensino médio do que para o discentes do curso pré-vestibular. O grupo que cursava o terceiro ano alinhava-se ao pré-vestibular em responsabilidade e no escore total de maturidade, ficando como intermediário sem diferenciação nas demais dimensões de maturidade. Em relação ao estresse, registrou-se diferença significativa entre os grupos tanto para sintomas físicos ($p=0,000$) quanto para psicológicos ($p=0,001$). Em ambos, os jovens do curso pré-vestibular apresentaram maiores escores que os do terceiro ano ou que estivessem cursando o “terceirão”.

Para a identificação dos fatores familiares que podem afetar o desenvolvimento dos jovens, foram coletados dados relativos à composição da família, à situação conjugal dos pais, à escolaridade e ao trabalho parental.

Conforme a Figura 8, os estudantes que participaram do estudo, em sua maioria (91%), relataram morar com a família, 5% afirmaram morar com outras pessoas, sendo os irmãos, avôs e esposo, 2% sozinhos e 2% com amigos. Entre os participantes que mencionaram morar sozinhos, com amigos ou outros, a maior parte declarou que seus pais residem em outra cidade.



Figura 8 - Com quem mora o participantes

Em algumas famílias outras pessoas desempenham o papel materno e (ou) paterno; neste estudo investigaram-se essas informações e as Figuras 9 e 10 apresentam os dados coletados.



Figura 9 - Papel materno

Na Figura 9 verifica-se que 96% dos participantes afirmaram, no momento da pesquisa, que a própria mãe desempenha o papel materno, 4% mencionaram que outras pessoas (avó ou tia) desempenham essa função e somente um estudante relatou ser a madrasta, o que não atinge nem 1% e por esse motivo não foi detalhado na figura. Contudo, de acordo com Figura 10, o padrasto para 5% dos participantes

desempenha o papel paterno, em 7% outros parentes como avôs e tios, e na maioria das respostas (88%) o próprio pai desempenha essa função.



Figura 10 - Papel paterno

A Figura 11 revela que a situação conjugal dos pais dos participantes em 54% dos casos é casada. Quarenta e seis por cento se encontravam em outra situação, sendo que 33% estavam separados, 6% viúvos, 5% solteiros e 2% em outra situação que não foi mencionada. Articulando esse dado com os resultados das Figuras 9 e 10, verifica-se que o número de pais e mães que desempenham seu papel parental, mesmo não estando casados, é bastante expressiva.

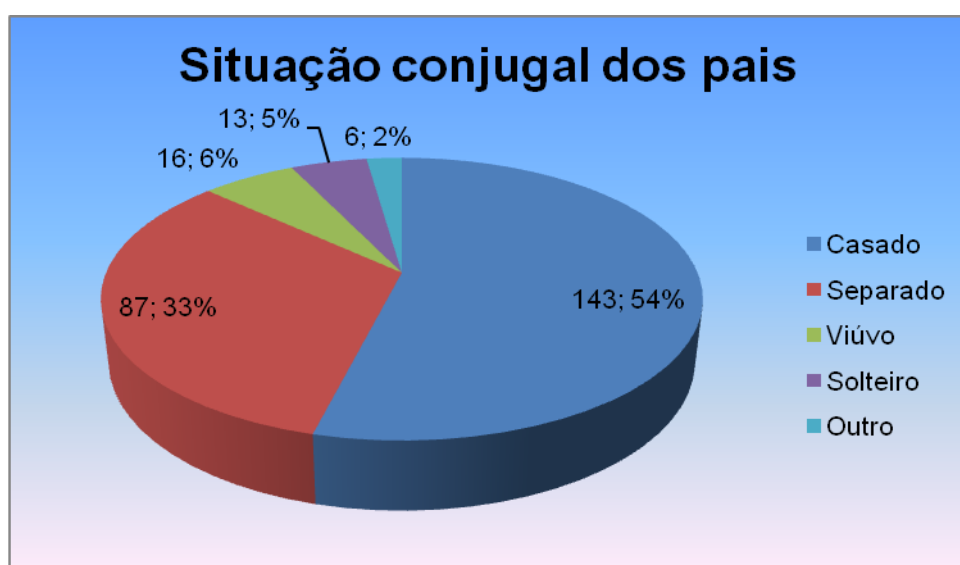


Figura 11 - Situação conjugal dos pais

As Figuras 12 e 13 apresentam dados sobre quem é o chefe da família e também sobre o trabalho e a escolaridade parental, separando a materna e a paterna.

Quando solicitado para indicar quem era considerado o chefe da família, o número de citações de pai e mãe foram semelhantes (44% e 46%, respectivamente), conforme Figura 12. Em oposição, dados do Censo (IBGE, 2000) indicaram que 73% dos chefes da família eram homens e 27% mulheres. Essa diferença pode ter relação com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, cada vez mais marcante na sociedade brasileira. Em 5% das famílias, pai e mãe dividem esta função, outros familiares como avós, esposo e irmão foram mencionados em 5% dos lares.

Os pais trabalharem fora de casa ou não torna-se uma informação importante considerando que, em pesquisa desenvolvida por Sobral, Gonçalves & Coimbra (2009), os resultados indicaram que os adolescentes filhos de pais empregados manifestam mais comportamentos de investimento vocacional do que os adolescentes que são filhos de pais desempregados. Neste estudo, 75% das mães dos participantes estão inseridas no mercado de trabalho, ou seja, somente um terço relatou ter a mãe dona de casa ou não empregada. Dados do Censo (IBGE, 2000) mostraram que 47% das mulheres brasileiras economicamente ativas estavam em atividade.

Em relação aos pais, 93% trabalhavam e somente 7% não estavam ativos. Dados do Censo (IBGE, 2000) apontaram que 74% dos homens brasileiros estão em atividade. Tanto nos dados maternos quanto nos resultados paternos foram verificadas taxas maiores de ocupação na presente pesquisa em relação ao Censo. Pode-se tratar de mudança ocorrida na última década, mas possivelmente a diferença está relacionada à forma de coleta de informação, envolvendo o conceito de população economicamente ativa ou a seleção de homens e mulheres já pais de adolescentes. É importante notar que, de qualquer forma, persiste maior taxa de ocupação para os homens do que para as mulheres.

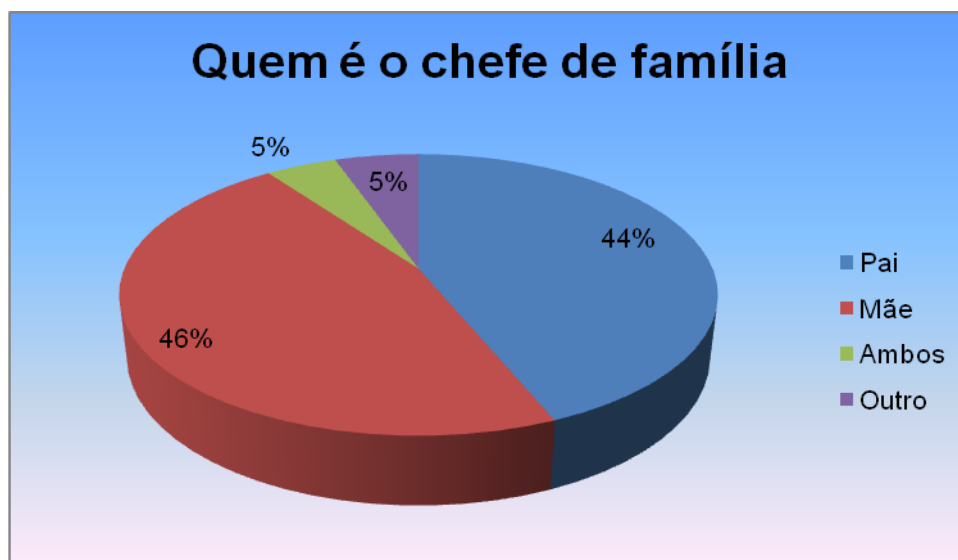


Figura 12 - Chefe da família

Conhecer a escolaridade dos pais dos participantes é fundamental, pois, de acordo com estudo desenvolvido por Sparta e Gomes (2005), o nível da escolaridade parental influencia na escolha dos filhos e filhos de mães com ensino superior apresentam mais vontade de prestar vestibular. Para Gonçalves e Coimbra (2007), o nível de escolaridade e as profissões dos pais também interferem no envolvimento e apoio parental no momento da elaboração dos projetos profissionais dos filhos. A Figura 13 demonstra a escolaridade parental dos participantes da pesquisa. Apenas 1% das mães não frequentou a escola, 14% concluiu o ensino fundamental e 35% finalizou o ensino médio. Em relação ao terceiro grau, 9% não concluíram, 27% cursou o ensino superior completo e 14% complementou com pós-graduação. Os resultados apresentados no Censo (IBGE, 2000) apontaram que 12% da população brasileira feminina não frequentou a escola, 44% concluiu o primeiro grau, 14% o segundo grau, 21% apresentava curso superior incompleto e 8% concluiu a graduação e cursou pós-graduação.

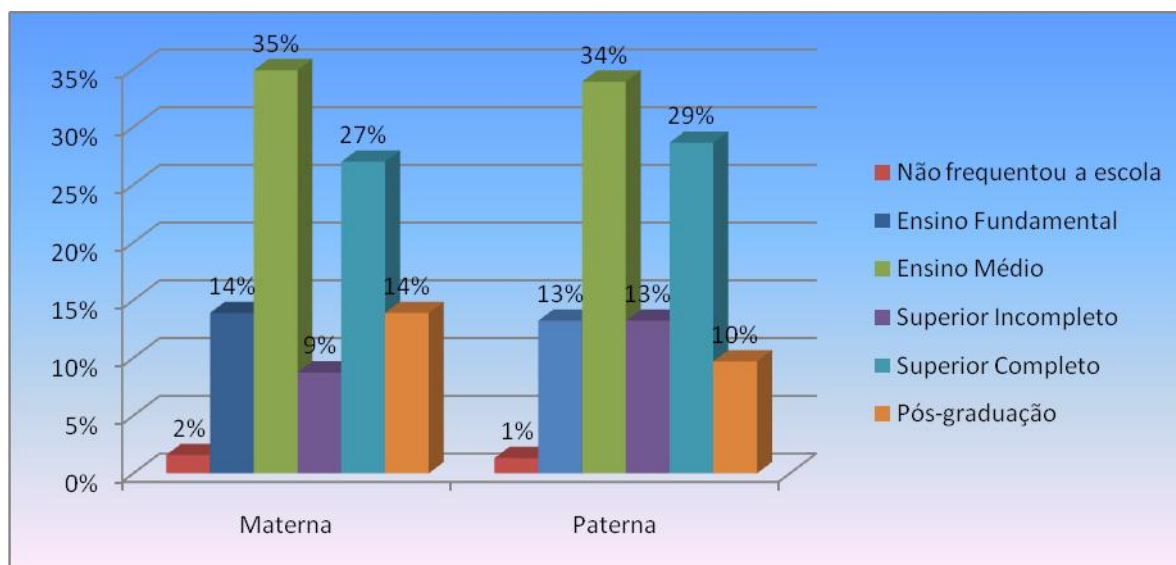


Figura 13 - Escolaridade dos pais

A escolaridade dos pais dos participantes também está representada na Figura 13. Apenas 1% não frequentou a escola, 13% dos pais concluíram o ensino fundamental e 34% finalizaram o ensino médio. Em relação ao terceiro grau, 13% não concluíram, 29% deles cursaram o ensino superior completo e 10% complementaram seus estudos com pós-graduação. Os resultados apresentados no Censo (IBGE, 2000) indicaram que 15% da população brasileira masculina não frequentou a escola, 51% concluiu o primeiro grau, 14% o segundo grau, 14% apresentava curso superior incompleto e 5% concluiu a graduação e cursou pós-graduação. Os resultados da pesquisa apresentam que a escolaridade dos pais dos participantes desta amostra está acima da média da população brasileira e corroboram os dados do Censo em relação à maior frequência de nível pós-graduação entre as mulheres.

Além dos pais, os irmãos também exercem influência no momento da escolha profissional de estudantes. O número de irmãos e a posição entre eles podem interferir na decisão em relação à escolha profissional dos jovens. Conforme Figura 14, a maior parte dos participantes do estudo (84%, n=226) possui irmãos e 16% (n=42) são filhos únicos. Dos estudantes com irmãos (n=226), 53% possuem somente um, 25% dois irmãos e 22% fazem parte de uma família com quatro ou mais filhos. Neste estudo, por meio do teste-T, não foi verificada diferença significativa entre maturidade e estresse de jovens com e sem irmãos.



Figura 14 - Número de irmãos

Quando perguntada qual a posição entre os irmãos, verifica-se na Figura 15 que 47% dos estudantes pesquisados são os mais jovens da família, seguido de 22% que são os primogênitos e 20% que se encontram em uma posição intermediária entre os filhos mais jovens e mais velhos. Na figura 15, o número de filhos únicos é 11%, diferente da figura 14 que apresenta 16% de participantes sem irmãos, isso ocorre porque 5% dos participantes não responderam à pergunta referente à posição entre irmãos, já que eles não os possuem. A maior parte (53%) dos irmãos dos participantes estava inserida no mercado de trabalho, enquanto 47% não trabalhavam no período da pesquisa. Esses irmãos que trabalham fora provavelmente servem de modelo, positivo ou negativo, para os jovens deste estudo. Nesta pesquisa, pelo teste Anova, encontrou-se que filhos únicos apresentam menos estresse na fase de resistência do que os filhos mais velhos ($F=4,12$, $gl=226$, $p=0,007$). Esse resultado pode estar relacionado à possibilidade de os filhos mais velhos se considerarem modelos para os outros irmãos, exigindo mais de si mesmos. Além disso, também pode-se considerar que as cobranças parentais são mais frequentes nos filhos mais velhos, o que contribui para manifestação de estresse na fase de resistência. Segundo Soares (1987), os filhos mais velhos geralmente são mais cobrados e sentem que devem cumprir o que os pais esperam. O filho do meio frequentemente é o mais livre em relação às pressões e cobranças paternas e ele consegue assumir os seus interesses profissionais com mais facilidade. É comum o irmão menor escolher a mesma profissão do irmão mais

velho e quando esses não realizam as expectativas dos pais, os filhos mais novos sentem-se cobrados em satisfazer o esperado. Os filhos únicos carregam sozinhos todas as expectativas, assim escolher a profissão torna-se muito difícil quando vai contra o que os pais esperam que ele escolha.

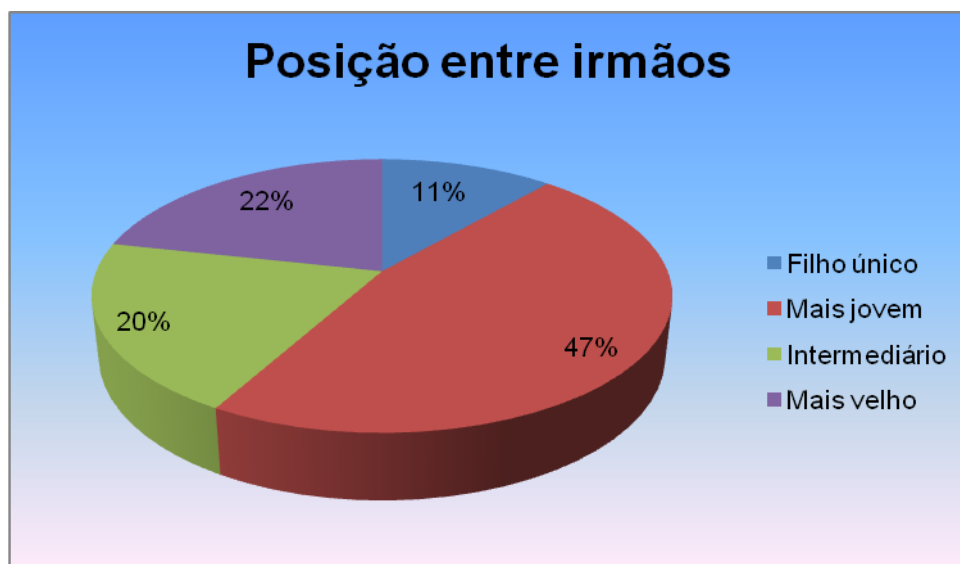


Figura 15 - Posição entre em irmãos

As Figuras 16, 17 e 18 apresentam dados referentes aos aspectos acadêmicos e profissionais dos participantes da pesquisa.

A Figura 16 apresenta a situação ocupacional dos jovens pesquisados, 59% dos participantes declararam que nunca haviam trabalhado e 41% afirmaram que já, sendo que 35% recebiam por isso e apenas 6% prestavam serviços voluntários. O rendimento escolar de um aluno que trabalha provavelmente será prejudicado (Soares, 1987), contudo, conforme Figura 17, neste estudo somente 5% dos estudantes autodeclararam estar abaixo da média escolar, mesmo que alguns deles estivessem trabalhando no momento da pesquisa.

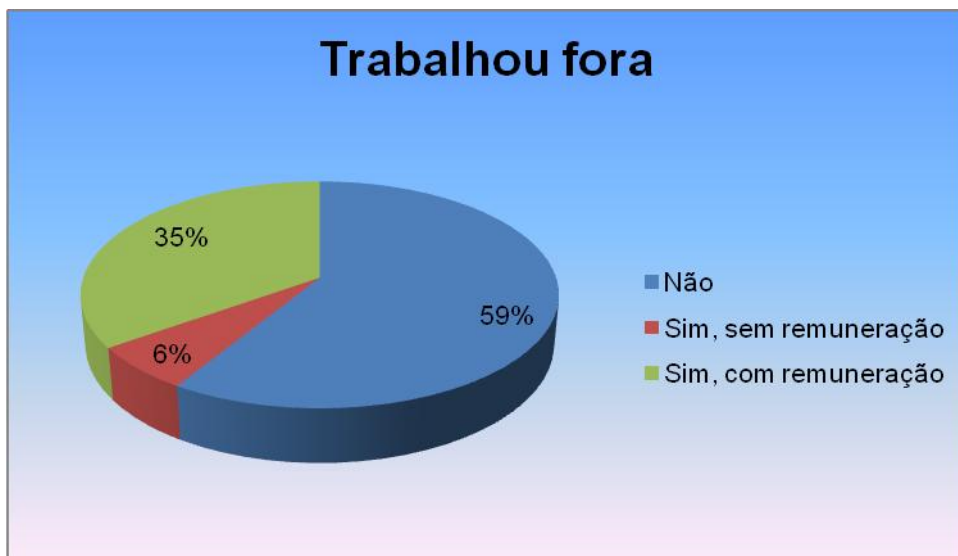


Figura 16 - Situação ocupacional dos estudantes

Mensurar o desempenho acadêmico tem-se constituído um desafio, sobretudo para pesquisadores brasileiros. Salvador (2007) alerta que mesmo utilizando as notas escolares, variações relacionadas ao método de avaliação empregado pelo professor podem levar a dados inadequados. Dessa forma, optou-se neste trabalho por coletar somente a autoavaliação dos participantes e verificou-se conforme Figura 17, que a maior parte dos estudantes (68%) percebe-se na média, 27% acima da média e somente 5% deles consideram-se abaixo da média.

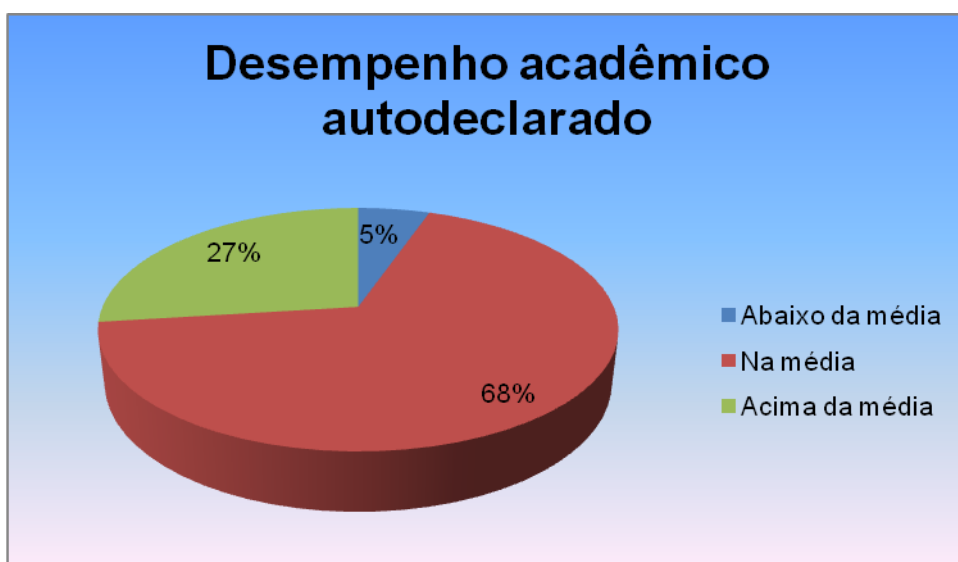


Figura 17 - Desempenho acadêmico autodeclarado

Investigando o projeto de vida dos jovens, de acordo com a Figura 18, verificou-se que a maioria (82%) pretende estudar até a pós-graduação, enquanto apenas 4% pensam em interromper os estudos no ensino médio. Considerando a variedade de nível econômico dos participantes e a inclusão de jovens tanto de escola pública quanto particular, pode-se considerar uma alta taxa de desejo de especialização. Cursar o ensino superior é um objetivo comum de estudantes de diferentes culturas e níveis econômicos (Noronha e Ottati, 2010).

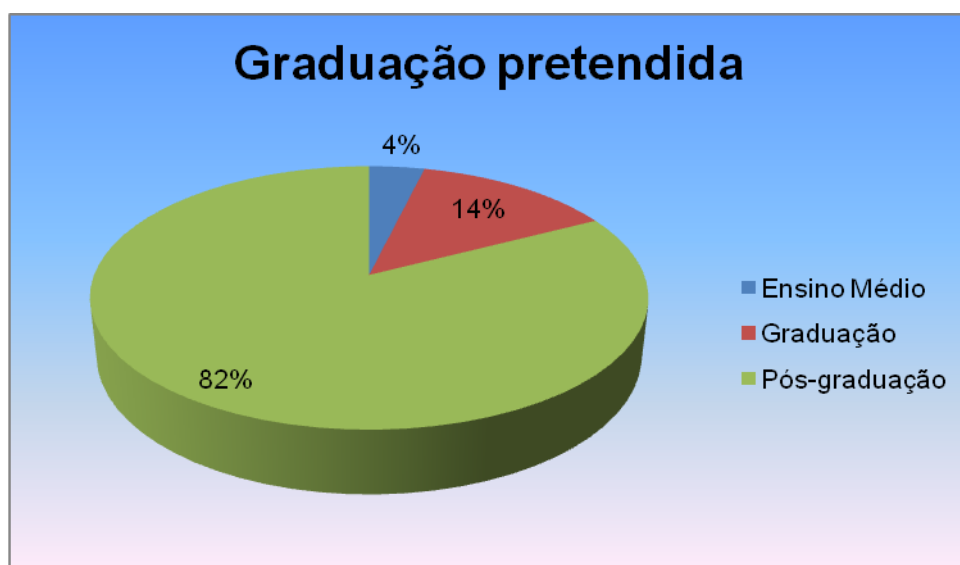


Figura 18 - Escolaridade pretendida

Lucchiari (2003) afirma que a cada dia que passa os jovens têm maior dificuldade para fazer suas opções. Quando indagado para os participantes quanto é difícil escolher a profissão, considerando uma escala de 1 a 10, a média das respostas foi 6,32 (desvio padrão de 2,71). Conforme Figura 19, metade dos participantes respondeu um índice acima de 7, 25% entre 5 e 7 e 25% entre 1 e 5. No momento da pesquisa, 74% dos jovens afirmaram já ter a escolha de curso definida, enquanto 26% ainda apresentam dúvidas entre duas ou mais opções. Articulando esse resultado com o da Figura 18, percebe-se que 8% dos estudantes que pretendem estudar até a pós-graduação (82%) ainda não sabem o que escolher para curso de graduação. Esses resultados levam a pensar qual o lugar do curso superior e da pós-graduação para os jovens atualmente. O interesse em ingressar no ensino superior pode estar relacionado com a tentativa de ascensão social por meio do estudo ou, ainda, transmitidos pela

família, a influência de fatores sociais como a ideologia dominante, os valores morais e a cultura, que valorizam o “diploma” (Soares, 2002a).

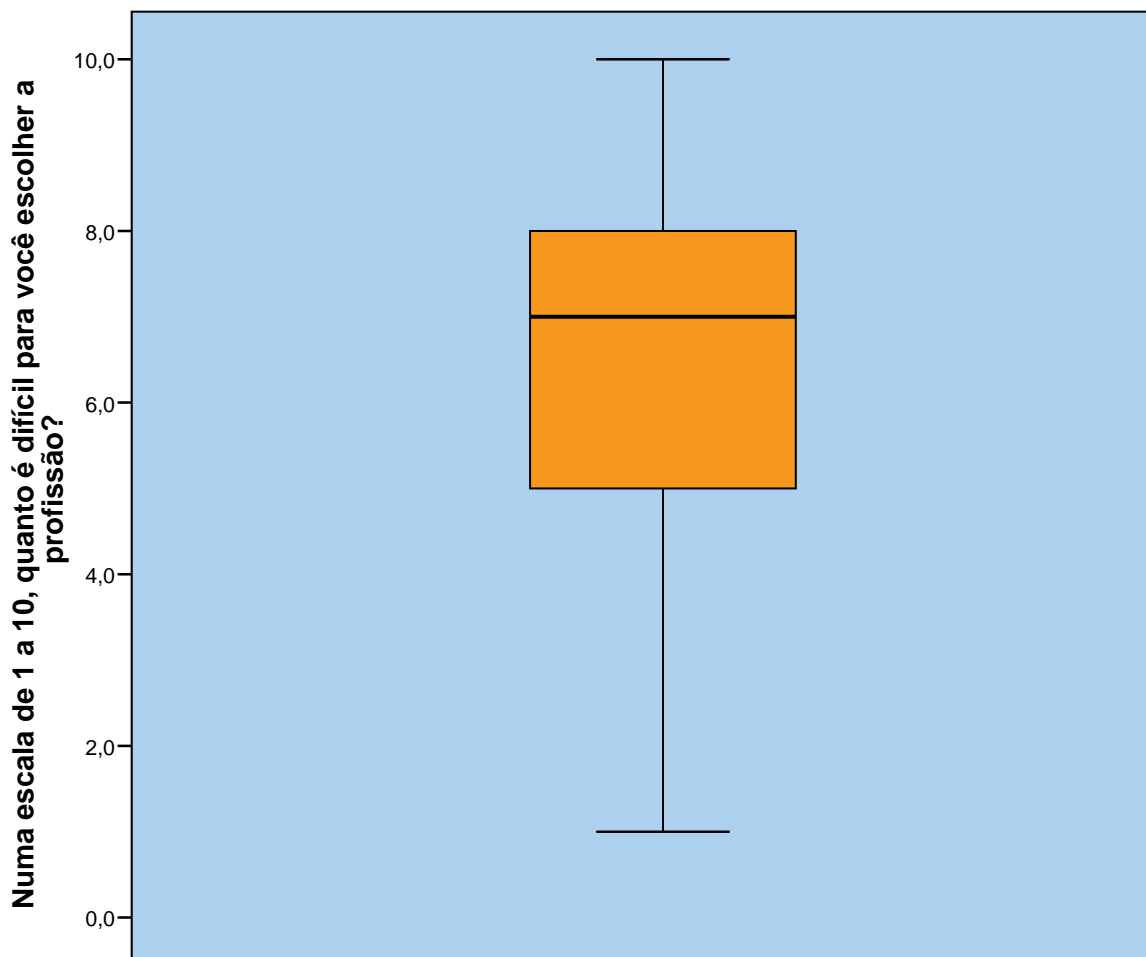


Figura 19 - Dificuldade para escolher a profissão declarada pelos participantes

O momento da escolha profissional é de bastante conflito para o jovem (Moura, 2008). A Figura 20 reflete essa dificuldade para realizar a escolha, dos 26% dos participantes que apresentam dúvida em relação ao curso, 8% relatam quais os cursos em que estão em dúvida. Desses, 60% (5% da amostra total) declaram que os cursos pretendidos não são da mesma área do conhecimento e 40% (3% da amostra total) afirmam que as possibilidades são da mesma área. Neiva (1995) afirma que uma escolha profissional madura requer adquirir, analisar e integrar conhecimentos, desenvolvendo atitudes e habilidades que permitam aprender a decidir (Neiva, 1995).

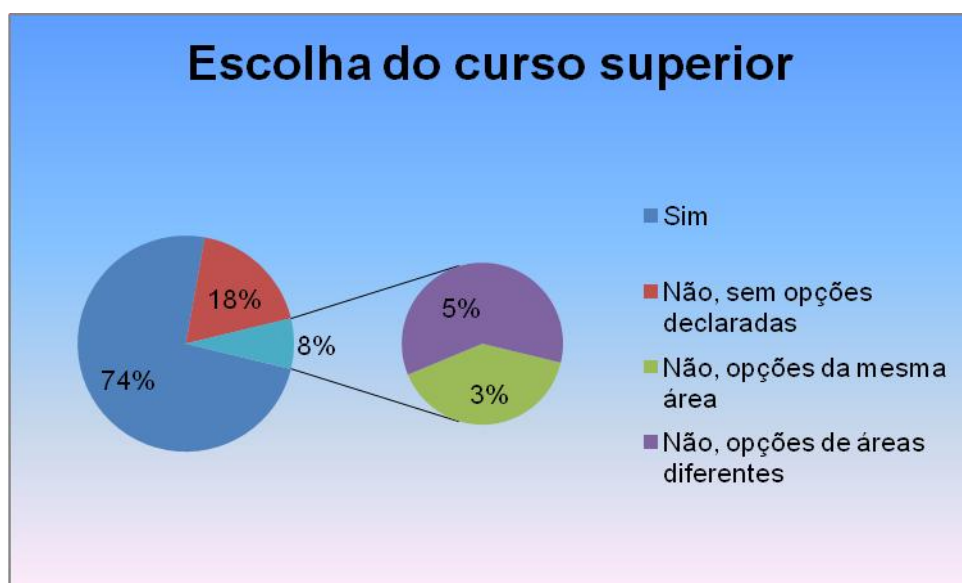


Figura 20 - Nível de definição da escolha de curso superior dos participantes

Atualmente as opções de cursos são vastas, no Brasil são em média 16 mil cursos de graduação oferecidos em mais de 1,8 mil instituições de ensino superior (Dias & Soares, 2009). Conforme Figura 21, as mais diversas áreas do conhecimento estiveram representadas nas escolhas dos participantes deste estudo. A área Ciências da Saúde foi a mais citada (33%), que inclui os seguintes cursos: Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Terapia Ocupacional. Em seguida, as Ciências Sociais (Administração, Gestão da informação, Ciências Contábeis e Econômicas) foram escolhidas por 17% dos participantes. As Ciências Humanas, Letras e Artes somaram 15% das decisões, 12% dos participantes optaram pelas Ciências Exatas e 10% por Ciências Jurídicas, que inclui somente o curso de Direito (Anexo I).

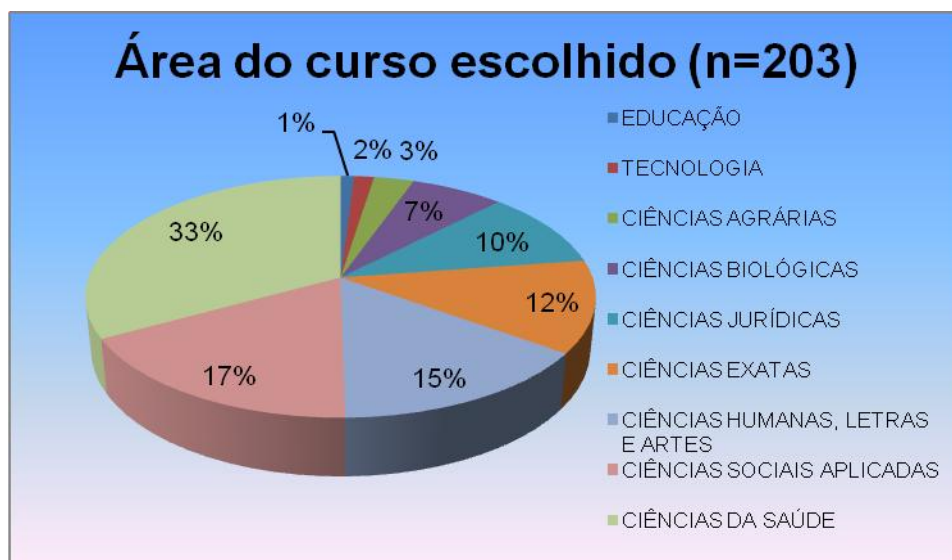


Figura 21 - Área do curso escolhida

Dos estudantes que já tinham a escolha de curso definida no momento da pesquisa, 98% afirmaram ter escolhido curso superior, sendo que 3% mencionam o curso tecnológico e somente 5% pretendem cursar o técnico. Os pesquisadores Sparta e Gomes (2005) confirmaram em seu estudo com 659 estudantes, de escolas públicas e privadas, a importância atribuída ao ingresso no ensino superior pelos alunos do ensino médio. Eles explicam que essa hegemonia pode ser atribuída ao desejo de ascensão social das classes populares e também pela desvalorização, em nossa sociedade, de outras formas de ocupação. Durante a aplicação dos questionários, muitos estudantes perguntaram para a pesquisadora a diferença entre curso técnico, tecnológico e superior. Com isso, verifica-se a necessidade de trazer informações acadêmicas e profissionais para essa população, uma vez que esse conhecimento é fundamental para realizar uma escolha adequada. Moura (2008) afirma que é esclarecedor conhecer as profissões existentes, quais são as mais acessíveis à realidade em que o adolescente está inserido e quais podem corresponder às expectativas de estudo e trabalho futuro.

Nota-se que a fim de melhor aproveitar a motivação e o potencial produtivo de jovens como os desta amostra, programas de bolsas, financiamentos e ampliação de vagas são de grande valia. Conforme a Figura 22, 41% dos estudantes pesquisados visam somente à instituição pública de ensino.



Figura 22 - Instituição visada

De acordo com a Figura 23, entre os jovens pesquisados 36% desejam se inscrever no programa de cotas, o que pode ser considerado uma proporção baixa, uma vez que 58% dos participantes deste estudo estavam inseridos em instituição pública. As cotas podem constituir mais um fator para incrementar as expectativas e ambições de formação dos jovens nesta sociedade. Um aspecto que, no entanto, merece grande atenção é a preparação e informação quanto às condições que os jovens enfrentariam no futuro imediato: foram muito frequentes as indagações, dos jovens para as pesquisadoras, sobre o que seriam as cotas e como elas funcionam. Nesse sentido, cabe um alerta às escolas, especialmente às públicas, quanto ao seu papel fundamental de formadoras de cidadãos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) enuncia já no seu segundo artigo “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ou seja, as escolas devem preparar para vida, também estimular o processo de autoconhecimento e conhecimento do mundo do trabalho; e não priorizar, somente, os conteúdos teóricos cobrados no vestibular e tão valorizados pela sociedade.

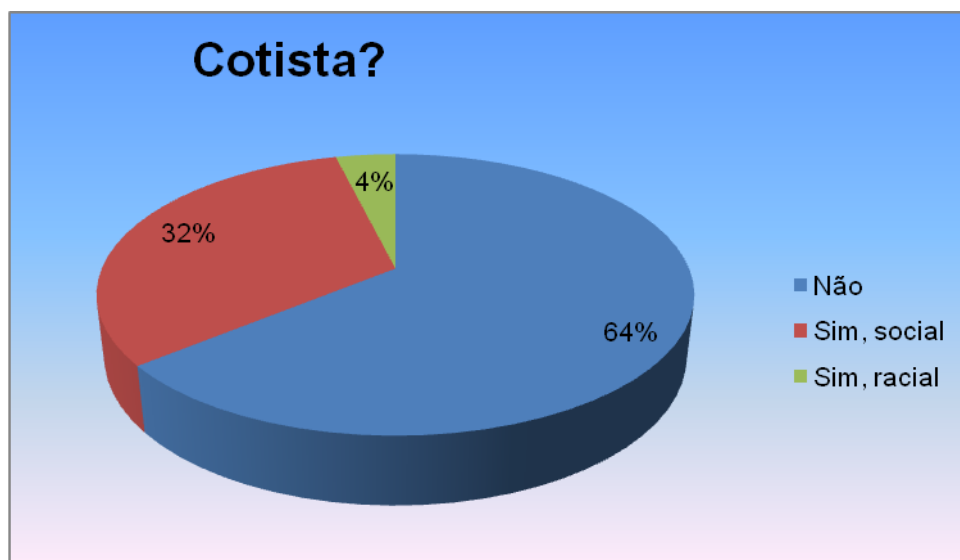


Figura 23 - Cotista entre jovens pesquisados

As Figuras 24 e 25 apresentam os resultados referentes às perguntas sobre o vestibular. Como já mencionado, a maior parte dos participantes (96%) pretende ingressar no ensino superior (Figura 18) e para que isso se torne realidade, eles deverão passar pelo processo seletivo do vestibular. Conforme a Figura 24, 77% dos jovens deste estudo não tentaram o vestibular anteriormente e 23% tinham realizado a prova. Esse dado parece coerente quando articulado com o da Figura 7, considerando que 14% dos participantes são alunos de curso pré-vestibular, os outros 9% provavelmente são os alunos que fizeram o vestibular como “treineiro”.



Figura 24 - Experiência anterior em concurso vestibular

Dos participantes deste estudo, 35% dos estudantes que já realizaram a prova do vestibular ($n = 60$) foram aprovados e 65% deles não, o que exigirá tentar novamente o concurso, estudar mais e (ou) de maneira diferente de como fizeram na primeira tentativa. Para alguns vestibulandos, estudar se torna uma “neurose” e eles deixam de fazer muitas atividades da vida pessoal somente para se dedicar aos estudos, contudo, muitas vezes não é lembrado que a estrutura social não está preparada e organizada para receber todos os jovens no ensino superior (Lucchiari, 1993).

Levando em consideração que o número de vagas para ingresso no ensino superior é inferior ao número de candidatos por vaga, o vestibular pode se tornar um agente estressor. Com o intuito de verificar qual a percepção dos estudantes sobre o vestibular, solicitou-se que eles completassem a seguinte frase: “Vestibular em uma palavra é...”

Todas as respostas mencionadas estão presentes no Anexo J. De todos os participantes ($n = 268$), somente 24 não responderam e por esse motivo o número total de respostas foi 224, sendo que a palavra mais mencionada para definir vestibular foi “difícil” ($n = 28$). Em seguida as definições mais citadas foram “prova/teste/avaliação” ($n = 14$), “estudo” e “tenso” foram apontadas dez vezes, nove respostas apresentaram

“desafio” e sete vezes a palavra “estressante”. Além dessas, em menor frequência, foram mencionadas “cansativo”, “medo”, “guerra”, “inútil”, “preocupante”, “pressão”, “angustiante”, “assustador”, “aterrorizante” e “desespero”. Percebe-se com as respostas que, para grande parte dos estudantes, o vestibular está vinculado a desconforto. Esse dado não é novidade, já que Alves, em 1984, afirmou que o vestibular apresenta um poder enorme de aterrorizar e intimidar os estudantes (Lucchiari, 1993); todavia, mesmo depois de décadas, ele continua sendo requisito para ingresso no ensino superior.

Na Figura 25, por meio do método de categorização de equivalência semântica de conteúdo, as respostas dos participantes foram categorizadas. Percebe-se que para a maioria dos jovens deste estudo (38%) o vestibular está vinculado ao desconforto. Para D’Avila (2003), o vestibular gera conflitos, dúvidas, medo e ansiedade; o medo da reprovação, o excessivo número de matérias para estudar e o elevado número de candidatos por vaga são os motivos que mais geram ansiedade. De acordo com Silvestre (2004), a maioria dos estudantes sofre da tensão pré-vestibular (TPV), o que pode acabar prejudicando o desempenho na prova. Todavia, vale observar que neste estudo o vestibular representa para 21% dos participantes esperança. Assim, ele pode ou não ser um evento estressor para os jovens, uma vez que, de acordo com Lipp (1996), as fontes de estresse são diversificadas para cada indivíduo, pois é a compreensão que se dá a cada evento que a qualifica como estressor ou não.

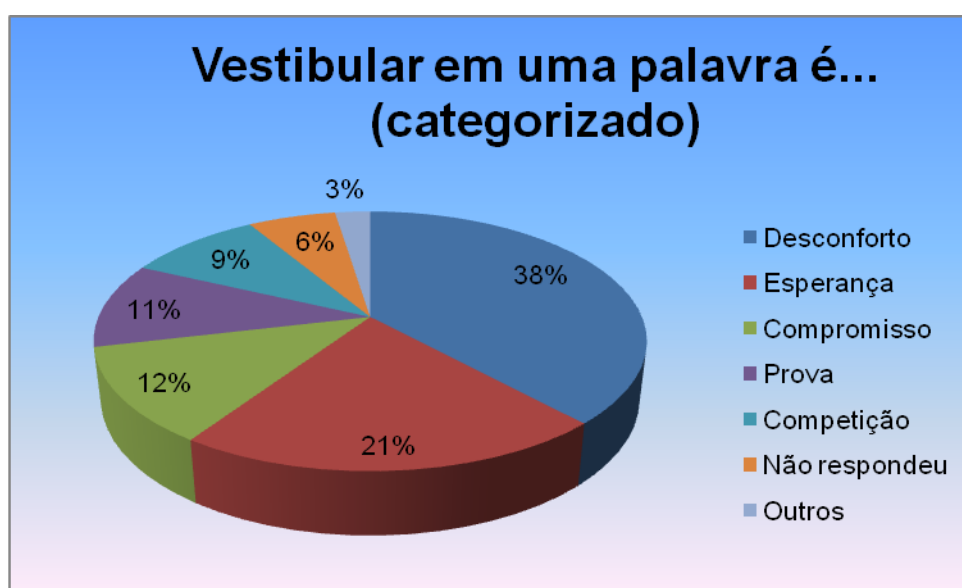


Figura 25 - Definição de vestibular

As Tabelas 5 e 6 e as Figuras 26 e 27 apontam os resultados da participação da família na vida acadêmica e no momento da escolha profissional dos filhos.

Conforme Tabela 5, a prática mais comum entre os pais e as mães é incentivar a estudar (75% e 88%, respectivamente). O incentivo para fazer cursos extras (53% e 64%) e procurar um estágio ou trabalho é menor (31% e 35%). As mães (75%) e os pais (63%) tentam saber por quais carreiras os filhos demonstram interesse e são poucos os pais (13%) e as mães (7%) que criticam e desvalorizam muito determinadas profissões. A metade dos pais reclama do trabalho que desenvolve (50%), as mães também aproximam-se desse valor (51%) e mais da metade dos pais (76%) e das mães (81%) costumam conversar com o filho sobre o seu trabalho. Os participantes desta pesquisa afirmaram que os pais (46%) prometem mais recompensa do que as mães (44%) caso sejam aprovados no vestibular. Com esses resultados, verifica-se que pais e mães participam de maneira diferente nesse processo de escolha dos filhos, pois para quase todas as práticas os escores maternos foram maiores que os paternos, exceto em oferecer recompensas e na frequência em que criticam e valorizam determinadas profissões. Bardagi e Hutz (2008) corroboram que quando se avalia a diferença na participação de pai e mãe no processo de inserção e saída do curso universitário, verifica-se que a mãe é descrita como apoiadora, incentivadora dos interesses e aberta à comunicação com os filhos, estando mais informada sobre seus sentimentos e dificuldades em relação à escolha da carreira. O pai é geralmente descrito como a figura de autoridade, mais exigente, preocupado com resultados (aprovação, trabalho, diploma), gerador de ansiedade nos filhos e menos informado sobre os sentimentos deles.

Tabela 5: Práticas Parentais relacionadas à escolha

Práticas parentais relacionadas à escolha	Pai			Mãe		
	Nada	Pouco	Muito	Nada	Pouco	Muito
Me incentiva a estudar	7%	18%	75%	2%	10%	88%
Tenta saber por quais carreiras me interesse	11%	25%	63%	4%	21%	75%
Me incentiva a fazer cursos extras (ex. línguas estrangeiras, música, esportes)	15%	31%	54%	10%	27%	63%
Me incentiva a procurar um estágio ou trabalho.	28%	41%	31%	24%	41%	35%
Promete recompensas caso seja aprovado no vestibular	54%	27%	19%	55%	28%	16%
Critica/desvaloriza determinadas profissões	57%	30%	13%	56%	36%	7%
Costuma conversar comigo sobre seu trabalho	24%	38%	38%	19%	34%	47%
Reclama de seu trabalho	50%	44%	6%	48%	44%	7%

Quando indagados acerca das possíveis influências sobre sua escolha profissional, os participantes da pesquisa afirmaram que as pessoas que mais influenciam no momento da escolha são os familiares (50%), entre eles tios e primos são os mais mencionados, seguido dos pais (23%) e amigos (19%), de acordo com a Figura 26. Em contrapartida, em estudo desenvolvido por Levenfus e Nunes (2002), encontra-se que as qualidades e preferências dos adolescentes quanto à escolha estão relacionadas com as identificações feitas com familiares, professores e amigos, apesar de os jovens mencionarem que a influência dos amigos é quase nula, a dos avôs e parentes está presente, e serem unânimes em declarar os pais como os que mais influenciam de forma ativa, com pressões e cobranças, aprovação, imposição e (ou) desaprovações.

Essa diferença nos resultados pode estar relacionada com o método utilizado neste estudo. Aqui as perguntas foram específicas sobre a influência de familiares, pais e amigos e por esse motivo professores não foram mencionados; além disso pode-se considerar, como hipóteses, a baixa percepção desses jovens em relação às influências dos pais no processo de escolha da profissão e, ainda, que a influência dos pais no momento da escolha está diminuindo.

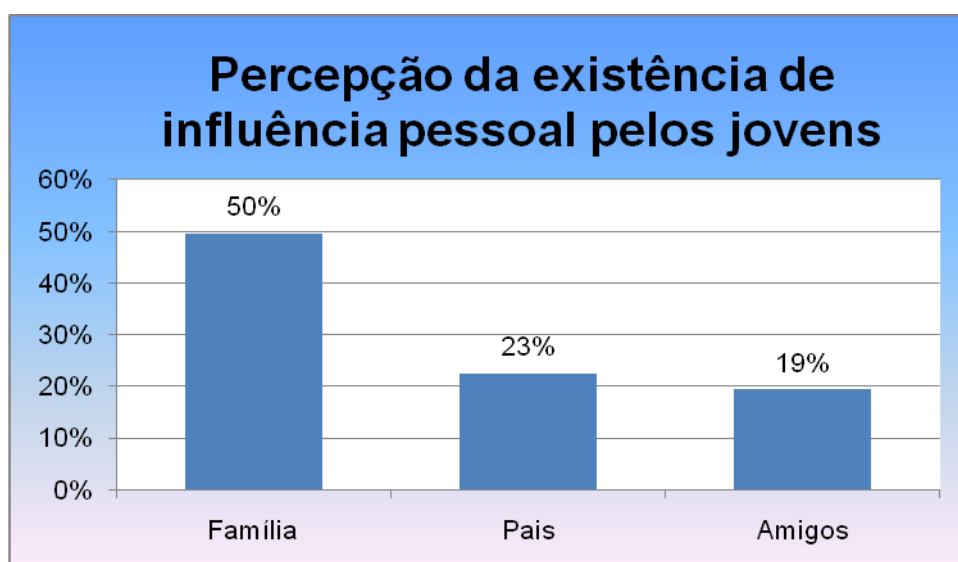


Figura 26 - Influência em sua escolha

Por meio da leitura das frases de comentários foi possível investigar melhor como os jovens percebem essas influências, e a seguir apresentam-se aspectos que puderam ser observados:

- Para muitos jovens o conceito de influência parece ter sido associado aos pais realizarem a escolha por eles:
 - [Família] “Não influenciam muito. Só desaprovam grande parte das profissões que eu gostaria de seguir.” (C24)
 - [Família não influencia.] “Não influenciam, apenas querem uma profissão reconhecida.” (C266)
 - [Família não influencia.] “Não, eles apenas conversam comigo sobre o mercado de trabalho, satisfação pessoal e me apoiam na minha escolha.” (C39)
- Muitos jovens acreditam que escolher segundo o próprio gosto ou preferência significa a inexistência de outras influências:
 - [Família não influencia.] “Minha família não influencia pois é algo que eu gosto e eu escolhi.” (C200)
 - [Família não influencia.] “A decisão foi totalmente minha, desde 5 anos de idade.” (C230)
- Muitas famílias parecem atuar adequadamente no apoio aos jovens neste momento:
 - [Família influencia] “Minha família tenta me apresentar opções plausíveis conforme minhas facilidades e interesses. (C64)
 - [Família influencia] “Com diálogo. Conversamos muito para procurar qualidades em mim e como possa usá-la para uma futura profissão.” (109)
- Muitas famílias definem critérios que limitam a escolha dos jovens:
 - [Família influencia] “Bem pouco. Eles só querem que não seja igual a eles sem estudo e uma profissão boa.” (C129)
 - [Família influencia] “Exigindo que faça o que eles mesmos fizeram, dizendo que o retorno financeiro é maior. E que tem que ganhar dinheiro.” (C35)
 - [Família influencia] “O fator que pode ser "determinante" é o retorno financeiro. Para minha mãe, 1º ganhe dinheiro, 2º faça o que você quer.” (C22)

- Em alguns casos, a influência é percebida, mas não considerada intencional:
 - [Família influencia] “Meus pais não queriam influenciar e deixaram que eu escolhesse, mas a profissão que escolhi é justamente a que minha mãe gostaria que eu seguisse.” (C224)
 - [A profissão dos pais influencia.] “Sim, porque já sei de certa forma que não quero trabalhar no que ele faz.” (C8)
- Poucos jovens mencionaram familiares diferentes dos pais:
 - [Família influencia] “Meus tios que falavam sobre a profissão. E alguns primos atuam na área.” (C260)
 - [Família influencia] “O meu pai e a minha mãe são da área da saúde e falam sempre bem do trabalho e do retorno financeiro e meu irmão mais velho faz faculdade de medicina e adora o curso.” (C261)
- Quando indagados sobre a influência da profissão dos pais, para a grande maioria dos jovens somente foi dito existir influência se houvesse semelhança entre aquela e a própria escolha:
 - [A profissão dos pais não influencia.] “Não, pois não tem nada em comum com o que eu escolhi para mim.” (C15)
 - [A profissão dos pais influencia.] “Sim, vou fazer engenharia pois o meu pai já cursou e procuro continuar no ramo.” (C99)
- Poucos jovens consideraram a possibilidade de uma influência indireta da profissão dos pais:
 - [A profissão dos pais influencia.] “Sim, como tenho contato íntimo e direto com eles, conheço os prós e contras de suas profissões.” (C262)
- Haver uma influência por parte dos amigos foi tomado pela maioria dos jovens como algo negativo:
 - “Não, pelo contrário, me dão muito apoio.” (C16)
 - “Não, não levo em consideração o que eles pensam ou dizem.” (C32)
- Em poucos casos houve um relato de influência positiva dos amigos:

- “Sim, muitas vezes mostrando-nos coisas novas que interferem na escolha profissional.” (C43)

A família tem sido considerada o fator de maior influência no desenvolvimento de carreira e, especificamente, na tomada de decisão vocacional, sobretudo, em termos de apoio afetivo e instrumental (Bardagi, 2009). Conforme a Figura 27, nesta pesquisa fica evidente que não é pela “herança profissional” que os familiares influenciam, pois apesar de os participantes deste estudo afirmarem que os familiares são os que mais influenciam em sua escolha profissional (Figura 26), 78% dos participantes mencionam que nenhum familiar atua na profissão pretendida, enquanto 22% relatam que algum membro da família atua na profissão escolhida, sendo que a mãe foi a mais citada (9%), seguida de tios (5%), pai (4%), primos (3%) e somente 1% irmãos, conforme a Figura 27. Cabe lembrar que a maior parte desses participantes possui irmãos (84%) e 47% deles são os filhos mais jovens e, mesmo assim, os irmãos foram mencionados somente em 1% dos casos. Com esse resultado, percebe-se que, para maioria dos filhos, a mãe é vista como modelo e referência no momento da escolha profissional. Esse dado pode estar relacionado com a participação ativa e o envolvimento das mães na educação dos filhos e também porque neste estudo o número de participantes do gênero feminino é maior do que do gênero masculino.

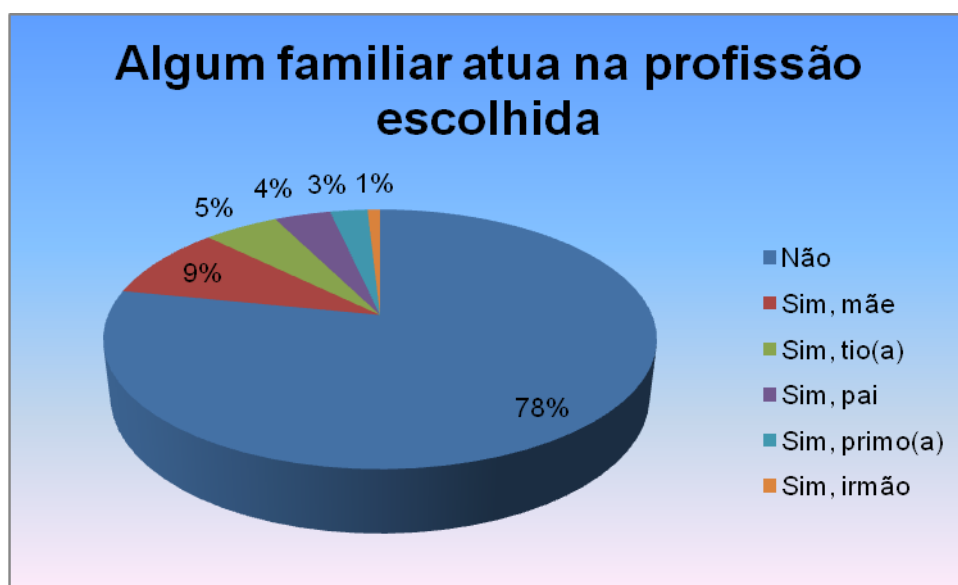


Figura 27 - Profissão escolhida e influência familiar

Em cada família o assunto escolha profissional dos filhos é abordado de maneira específica e as posições variam do silêncio dos pais como tentativa de não dizer o que pensam para não influenciar até manifestações claras ou implícitas a favor ou contra a escolha dos filhos (Lima & Ramos, 2002). A Tabela 6 aponta que, de acordo com a percepção dos filhos, 201 mães não querem que o filho siga uma profissão específica, no entanto 55 dos participantes afirmam que existe uma preferência, sendo que 27 deles escolheram a profissão que a mãe gostaria.

Tabela 6: Tabela expectativa mãe

Sua mãe quer que você siga uma profissão específica?		O desejo de sua mãe é por qual tipo de profissão?		A profissão escolhida por você é a mesma que sua mãe escolheu?	
Não	79%				
Sim	21%	Profissões mais valorizadas (Medicina, Direito, Engenharia)	13%	Não	8%
		Outras profissões	8%	Sim	11%
		Não respondeu	1%	Não respondeu	3%

No caso dos pais, conforme Tabela 7, os resultados são bastante próximos, 197 indicam que não existe uma preferência por parte do pai, 54 afirmam que existe e 28 estudantes escolheram cursar o que o pai valoriza. O jovem pode apresentar a dúvida entre escolher o que realmente deseja ou seguir a profissão esperada pelos seus familiares (Soares, 2002a). Isso pode ocorrer por diversos motivos, entre eles pelo fato do jovem ainda não ter uma escolha definida, por realmente se identificar com a profissão sugerida ou ainda por não querer desagradar os familiares. Na percepção dos filhos, as profissões mais valorizadas pelas mães (n=33) e pelos pais (n=28) são medicina, direito e engenharia, profissões com *status* e valorizadas em nossa sociedade. Para Soares (2002a), ainda nenhuma profissão obteve o prestígio e o *status* social que as profissões de medicina, engenharia e direito alcançaram.

Tabela 7: Tabela expectativa pai

Seu pai quer que você siga uma profissão específica?		O desejo de seu pai é por qual tipo de profissão?		A profissão escolhida por você é a mesma que seu pai escolheu?	
Não	78%				
Sim	22%	Profissões mais valorizadas (Medicina, Direito, Engenharia)	11%	Não	6%
		Outras profissões	9%	Sim	11%
		Não respondeu	2%	Não respondeu	4%

Os fatores que interferem na escolha profissional de jovens são diversos: políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos (Soares, 1987). Na Tabela 8 verifica-se que um fator que influencia muito a escolha da profissão dos participantes é a satisfação pessoal (89%), seguida da habilidade com a matéria (70%). É provável que esses sejam os principais influentes no momento da decisão dos jovens participantes deste estudo, contudo deve-se ficar alerta, uma vez que ainda existem muitos estereótipos e falsas relações entre a habilidade com as matérias do ensino médio e a escolha do curso no ensino superior; assim, vale reforçar que a habilidade com a matéria durante o ensino médio não garante a satisfação pessoal no ensino superior. Para aproximadamente metade dos estudantes (49%), o *status* da profissão influencia pouco no momento da escolha e o que menos influencia para maior parte deles (61%) são os amigos e a baixa concorrência no vestibular (57%). Para os participantes deste estudo, a influência dos amigos não foi percebida como importante; contudo em estudo desenvolvido por Pereira e Garcia (2007), 93% das alunas e 80% dos alunos afirmaram conversar com seus amigos sobre o seu futuro profissional. A família foi citada por 15% dos jovens como fator que influencia muito, para 41% pouco e 44% mencionaram que não influencia nada. Para realizar a escolha profissional é importante que o jovem conheça os critérios e os fatores que embasam sua decisão e, para isso, os retornos do trabalho, as atividades desenvolvidas, o *status*, a satisfação pessoal, entre outros aspectos, devem ser considerados (Neiva, 2008).

Tabela 8: Fatores que influenciam a escolha

	Retorno financeiro	Status	Influencia da família	Influencia dos amigos	Meios de comunicação	Satisfação pessoal	Habilidade com a matéria	Baixa concorrência no vestibular
Nada	12%	28%	44%	61%	32%	2%	4%	57%
Pouco	45%	49%	41%	32%	42%	10%	27%	33%
Muito	43%	22%	15%	7%	25%	89%	70%	10%

4.2 Estresse

As Figuras 28, 29, 30 e 31 apresentam resultados relativos ao estresse dos participantes, detalhando o quanto os jovens deste estudo se consideram estressados, se há presença ou não de estresse nos participantes, as fases, os sintomas e as

causas predominantes, assim como as estratégias de enfrentamento que os estudantes utilizam para lidar com o estresse.

Quando indagado aos jovens deste estudo o quanto eles se consideram estressados, considerando de 1 a 10, a média das respostas foi de 5,45 (desvio padrão de 2,85). De acordo com a Figura 28, verifica-se que 50% deles atribuíram no momento da pesquisa nota 6 ou maior que esse valor, sendo que 25% responderam entre 6 e 8 e os outros 25% entre 8 e 10. Os dados foram coletados no mês de junho e esses resultados são esperados, uma vez que eles se encontram na adolescência e, além disso, são pré-vestibulandos. Para entender melhor o estresse na adolescência, é necessário compreender o contexto social em que o jovem está inserido, identificando se há, para ele, cobranças em relação à escolha da profissão, aprovação no vestibular, o início do planejamento da carreira, além das mudanças físicas e psicológicas, bem como as expectativas da família e seus próprios anseios. Todos esses fatores somados às diversas transformações, assim como a euforia mediada por eventos sociais, ansiedades, hormônios, contribuem para a manifestação de situações estressoras (Patara, 2010).

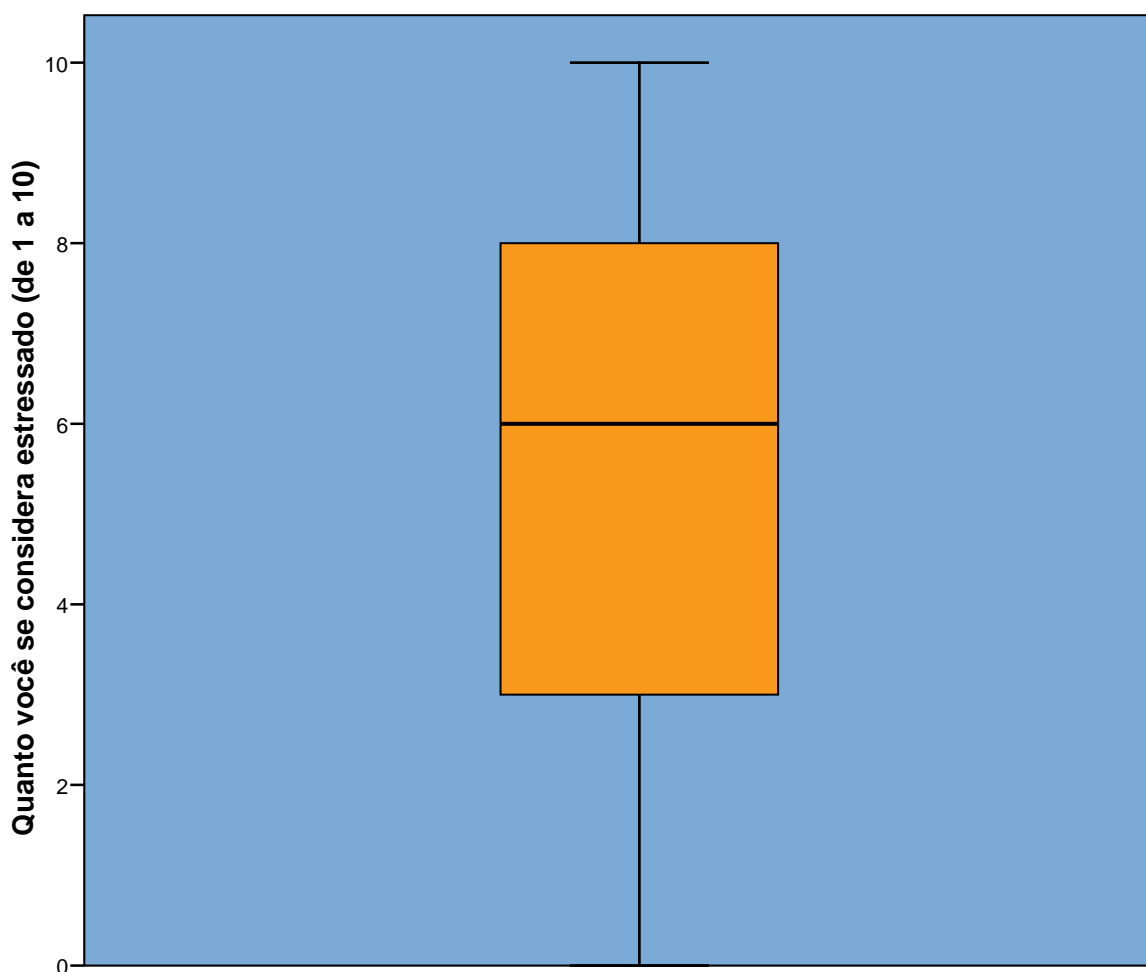


Figura 28 - Auto percepção em relação ao estresse

As Figuras 29, 30, 31 e 32 apresentam os resultados obtidos, a partir das respostas dos jovens, no Inventário de Sintomas de Stress (Lipp, 2005). Dessa maneira, utilizam-se as categorias apresentadas na escala, e vale esclarecer que quando mencionado o termo estresse em agravamento significa que o estresse também está presente, mas não foi incluído nos resultados presença de estresse.

Conforme a Figura 29, dos 268 estudantes, 38% dos participantes não apresentam estresse e 62% deles manifestavam estresse, sendo que 24% estavam em processo de agravamento no momento da pesquisa, ou seja, o estresse avançará para uma fase mais adiantada se não for realizada intervenção (Lipp, 2005). Esse resultado vai ao encontro dos dados de Leal (2001), que desenvolveu estudo com 453 adolescentes e verificou que 61% dos jovens pesquisados apresentavam nível de estresse significativo. Também Calais, Andrade e Lipp (2003) corroboram com pesquisa realizada com 295 estudantes, com idade entre 15 e 28 anos, quando

investigaram a manifestação de estresse em alunos do ensino médio e nível superior e verificaram que 65,60% deles apresentavam estresse. Em pesquisa longitudinal, realizada por Afonso em 2008, com 65 pré-vestibulandos, com idade entre 16 e 18 anos, o autor verificou que em 33,8% deles havia nível significativo de estresse no início do ano letivo e em 41,5% em agosto, quando tem início a inscrição para o vestibular (Afonso, 2010). Os resultados apresentados revelam a necessidade urgente de desenvolver intervenções com alunos pré-vestibulandos, pois o estresse, quando não administrado de maneira eficaz, pode causar sérios prejuízos à saúde desses jovens adultos. Além desse motivo, é importante mencionar que o bom desempenho escolar é incompatível com a manifestação do estresse, pois este dificulta a concentração e prejudica a memória (Tricoli, 2005). Considerando a pesquisa de Afonso (2010), que mostra que o nível de estresse aumenta no segundo semestre, os dados deste estudo tendem a se tornar ainda mais graves, pois ele foi aplicado durante o mês de junho e ainda não estavam abertas as inscrições para o vestibular.

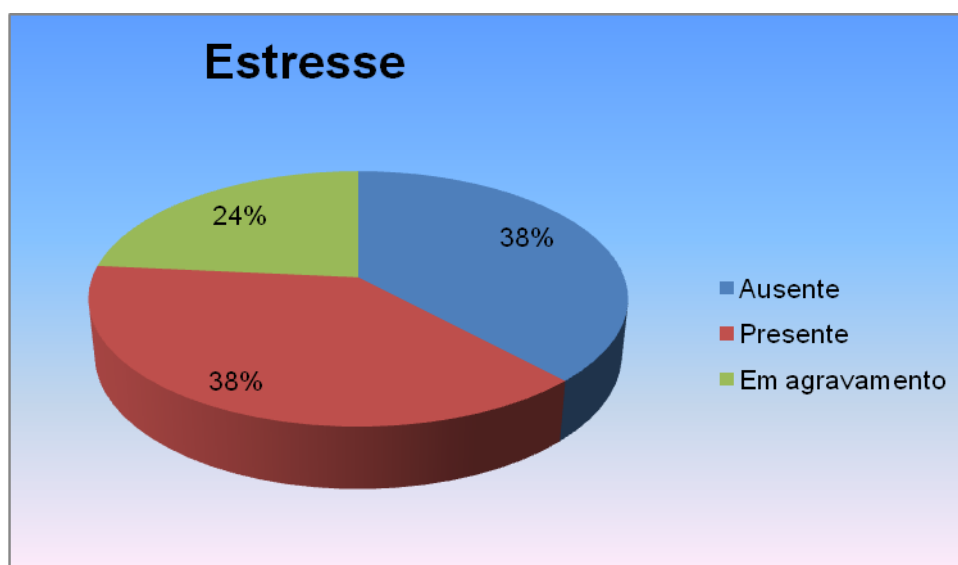


Figura 29 - Estresse

O estresse é composto pelas seguintes fases: alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão (Lipp, 2005b, 2003). Conforme Figura 30, entre os participantes que apresentaram estresse ($n = 168$), a fase de resistência foi predominante, estando presente em 85% ($n = 140$) dos casos, seguida da quase exaustão em 13% ($n = 22$) dos participantes. Tanto a fase menos grave (alerta) e a mais grave (exaustão)

apareceram em somente 1% ($n = 2$) dos participantes. Segundo Lipp (2005), a fase de resistência ocorre quando a fase de alerta é mantida por períodos prolongados ou se novos estressores aparecem. É provável que essa é a fase dominante nesses participantes, uma vez que a rotina de estudos é intensa em função do concurso do vestibular.

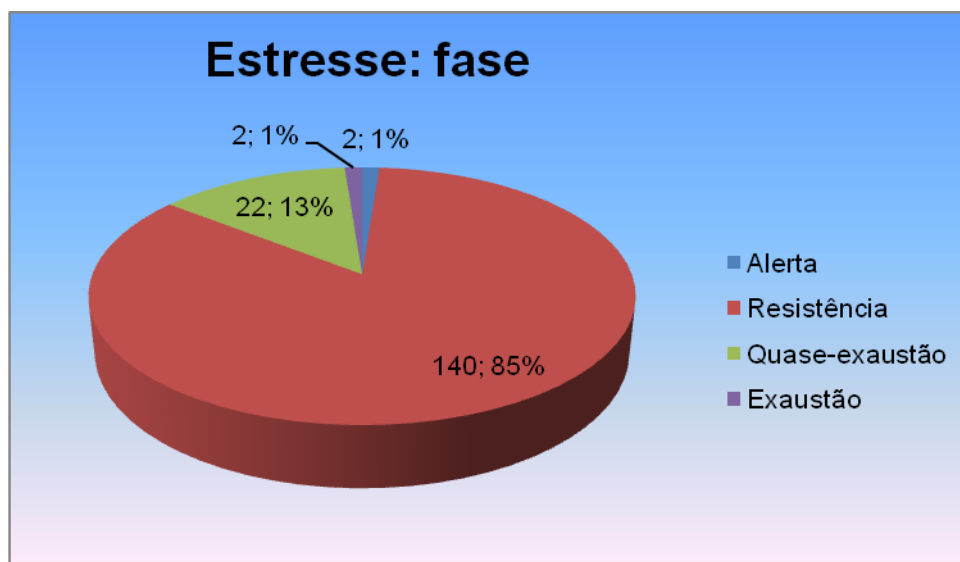


Figura 30 - Fases do estresse

Na Figura 31, referente ao tipo de sintoma mais predominante, observou-se que a maior parte dos participantes (78%) manifestavam sintomas psicológicos, 14% físicos e somente 8% tanto físicos como psicológicos. Peruzzo e cols. (2008) também confirmam esta realidade ao desenvolver estudo com 141 estudantes de cursos pré-vestibulares para investigar a relação entre o concurso vestibular e as possíveis manifestações psicossomáticas dos estudantes no período que antecede a prova. Seus resultados apontam que 60% dos estudantes estavam com estresse, sendo que a maior parte deles manifestava sintomas psicológicos e não físicos. Torna-se importante identificar o tipo de sintoma predominante, pois possibilita verificar a área que a pessoa está mais vulnerável e de tal modo pode-se elaborar tratamentos e ações preventivas (Lipp, 2005).

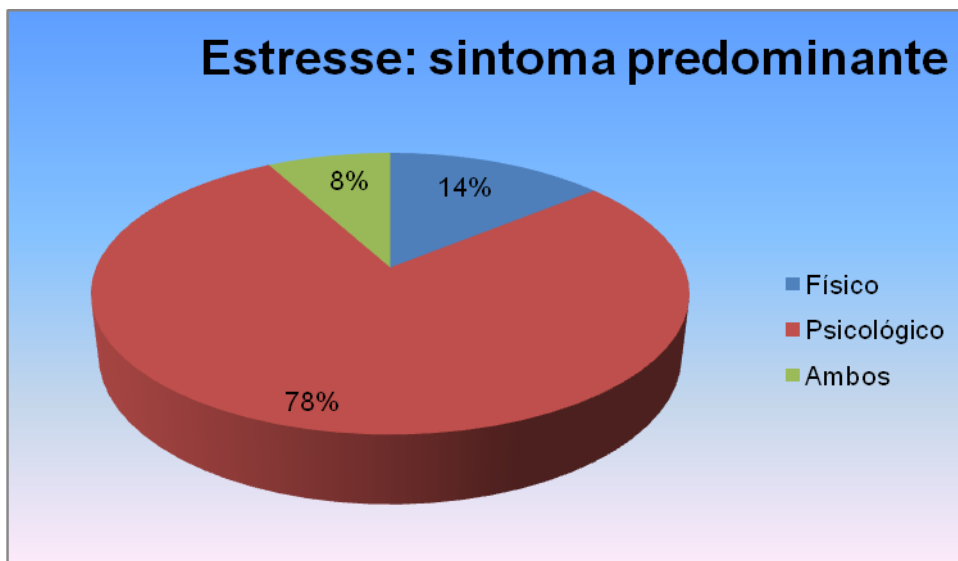


Figura 31 - Sintomas de estresse

A Figura 32, que inclui todos os participantes da pesquisa ($n = 268$), ou seja, estudantes com e sem estresse, revela que o sintoma psicológico mais relatado pelos jovens foi “pensar constantemente em um assunto” (74%). Diversos assuntos podem preocupar o estudante; contudo, considerando o momento em que os participantes se encontram, a possibilidade de ser o vestibular e (ou) seu desempenho acadêmico é válida. Aproximadamente metade dos participantes mencionaram a sensibilidade emotiva excessiva (53%), cansaço constante (52%), vontade de fugir de tudo (51%) e cansaço excessivo (49%) como sintomas presentes em suas vidas.

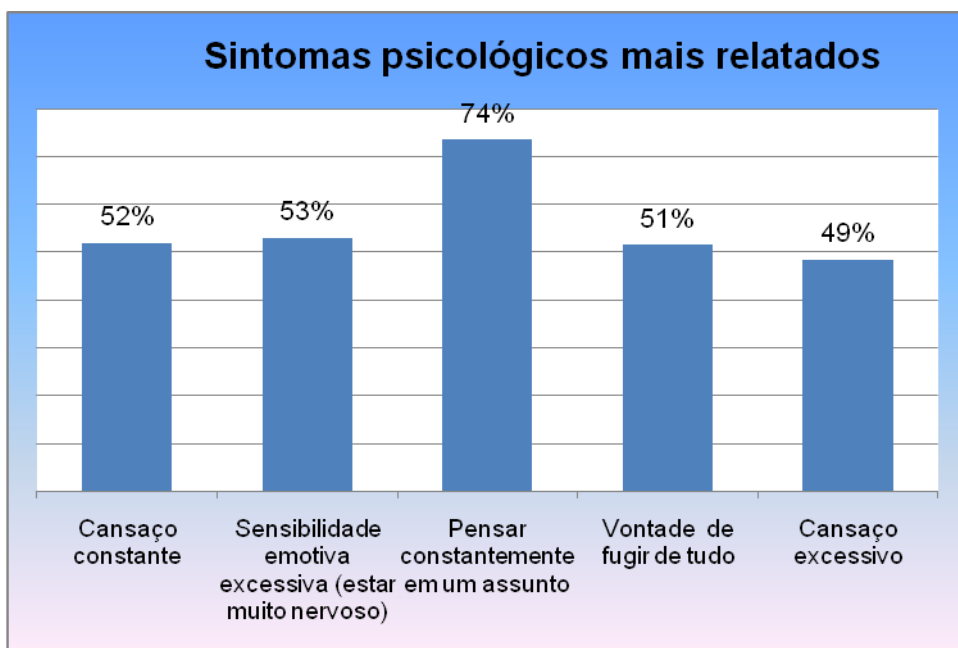


Figura 32 - Sintomas psicológicos mais relatados

As respostas dos participantes deste estudo quando indagados sobre *Quais os fatores que mais contribuem para o estresse* estão presentes no Anexo K. De todos os participantes (n = 268), somente 10 não responderam e, ainda, quase todos os respondentes apontaram mais de um evento estressor, por esse motivo o número total de respostas (n = 396) foi maior que o número de participantes desta pesquisa (n = 268).

Percebe-se que as palavras mais mencionadas foram “estudo”, que apareceu em 102 respostas, a “família”, citada 65 vezes, e em seguida o “vestibular”, com 55 menções, ou seja, o estudo, a família e o vestibular, são apontados como principais fatores estressores para os participantes deste estudo. As fontes de estresse na adolescência são diversas, e entre elas incluem-se as responsabilidades excessivas, o vestibular, a escolha profissional, morte na família, separação dos pais, conflito com os pais e professores e pais estressados (Tricoli, 2010).

O vestibular representa uma das grandes causas de estresse na nossa sociedade, o candidato pode sofrer vários distúrbios psicofisiológicos no ano que antecede a realização da prova (Soares, 2002). Articulando essas informações com a Figura 32, supõe-se que o assunto constantemente pensado pelos participantes está relacionado com os seus estudos, a aprovação no vestibular e as cobranças da família. Com o intuito de investigar se os estudantes que se preparam para os cursos mais concorridos apresentam escores de estresse mais elevado, por meio do teste Qui quadrado, selecionaram-se os cursos com maior frequência nesta amostra (Psicologia, Direito, Engenharia, Administração, Designer e Medicina) para relacioná-los aos escores de estresse; como resultado não foi encontrada relação significativa ($X^2=9,01$, $gl=10$, $p=0,53$).

As respostas dos participantes foram categorizadas utilizando o método de equivalência semântica de conteúdo, sendo que as categorias estão apresentadas na Figura 33. Percebe-se que para os participantes desta pesquisa, além dos estudos (38%), da família (24%) e do vestibular (21%); os fatores psicológicos (19%) também contribuem para o estresse dos jovens, entre eles a cobrança (n = 8) e ansiedade (n = 8) foram os mais mencionados. A ansiedade pode ser uma fonte geradora de estresse ou um sintoma do estresse excessivo (Tricoli, 2010).

Em “outros motivos” (13%) incluíram-se muitas atividades no dia a dia ($n = 4$), responder questionários ($n = 4$), rotina ($n = 4$), problemas pessoais ($n = 3$) e a sociedade ($n = 3$). Os relacionamentos (13%), com namorados ($n = 11$) e amigos ($n = 11$), os fatores fisiológicos (11%), sendo o cansaço o mais apontado ($n = 8$), e a dificuldade na comunicação (10%), as brigas ($n = 16$) também compõem os eventos estressores para os participantes. Esses resultados corroboram a afirmativa de Tricoli (2010), para quem o excesso de atividades, exigência ou rejeição por parte dos colegas e conflito com o namorado são fontes de estresse na adolescência.

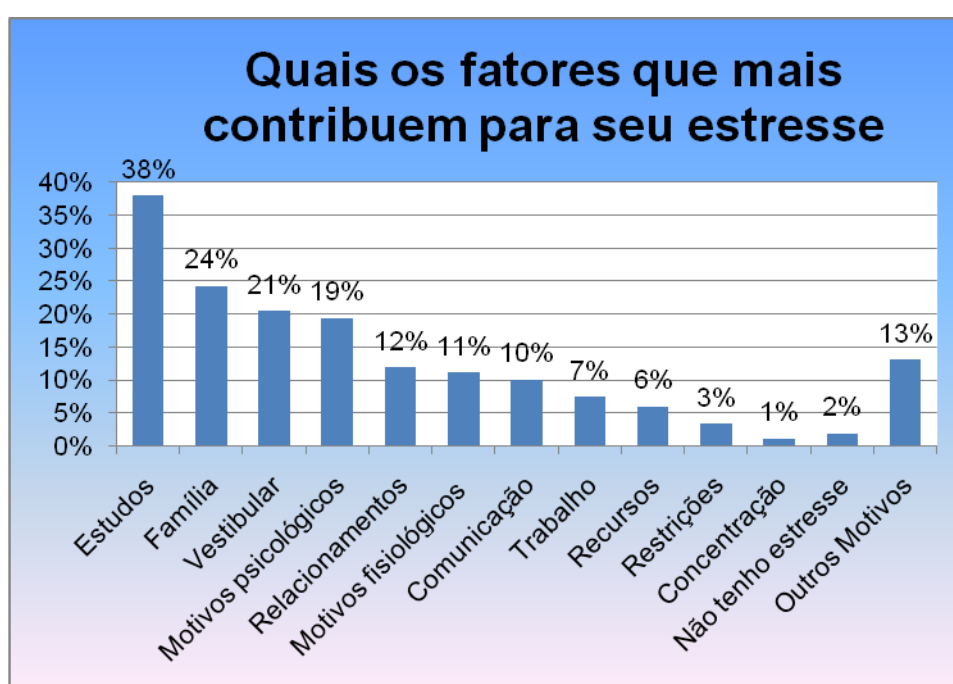


Figura 33 - Fatores que contribuem para o estresse dos participantes, por eles declarados

O questionário também indagou se os jovens utilizavam recursos para gerenciar seu estresse, as estratégias mais citadas pelos participantes como utilizadas para reduzi-lo estão na Figura 34. As atividades físicas foram as mais mencionadas (38%) pelos jovens, os programas sociais foram apontados por 30% deles, as atividades que envolvem música, como ouvir e tocar instrumento musical, vieram em 26% dos casos e, em menor frequência, 18% dos estudantes utilizam o videogame ou computador como tática para controlar o estresse. A atividade física, estratégia mais utilizada pelos jovens deste estudo, é bastante adequada para reduzir o estresse. De acordo com Lipp, Malagris e Novais (2007), o relaxamento, o exercício físico e a

alimentação antiestresse são abordagens coadjuvantes para enfrentar o estresse. O vídeo game e (ou) computador, os menos citados, devem ser utilizados com cuidado, enquanto os jogos que estimulam a raiva e a agressividade devem ser evitados (Tricoli, 2010).



Figura 34 - Estratégias para reduzir estresse

A estatística descritiva das variáveis mensuradas nesta pesquisa podem ser encontradas no Anexo L.

4.3 Estatística inferencial

Avaliando a confiabilidade das escalas utilizadas por meio do Alfa de Cronbach, verificaram-se índices satisfatórios, cujo valor mínimo foi 0,69 no Critério Brasil de Classificação Econômica (CBCE), conforme Tabela 9.

Tabela 9: Confiabilidade das escalas

Escala	Alfa de Cronbach
CBCE	0,690
Estilos Parentais mãe	0,829
Estilos Parentais pai	0,913
EQIF	0,923
Estresse	0,901
Maturidade (EMEP)	0,765

A definição da escolha e o estresse se relacionaram significativamente ($p < 0,05$) com gênero, tipo de escola, estado civil dos pais, trabalho materno e trabalho do jovem, dentre as variáveis demográficas investigadas, de acordo com a Tabela 10.

Tabela 10: Síntese das análises de dados sociodemográficos

Variáveis relacionadas	X²	gl	p	n
Gênero * Escolha definida	4,936	1	0,026	266
Gênero * Estresse	16,717	2	0,000	268
Gênero * Fase do estresse	2,711	2	0,258	166
Gênero * Sintoma predominante	1,267	2	0,531	163
Religião * Escolha definida	3,070	2	0,215	264
Religião * Estresse	5,948	4	0,203	228
Religião * Fase do estresse	1,751	4	0,782	142
Religião * Sintoma predominante	2,102	4	0,717	139
Tipo de escola * Escolha definida	1,318	1	0,251	266
Tipo de escola * Estresse	19,168	2	0,000	268
Tipo de escola * Fase do estresse	0,054	3	0,997	166
Tipo de escola * Sintoma predominante	0,740	2	0,691	163
Estado civil dos pais * Escolha definida	8,987	1	0,003	228
Estado civil dos pais * Estresse	0,146	2	0,930	268
Estado civil dos pais * Fase do estresse	0,728	2	0,695	144
Estado civil dos pais * Sintoma predominante	7,599	2	0,022	141
Trabalha fora - mãe * Escolha definida	0,124	1	0,724	251
Trabalha fora - mãe * Estresse	6,207	2	0,045	253
Trabalha fora - mãe * Fase do estresse	1,278	2	0,528	157
Trabalha fora - mãe * Sintoma predominante	2,183	2	0,336	154
Trabalhou fora - participante * Escolha definida	2,183	2	0,336	154
Trabalhou fora - participante * Estresse	3,730	4	0,444	267
Trabalhou fora - participante * Fase do estresse	4,487	4	0,344	166
Trabalhou fora - participante * Sintoma predominante	9,608	4	0,048	163
Cotista * Escolha definida	3,491	2	0,175	257
Cotista * Estresse	2,074	4	0,722	259
Cotista * Fase do estresse	0,851	4	0,932	161
Cotista * Sintoma predominante	7,393	4	0,117	158
Nível econômico categorizado * Escolha definida	5,361	6	0,498	207
Nível econômico categorizado * Estresse	2,075	4	0,722	209
Nível econômico categorizado * Fase do estresse	11,080	12	0,522	132
Nível econômico categorizado * Sintoma predominante	8,352	12	0,757	130

A religião, o nível socioeconômico e a inclusão como cotista não apresentaram relação significativa com estresse e escolha. As relações significativas serão exploradas em figuras a seguir.

Conforme a Figura 35, o gênero dos participantes relacionou-se significativamente ($p=0,026$) com a definição da escolha, sendo que 79% dos participantes do gênero feminino afirmaram ter a escolha profissional definida e 67%

dos estudantes do gênero masculino, no momento da pesquisa, tinham realizado a escolha. Neste estudo as moças mostraram-se mais maduras do que os rapazes para realizar a escolha profissional. Em pesquisa desenvolvida por Neiva (2003), não se encontrou diferença significativa entre a maturidade para escolha profissional de moças e rapazes, contudo em estudo desenvolvido posteriormente por Neiva e colaboradores (2005), os resultados indicaram diferenças significativas na maturidade para a escolha profissional em função do sexo.

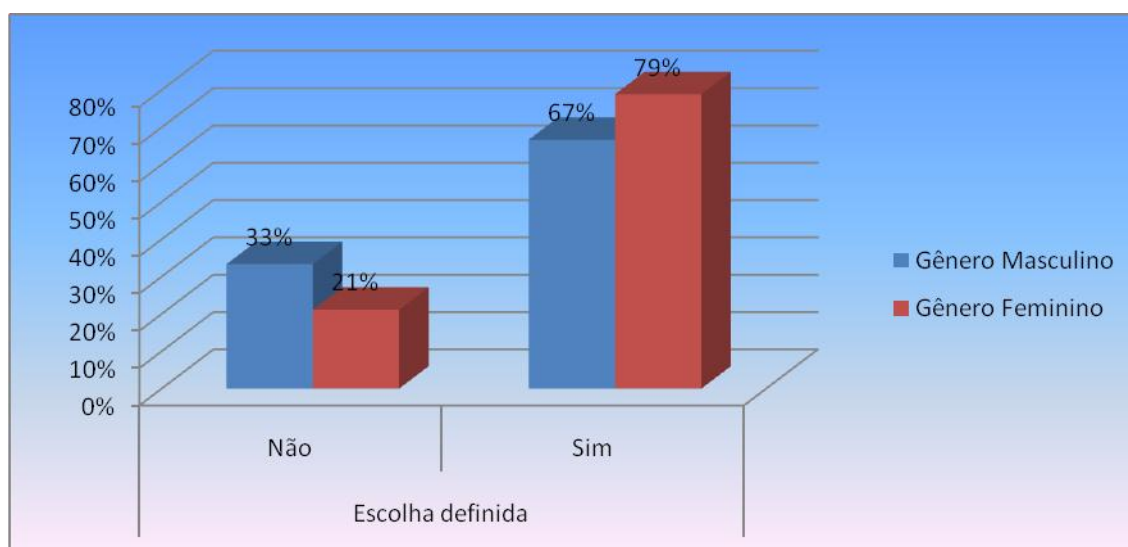


Figura 35 - Gênero e escolha definida

Conforme a Figura 36, o gênero dos participantes também relacionou-se significativamente ($p=0,000$) com o estresse. Apesar de as mulheres que participaram da pesquisa estarem mais decididas em relação à escolha profissional, os homens apresentaram menor estresse. O estresse estava ausente em 52% dos participantes do gênero masculino e presente em 71% das mulheres, sendo que em 29% delas em processo de agravamento. No estudo de Calais, Andrade e Lipp (2003), com 295 adultos jovens, com idade entre 15 e 28 anos, essa relação também está presente; os resultados apontam correlação significativa entre sexo e nível de estresse, sendo que as mulheres apresentam maior nível de estresse do que os homens. Assim como no trabalho de Calais, Andrade e Lipp (2003), neste estudo acredita-se igualmente que essa diferença ocorre devido à exigência da sociedade com as mulheres, que se reflete em uma sobrecarga de atividades, sendo as exigências profissionais e (ou) acadêmicas somadas às pessoais, biológicas, hormonais, sexuais e sociais.

Não foi encontrada relação significativa entre gênero e as fases do estresse, tampouco entre gênero e os sintomas predominantes.

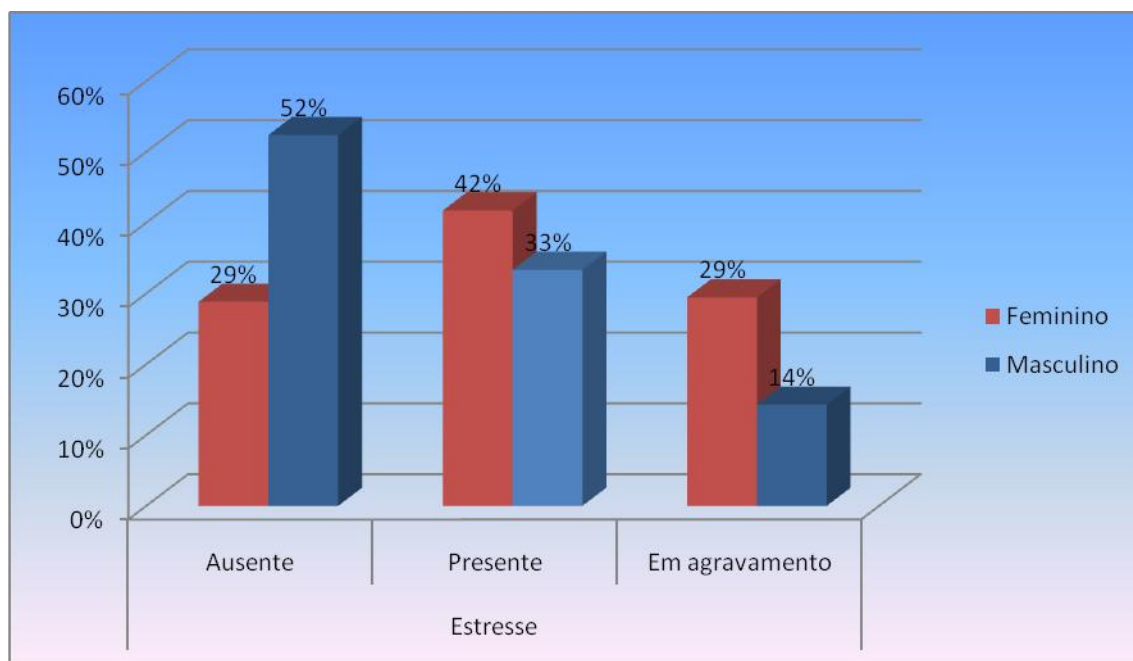


Figura 36 - Gênero e estresse

Neste estudo não foram verificadas relações significativas entre religião e escolha definida, mas sim uma tendência de os católicos (77%) serem mais decididos que os evangélicos (68%) e as pessoas que afirmam não ter religião (66%). Da mesma forma não foi verificada correlação significativa entre religião, estresse e suas fases, mas sim uma tendência dos que não assumem uma religião apresentar mais estresse nas fases avançadas (quase exaustão e exaustão). Percebe-se uma tendência de os católicos apresentarem mais sintomas psicológicos quando estressados. Com esse resultado, pode se afirmar que “ser religioso não significa ter elementos mais eficazes no controle do estresse” (Schmidt, p.183, 2004).

O tipo de escola, privada e pública, e a definição da escolha profissional por seus alunos não apresentaram correlação significativa, contudo existe uma tendência de os alunos de instituição privada serem mais decididos. Em pesquisa de Neiva e colaboradores (2005), verificou-se que os alunos de escola particular mostraram-se mais maduros do que os de escola pública para escolher a profissão. Contudo, conforme Figura 37, o tipo de escola e a presença de estresse em seus discentes apresentam correlação muito significativa ($p=0,000$), porém o tipo de escola não

apresentou correlação significativa quando relacionado com as fases do estresse e os sintomas apresentados por seus alunos. Os participantes de instituição privada apresentaram mais estresse (77%) do que os estudantes de escolas públicas (51%). Esses também encontravam-se, na maioria das vezes, em processo de agravamento (31%) quando comparado com os estudantes de instituição pública (18%). Isso pode ocorrer em função das cobranças excessivas por parte dos pais e professores em relação ao bom desempenho acadêmico e sucesso profissional. Diferentemente desse resultado, no estudo de Vilela (1996) não existiu diferença quanto ao nível de estresse de crianças de escolas públicas e privadas. É provável que essa diferença tenha acontecido devido à fase do desenvolvimento que cada estudo investiga.

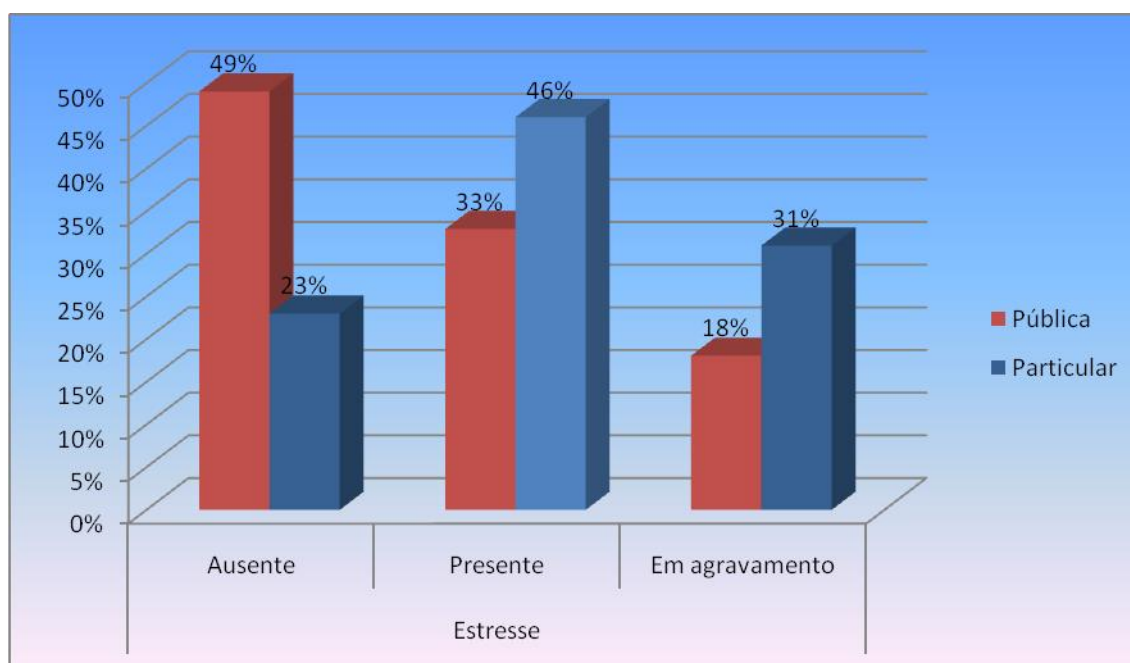


Figura 37 - Tipo de escola e estresse

Nesta pesquisa constatou-se que o estado civil dos pais apresenta correlação significativa ($p=0,003$) com a definição da escolha profissional dos filhos, como demonstrado na Figura 38. Os participantes filhos de pais casados afirmaram, na maioria das vezes (82%), estar com a escolha definida, entretanto, 36% dos filhos de pais separados não haviam realizado a escolha. Esse resultado provavelmente se deve ao fato de os estudantes que vivem com pais casados terem mais modelos de profissionais (o pai e a mãe) e assim o acesso a informações em relação aos cursos,

às profissões e ao mercado de trabalho é facilitado pela comunicação com ambos. Já para os filhos de pais separados, pode tornar-se mais difícil realizar a escolha, pois eles acreditam que a escolha profissional, assim como o casamento, deve ser uma escolha para vida toda e que quando mal feita afetará o resto da vida da pessoa (Levenfus e Nunes, 2002). Apesar dessa correlação, apontando possíveis relações entre o estado civil dos pais e a maturidade para escolha dos jovens, não foi encontrada nenhuma relação significativa, seja para o escore total de maturidade ($T=0,17$, $gl=172$, $p=0,87$), ou seja para seus cinco componentes: determinação, responsabilidade, independência, autoconhecimento e conhecimento da realidade profissional.

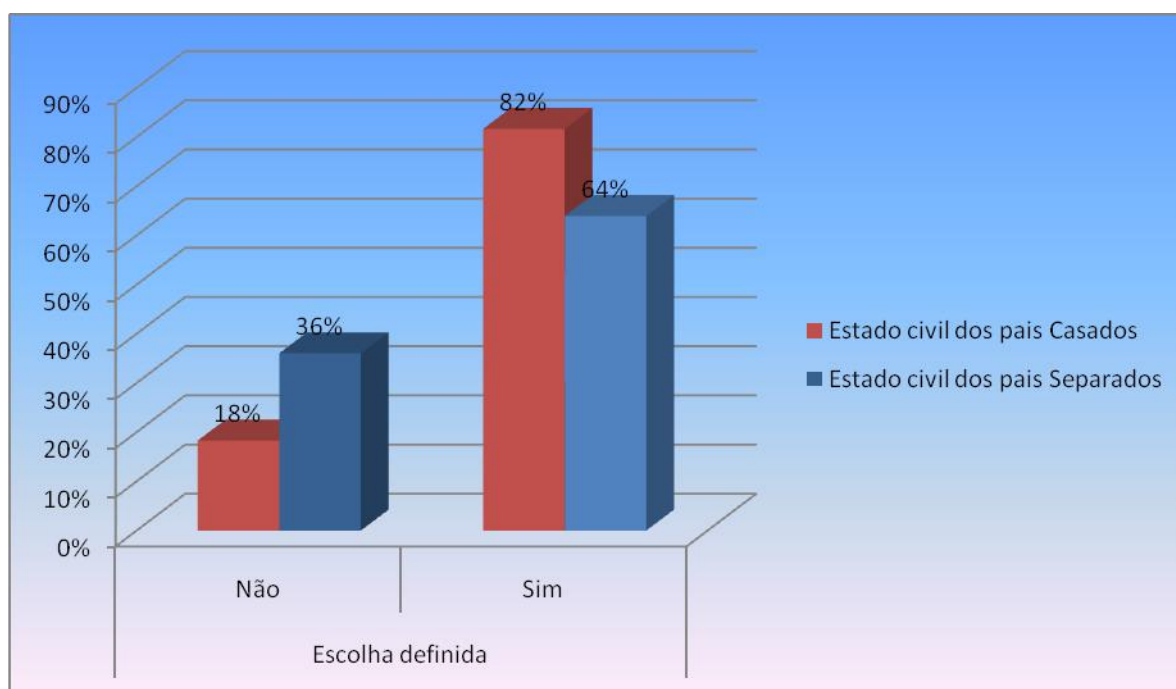


Figura 38 - Estado civil dos pais e escolha definida

O estado civil dos pais não se relacionou significativamente com a presença ou não de estresse nos filhos. Também não se verificou correlação positiva entre o estado civil dos pais e as fases do estresse. Ao contrário do que se pensa, os prejuízos emocionais relacionam-se especificamente com a ocorrência de hostilidade explícita entre os pais, estando eles casados ou não (Silveira, 2008).

A Figura 39 mostra a correlação significativa ($p=0,02$) entre o estado civil dos pais e os sintomas predominantes do estresse. Os filhos de pais separados

apresentam mais sintomas psicológicos (82%) enquanto os filhos de pais casados mencionam mais os físicos (21%).

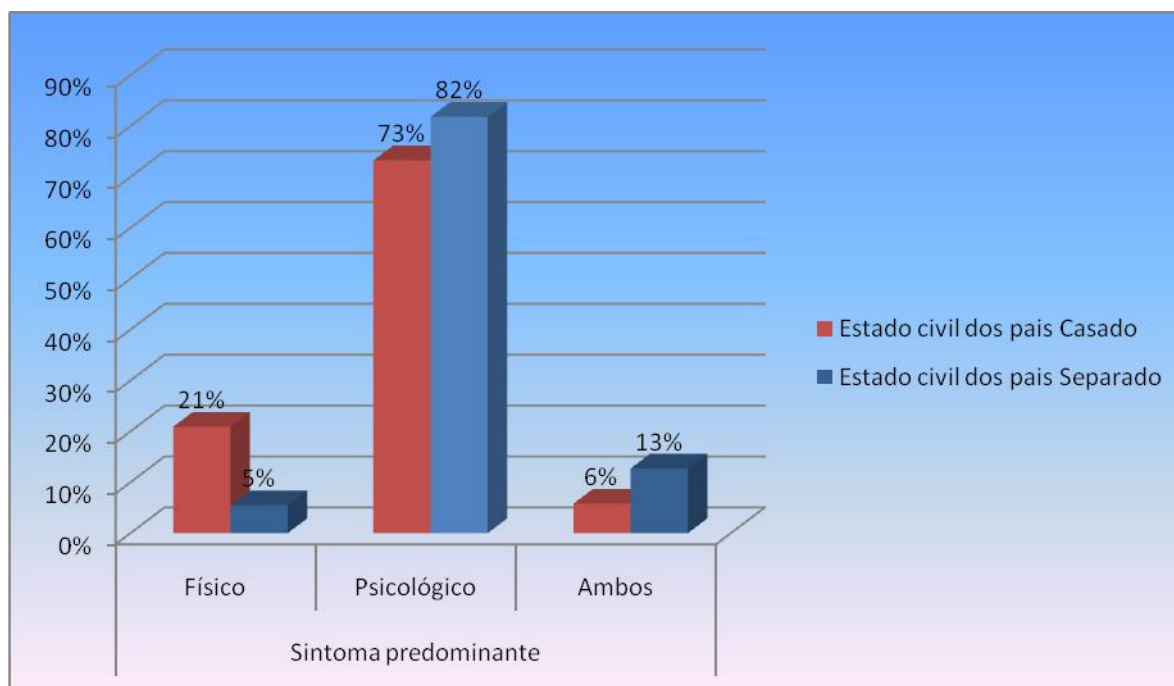


Figura 39 - Estado civil dos pais e sintomas do estresse

Conforme a pesquisa de Tucunduva (2009), mães que trabalham fora têm melhor nível econômico que donas de casa, enquanto estas permanecem casadas com maior frequência; na pesquisa desenvolvida por essa autora, o trabalho materno fora de casa não apresentou relação com as práticas educativas. Nesta pesquisa, o trabalho materno relacionou-se somente à punição paterna ($t = -3,18$, $gl = 210$, $p=0,002$), ou seja, os esposos de mães que trabalham fora de casa punem mais do que os maridos de donas de casa.

De acordo com a Figura 40, o trabalho materno relaciona-se ao estresse dos jovens ($p=0,045$), sendo que os filhos de dona de casa apresentam mais estresse em agravamento. O trabalho materno relacionou-se ainda à determinação para escolha profissional ($t = 2,07$, $gl = 221$, $p=0,004$), neste caso o escore foi maior para filhos de dona de casa. Isso pode estar relacionado com uma maior frequência de cobranças referentes ao desempenho acadêmico e escolha profissional, em um convívio familiar prolongado. E também é possível considerar que a punição paterna esteja refletindo um padrão de interação mais agressivo, talvez mais estressado em toda a família.

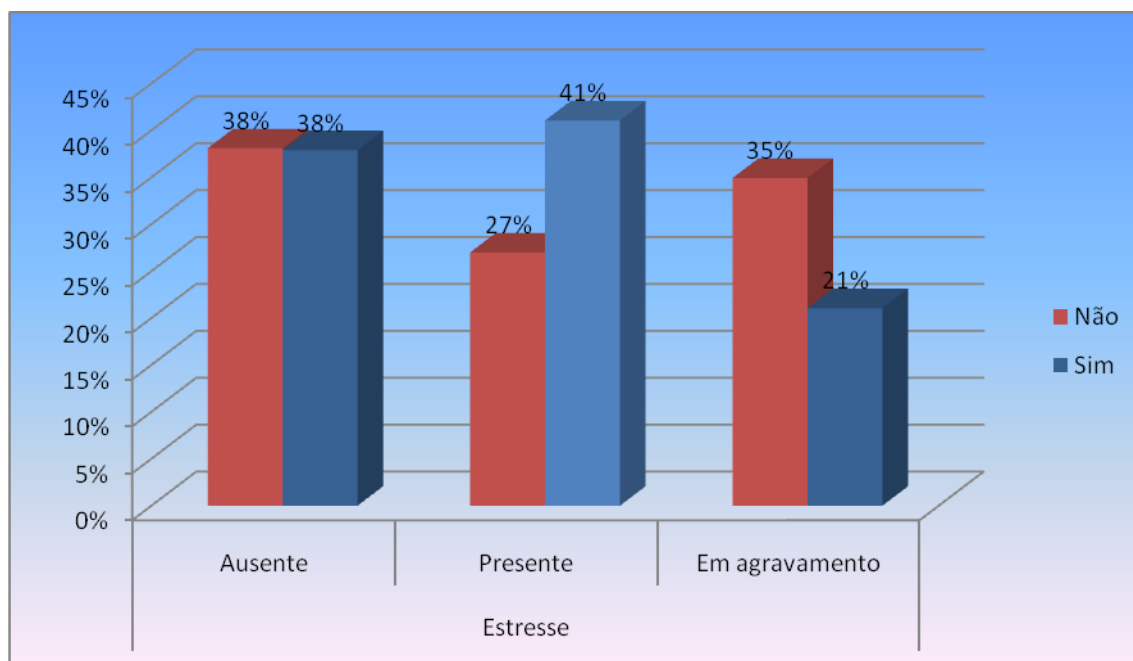


Figura 40 - Trabalho materno e estresse

A experiência profissional, com e sem remuneração, não apresentou correlação com a definição da escolha profissional, o que merece ser mencionado, pois parte-se do pressuposto que quando o jovem trabalha adquire experiência profissional e informações sobre o mercado de trabalho, o que facilitaria a tomada de decisão. Trabalhar ou não também não se correlacionou com estresse e suas fases.

Não se identificou correlação positiva quando considerados os estudantes cotistas e não cotistas e a decisão para a escolha profissional, presença de estresse, suas fases e sintomas predominantes. Pelo teste T de Student foi verificado que o incentivo à autonomia (pai e mãe) para não cotistas teve escore significativamente maior que para cotistas ($T=2,62$, $gl=222$, $p=0,009$), refletindo na decisão para escolha dos jovens; a metade (50%) dos cotistas raciais tinha a escolha definida no momento da pesquisa, número inferior comparando com os cotistas sociais (77%) e estudantes não cotistas (75%).

O nível econômico não apresentou correlação significativa quando relacionado com as variáveis investigadas neste estudo. Na tentativa de averiguar de maneira mais refinada essas correlações, optou-se por agrupar em classes, contudo também não foi verificada relação. Tampouco foi encontrada relação do nível econômico categorizado com o nível de graduação pretendido ($X^2=7,7$, $gl=4$, $p=0,10$), nem com a situação de

definição da escolha ($X^2=0,62$, $gl=2$, $p=0,73$) ou a presença de estresse ($X^2=07$, $gl=4$, $p=0,72$).

Para investigar de outra forma, utilizou-se o teste ANOVA. Comparado com os componentes dos estilos parentais e práticas parentais, verificou-se que nas classes econômicas mais privilegiadas (A e B1) os estudantes relataram maior uso de controle punitivo (paterno $F=4,17$, $gl=2$, $p=0,02$ e materno $F= 5,14$, $gl=2$, $p= 0,01$), de práticas de modelo (paterno $F=3,3$, $gl=2$, $p=0,04$ e materno $F= 2,82$, $gl=2$, $p=0,05$) e maior exercício do clima conjugal positivo (paterno $F=4,3$, $gl=2$, $p=0,01$ e materno $F=4,9$, $gl=2$, $p=0,01$) em relação às classes C, D e E. Além disso, os pais das classes A e B1 apresentaram o escore positivo total significativamente maior do que os pais das outras classes econômicas ($F= 3,12$, $gl=2$, $p=0,5$). Outras variáveis como a falta de emprego, a distância entre a casa e o trabalho, o tipo de atividade profissional desenvolvida pelos pais, entre outras variáveis devem ser consideradas ao analisar este resultado.

Na Figura 41, observa-se a tendência de manifestação de estresse nas fases mais graves (quase-exaustão e exaustão) nos estudantes das classes mais altas. Esse dado reforça o resultado que mostra que alunos de escolas particulares apresentam mais estresse, uma vez que esses são os participantes com nível econômico mais elevado. Esse resultado provavelmente está relacionado com a maior frequência da prática de controle punitivo por parte dos pais, ou seja, pais com nível econômico mais elevado utilizam com maior frequência controle punitivo, por sua vez, com mais frequência seus filhos manifestam estresse nas fases mais avançadas (quase exaustão e exaustão). Além disso, as cobranças e as expectativas dos pais em relação ao sucesso do filho podem ser mais elevadas do que nas classes C, D e E.

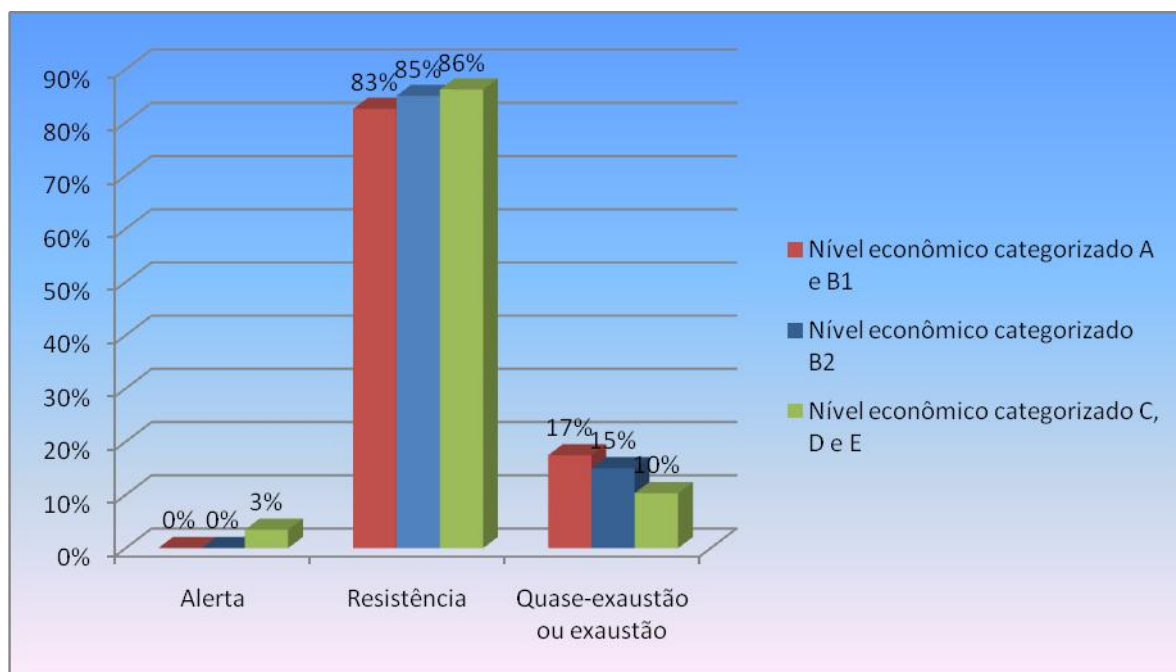


Figura 41 - Nível econômico agrupado e fases do estresse

A seguir serão apresentados resultados desenvolvidos por meio do teste T de Student, que permitem correlacionar duas ou mais variáveis investigadas no estudo.

Conforme análise das médias de homens e mulheres na Tabela 11, verifica-se que houve diferença significativa nos escore de estresse ($p=0,000$), incluindo sintomas físicos e psicológicos, e responsabilidade ($p=0,002$), sendo que as mulheres apresentaram mais estresse e também mais responsabilidade em relação à escolha profissional. Não se pode, contudo, afirmar se elas são mais estressadas por ser mais responsáveis e perceber a seriedade dessa decisão ou ainda por ser mais responsáveis acabam lidando de maneira diferente com seus compromissos, manifestando mais estresse.

Tabela 11: Gênero

	Gênero	Média	t	gl	p
Escore de sintomas físicos	Feminino	7,74	5,517	251,669	0,000
	Masculino	4,74			
Escore de sintomas psicológicos	Feminino	7,87	4,289	266	0,000
	Masculino	5,62			
Total positivo	Feminino	201,62	0,287	198	0,774
	Masculino	199,86			
Total negativo	Feminino	44,42	-0,651	220	0,515
	Masculino	45,80			
Nível econômico	Feminino	27,38	0,173	207	0,863
	Masculino	27,23			
Determinação	Feminino	34,73	1,101	234	0,272
	Masculino	33,90			
Responsabilidade	Feminino	39,10	3,085	238	0,002
	Masculino	36,48			
Independência	Feminino	27,38	1,325	244	0,187
	Masculino	26,57			
Autoconhecimento	Feminino	24,32	0,537	246	0,592
	Masculino	24,04			
Conhecimento da realidade	Feminino	31,03	-1,964	240	0,051
	Masculino	32,20			
Maturidade para a escolha	Feminino	156,78	1,706	198	0,090
	Masculino	152,75			

Comparando as médias de instituições públicas e particulares da Tabela 12, percebe-se diferença significativa nos escore de estresse ($p=0,000$), incluindo sintomas físicos e psicológicos, no nível econômico ($p=0,000$) e na independência ($p=0,006$), sendo que alunos de escola particular apresentaram mais estresse, maior nível econômico e maior independência para escolha profissional. O nível de estresse elevado, para alunos das escolas particulares, pode estar relacionado com o ritmo intenso e acelerado que faz parte desse sistema de ensino, somado às cobranças e expectativas da família e do próprio estudante em relação à aprovação no vestibular. É esperado que o nível econômico desses estudantes seja mais elevado, uma vez que os custos com a mensalidade escolar são altos. A alta independência em relação à escolha profissional pode estar relacionada com as maiores possibilidades de escolha para esses estudantes, pois jovens inseridos em um contexto com menos recursos financeiros terão suas escolhas limitadas e, assim, as oportunidades profissionais apresentadas por pais, amigos, professores, entre outros, podem ser mais consideradas.

Tabela 12: Tipo de escola

	Tipo de escola	Média	t	gl	p
Escore de sintomas físicos	Pública	5,61	-3,973	266	0,000
	Particular	7,88			
Escore de sintomas psicológicos	Pública	6,13	-3,900	266	0,000
	Particular	8,16			
Total positivo	Pública	196,00	-1,843	198	0,067
	Particular	206,80			
Total negativo	Pública	45,86	0,960	220	0,338
	Particular	43,89			
Nível econômico	Pública	25,48	-5,272	205,421	0,000
	Particular	29,77			
Determinação	Pública	34,56	0,495	197,813	0,621
	Particular	34,19			
Responsabilidade	Pública	37,37	-1,962	238	0,051
	Particular	39,02			
Independência	Pública	26,35	-2,785	244	0,006
	Particular	28,01			
Autoconhecimento	Pública	24,14	-0,342	246	0,733
	Particular	24,32			
Conhecimento da realidade	Pública	31,18	-1,213	240	0,226
	Particular	31,90			
Maturidade para a escolha	Pública	153,72	-1,407	198	0,161
	Particular	156,97			

Por meio do Teste T observou-se que os participantes percebem tanto pais ($T=5,70$, $gl=190$, $p=0,00$, média 127) quanto mães casadas ($T=7,27$, $gl=107$, $p=0,00$, média 115) apresentaram maiores escores positivos totais do que os pais e mães separados (média de 99 para ambos), enquanto os escores negativos referentes às práticas educativas não apresentaram diferenças significativas. Sobretudo a qualidade na interação familiar apresentou diferença significativa (0,000) quando relacionada com o estado civil dos pais; verifica-se na Tabela 13 que o resultado total positivo da Escala de Qualidade na Interação Familiar é maior quando os pais estão casados, ou seja, esse estado civil pode ser considerado um fator de proteção.

Tabela 13: Situação conjugal

	Estado civil dos pais	Média	t	gl	p
Escore de sintomas físicos	Casado	6,47	-0,806	158,198	0,422
	Separado	7,02			
Escore de sintomas psicológicos	Casado	6,96	-0,411	228	0,681
	Separado	7,20			
EQIF Total positivo	Casado	216,73	6,763	112,895	0,000
	Separado	176,03			
EQIF Total negativo	Casado	43,90	-0,896	203	0,371
	Separado	45,85			
Nível econômico	Casado	28,08	1,837	188	0,068
	Separado	26,33			
Determinação	Casado	34,65	0,638	201	0,524
	Separado	34,12			
Responsabilidade	Casado	38,48	0,745	205	0,457
	Separado	37,77			
Independência	Casado	27,32	0,015	211	0,988
	Separado	27,31			
Autoconhecimento	Casado	24,47	0,030	212	0,976
	Separado	24,46			
Conhecimento da realidade	Casado	31,63	0,054	207	0,957
	Separado	31,59			
Maturidade para a escolha	Casado	156,14	0,167	172	0,867
	Separado	155,70			

Para os participantes da pesquisa, o trabalho materno interfere de maneira significativa (0,039) na determinação para a escolha profissional dos filhos. A Tabela 14 revela que quando a mãe não trabalha fora de casa, o filho apresenta maior determinação para a escolha profissional. Articulando esse resultado com o da Tabela 15, que revela correlação positiva entre escolha da profissão e regras e monitoria da mãe ($p=0,025$), pode-se compreender melhor essa correlação, sendo provável que as mães donas de casa consigam estabelecer regras e monitorar seus filhos mais do que as mães que trabalham fora. Ou, ainda, elas podem ser mais intrusivas e assim influenciar mais seus filhos.

Tabela 14: Trabalho materno

	Trabalha fora - mãe	Média	t	gl	p
Escore de sintomas físicos	Não	6,84	0,483	251	0,629
	Sim	6,51			
Escore de sintomas psicológicos	Não	7,76	1,447	91,180	0,151
	Sim	6,76			
Total positivo	Não	205,68	0,943	192	0,347
	Sim	199,22			
Total negativo	Não	44,63	-0,206	211	0,837
	Sim	45,13			
Nível econômico	Não	26,73	-0,870	200	0,386
	Sim	27,62			
Determinação	Não	35,65	2,075	221	0,039
	Sim	33,89			
Responsabilidade	Não	37,83	-0,368	224	0,713
	Sim	38,19			
Independência	Não	27,57	0,981	231	0,327
	Sim	26,90			
Autoconhecimento	Não	24,62	0,971	232	0,333
	Sim	24,06			
Conhecimento da realidade	Não	31,98	0,969	229	0,333
	Sim	31,33			
Maturidade para a escolha	Não	156,65	0,792	190	0,429
	Sim	154,55			

A definição da escolha profissional apresentou correlação significativa com determinação ($p=0,000$), maturidade ($p=0,000$), regras e monitoria da mãe ($p=0,025$), clima conjugal positivo do pai ($p=0,044$) e da mãe ($p=0,046$), conforme Tabela 15. É esperado que os participantes que já realizaram a escolha apresentem mais determinação e maturidade em relação à escolha profissional. As regras e a monitoria por parte da mãe e o clima conjugal positivo entre pai e mãe auxiliam no processo de escolha da profissão, pois um ambiente familiar com essas características contribui para que o filho sinta-se mais seguro e, conseqüentemente, favorece a tomada de decisão.

Tabela 15: Definição da escolha

	Escolha definida	Média	t	gl	p
Escore de sintomas físicos	Não	6,04	-1,047	264	0,296
	Sim	6,74			
Escore de sintomas psicológicos	Não	6,57	-0,966	264	0,335
	Sim	7,15			
Escore de alerta	Não	3,54	-0,749	264	0,454
	Sim	3,79			
Escore de resistência	Não	4,59	-0,765	264	0,445
	Sim	4,92			
Escore de exaustão	Não	4,48	-1,272	264	0,204
	Sim	5,18			
Determinação	Não	30,06	-7,891	232	0,000
	Sim	35,9			
Responsabilidade	Não	36,91	-1,521	236	0,130
	Sim	38,4			
Independência	Não	26,59	-0,997	242	0,320
	Sim	27,28			
Autoconhecimento	Não	23,5	-1,646	244	0,101
	Sim	24,44			
Conhecimento da realidade	Não	31,02	-0,917	238	0,360
	Sim	31,63			
Maturidade para a escolha	Não	148,06	-3,798	196	0,000
	Sim	157,66			
Apoio emocional (materno)	Não	28,16	-1,155	249	0,249
	Sim	29,07			
Controle punitivo (materno)	Não	11,29	-1,121	245	0,263
	Sim	11,96			
Incentivo à autonomia (materno)	Não	15,9	0,953	249	0,341
	Sim	15,41			
Intrusividade (materna)	Não	10,88	-0,312	247	0,755
	Sim	11,05			
Supervisão do comportamento (materna)	Não	15,85	-0,976	247	0,330
	Sim	16,33			
Cobrança da responsabilidade (materna)	Não	16,59	-0,870	256	0,385
	Sim	16,97			
Apoio emocional (paterno)	Não	25,5	-0,240	226	0,810
	Sim	25,74			
Controle punitivo (paterno)	Não	10,31	-1,440	224	0,151
	Sim	11,17			
Incentivo à autonomia (paterno)	Não	15,36	0,654	226	0,514
	Sim	15,01			
Intrusividade (paterna)	Não	8,14	-1,705	225	0,090
	Sim	8,98			
Supervisão do comportamento (paterna)	Não	14	-1,575	224	0,117
	Sim	14,99			
Cobrança da responsabilidade (paterna)	Não	14,34	-1,460	233	0,146
	Sim	15,25			
Envolvimento - pai	Não	27,98	-0,995	222	0,321
	Sim	29,25			
Envolvimento - mãe	Não	31,61	-1,377	239	0,170
	Sim	32,96			
Regras e monitoria - pai	Não	14,31	-1,332	231	0,184
	Sim	15,17			
Regras e monitoria - mãe	Não	16,26	-2,258	251	0,025
	Sim	17,23			
Punição - Pai	Não	3,77	-0,095	230	0,924
	Sim	3,8			

	Escolha definida	Média	t	gl	p
Punição - Mãe	Não	4,02	0,653	246	0,514
	Sim	3,84			
Comunicação positiva - pai	Não	8	-0,448	220	0,655
	Sim	8,24			
Comunicação positiva - mãe	Não	10,16	-0,229	239	0,819
	Sim	10,28			
Comunicação negativa - pai	Não	9,49	-1,332	222	0,184
	Sim	10,42			
Comunicação negativa - mãe	Não	10,83	-0,706	240	0,481
	Sim	11,3			
Modelo - pai	Não	10,42	-1,013	225	0,312
	Sim	10,89			
Modelo - mãe	Não	11,12	-1,216	243	0,225
	Sim	11,59			
Sentimento do filho - pai	Não	20,03	-0,435	224	0,664
	Sim	20,4			
Sentimento do filho - mãe	Não	21,91	-0,691	242	0,490
	Sim	22,41			
Clima conjugal positivo - pai	Não	14,33	-2,022	209	0,044
	Sim	16,23			
Clima conjugal positivo - mãe	Não	14,04	-2,007	217	0,046
	Sim	15,93			
Clima conjugal negativo - pai	Não	7,71	-0,001	224	0,999
	Sim	7,71			
Clima conjugal negativo - mãe	Não	7,88	-0,387	238	0,699
	Sim	8,11			
Total positivo (pai)	Não	111,84	-1,192	201	0,235
	Sim	117,22			
Total positivo (mãe)	Não	106,16	-1,112	208	0,267
	Sim	109,74			
Total negativo (pai)	Não	20,83	-0,928	221	0,355
	Sim	21,95			
Total negativo (mãe)	Não	22,79	-0,341	233	0,733
	Sim	23,23			

Por meio do teste de correlação de Pearson foram verificadas as relações das Escalas de Práticas Parentais (EPP) (Anexo M), que traz resultados das práticas educativas percebidas pelos jovens participantes e do conjunto de constructos medidos nesta pesquisa. Esses resultados encontram-se na Tabela 16; vale mencionar que enquanto o r próximo de 1 e -1 indica forte associação linear, positiva e negativa respectivamente, o r próximo de zero, por sua vez, indica ausência de relação linear. A significância estatística das associações, por sua vez, é definida pelo índice de significância (p) quando menor que 5%.

Tabela 16: Práticas Parentais (EPP), maturidade e estresse

		Nível econômico	Determinação	Responsabilidade	Independência	Autoconhecimento	Conhecimento da realidade	Maturidade para a escolha	Escore de sintomas físicos	Escore de sintomas psicológicos	Escore de alerta	Escore de resistência	Escore de exaustão
Nível econômico	r	1											
	p												
Determinação	r	-0,078	1										
	p	0,290											
Responsabilidade	r	0,032	,414(**)	1									
	p	0,662	0,000										
Independência	r	-0,039	,188(**)	,257(**)	1								
	p	0,593	0,004	0,000									
Autoconhecimento	r	0,056	,369(**)	,225(**)	0,118	1							
	p	0,443	0,000	0,001	0,070								
Conhecimento da realidade	r	0,127	,260(**)	,226(**)	0,094	,439(**)	1						
	p	0,081	0,000	0,001	0,152	0,000							
Maturidade para a escolha	r	0,030	,738(**)	,744(**)	,496(**)	,595(**)	,555(**)	1					
	p	0,712	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000						
Escore de sintomas físicos	r	0,051	0,010	-0,013	0,097	0,079	-0,098	0,043	1				
	p	0,463	0,879	0,843	0,128	0,217	0,128	0,545					
Escore de sintomas psicológicos	r	0,003	0,018	0,092	0,123	0,088	-0,056	0,085	,751(**)	1			
	p	0,963	0,778	0,157	0,054	0,168	0,385	0,233	0,000				
Escore de alerta	r	0,023	0,064	0,033	0,096	0,122	-0,064	0,090	,815(**)	,685(**)	1		
	p	0,742	0,326	0,611	0,133	0,056	0,325	0,206	0,000	0,000			
Escore de resistência	r	0,042	-0,013	0,025	0,081	0,062	-0,100	0,024	,896(**)	,844(**)	,646(**)	1	
	p	0,543	0,839	0,696	0,207	0,330	0,120	0,740	0,000	0,000	0,000		
Escore de exaustão	r	0,019	0,003	0,045	,130(*)	0,069	-0,063	0,071	,838(**)	,929(**)	,624(**)	,835(**)	1
	p	0,788	0,960	0,488	0,041	0,277	0,327	0,317	0,000	0,000	0,000	0,000	
Apoio emocional (materno)	r	0,049	,229(**)	,265(**)	0,048	,179(**)	,178(**)	,289(**)	-0,052	-0,123	0,064	-0,093	-,163(**)
	p	0,493	0,001	0,000	0,466	0,006	0,007	0,000	0,415	0,051	0,314	0,142	0,010
Controle punitivo (materno)	r	,227(**)	-0,089	-0,009	-0,117	-0,083	0,020	-0,109	0,073	0,070	0,071	0,085	0,056
	p	0,001	0,186	0,887	0,077	0,210	0,762	0,136	0,249	0,271	0,264	0,183	0,381
Incentivo à autonomia (materno)	r	-0,007	0,044	,182(**)	0,047	0,092	0,071	0,111	,160(*)	0,039	,193(**)	0,099	0,040
	p	0,921	0,508	0,006	0,479	0,157	0,284	0,127	0,011	0,542	0,002	0,115	0,522
Intrusividade (paterna)	r	0,094	-,184(**)	-0,114	0,018	0,013	0,033	-0,102	,194(**)	,187(**)	0,089	,220(**)	,213(**)
	p	0,192	0,006	0,086	0,780	0,839	0,621	0,161	0,002	0,003	0,161	0,000	0,001
Supervisão do comportamento (materna)	r	0,090	0,040	,181(**)	0,039	0,021	0,059	0,086	0,049	0,107	0,090	0,081	0,058
	p	0,208	0,555	0,006	0,553	0,753	0,375	0,237	0,442	0,092	0,155	0,203	0,361
Cobrança da responsabilidade (materna)	r	0,113	0,040	,182(**)	-0,031	0,102	,143(*)	0,123	0,071	0,053	,133(*)	0,060	0,016
	p	0,108	0,551	0,005	0,637	0,114	0,028	0,086	0,254	0,391	0,032	0,333	0,792
Apoio emocional (paterno)	r	0,113	0,104	,170(*)	0,072	0,114	,158(*)	,189(*)	-0,113	-,178(**)	-0,031	-0,114	-,222(**)
	p	0,129	0,135	0,014	0,298	0,097	0,022	0,012	0,088	0,007	0,641	0,085	0,001
Controle punitivo (paterno)	r	,214(**)	-0,005	0,010	-,153(*)	-0,041	0,070	-0,050	-0,001	0,049	-0,003	0,041	0,021
	p	0,004	0,948	0,884	0,026	0,557	0,317	0,511	0,991	0,466	0,970	0,540	0,748
Incentivo à autonomia (paterno)	r	0,025	0,019	,202(**)	0,116	0,110	0,091	0,144	0,015	-0,121	0,060	-0,030	-0,127
	p	0,734	0,791	0,003	0,093	0,110	0,187	0,058	0,826	0,067	0,365	0,647	0,054
Intrusividade (paterna)	r	0,033	-0,035	-,198(**)	-0,115	0,063	-0,017	-0,101	0,094	0,097	0,053	0,103	0,106
	p	0,660	0,616	0,004	0,094	0,362	0,809	0,183	0,156	0,143	0,423	0,119	0,110
Supervisão do comportamento (paterna)	r	0,096	0,070	0,114	-0,072	0,015	0,083	0,036	-0,047	0,005	0,004	0,004	-0,057
	p	0,198	0,319	0,102	0,299	0,828	0,231	0,639	0,480	0,946	0,955	0,952	0,388
Cobrança da responsabilidade (paterna)	r	,149(*)	0,034	0,045	-0,069	0,030	0,100	0,027	-0,026	-0,032	-0,013	0,014	-0,070
	p	0,041	0,623	0,511	0,312	0,662	0,143	0,720	0,689	0,621	0,847	0,828	0,281
Apoio emocional (total)	r	0,096	,173(*)	,235(**)	0,074	,148(*)	,184(**)	,264(**)	-0,097	-,174(**)	0,019	-0,126	-,220(**)
	p	0,198	0,013	0,001	0,281	0,031	0,008	0,000	0,143	0,008	0,777	0,058	0,001
Controle punitivo (total)	r	,229(**)	-0,021	0,023	-,147(*)	-0,065	0,059	-0,056	0,029	0,051	0,026	0,056	0,031
	p	0,002	0,769	0,739	0,032	0,347	0,393	0,462	0,663	0,440	0,697	0,398	0,642
Incentivo à autonomia (total)	r	0,025	0,019	,219(**)	0,096	0,114	0,088	0,146	0,093	-0,055	,135(*)	0,034	-0,056
	p	0,738	0,784	0,001	0,166	0,096	0,204	0,054	0,160	0,409	0,041	0,613	0,401
Intrusividade (total)	r	0,058	-0,100	-,181(**)	-0,083	0,043	0,017	-0,112	,166(*)	,154(*)	0,069	,186(**)	,180(**)
	p	0,442	0,155	0,009	0,229	0,538	0,808	0,140	0,012	0,020	0,299	0,005	0,007
Supervisão do comportamento (total)	r	0,086	0,060	,155(*)	-0,032	0,001	0,088	0,062	-0,021	0,034	0,022	0,026	-0,023
	p	0,250	0,397	0,026	0,647	0,994	0,204	0,418	0,752	0,607	0,738	0,693	0,735
Cobrança da responsabilidade (total)	r	,162(*)	0,035	0,117	-0,056	0,061	,135(*)	0,072	0,016	0,002	0,053	0,037	-0,039
	p	0,027	0,611	0,089	0,410	0,371	0,048	0,339	0,805	0,975	0,418	0,576	0,548

As práticas educativas parentais estão relacionadas a diversos indicadores de desenvolvimento psicológico e comportamental dos jovens, e duas dimensões principais estão associadas ao conceito delas: exigência e responsividade (Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006). A primeira refere-se ao comportamento dos pais, por meio de regras e limites, para controlar as atitudes dos filhos. A segunda está associada a comportamentos de apoio emocional, que se refere “as atitudes e comportamentos dos pais que demonstram disponibilidade para com os filhos, fazendo-os sentirem-se seguros emocionalmente” (Teixeira, Oliveira & Wottrich, p.435, 2006).

Neste estudo verificou-se que o apoio emocional de pai e mãe apresenta correlação significativa com a maturidade para escolha profissional dos filhos, sintomas e fases do estresse, ou seja, o apoio emocional parental favorece o desenvolvimento da maturidade para escolha profissional ($r=0,264$, $p=0,000$), também contribui para a menor manifestação de sintomas psicológicos do estresse ($r=-0,174$, $p=0,008$) e pode-se dizer que previne o agravamento do estresse, pois quanto mais apoio emocional, menos casos de estresse foram encontrados na fase de exaustão ($r=-0,220$, $p=0,001$). Além disso, o apoio emocional apresenta relação significativa com responsabilidade para escolha ($r=0,235$, $p=0,001$) e conhecimento da realidade profissional ($r=0,184$, $p=0,008$). Ao investigar apoio emocional materno e paterno separadamente, nota-se que o apoio materno apresentou relação significativa com determinação ($r=0,229$, $p=0,001$) e autoconhecimento ($r=0,179$, $p=0,006$) e o apoio emocional paterno com menos sintomas psicológicos ($r=-0,178$, $p=0,007$) de estresse manifestados pelos filhos.

Esses resultados apontam a importância do apoio emocional no momento da escolha profissional dos filhos, pois essa prática relaciona-se com quase todos os fatores considerados essenciais para que o jovem realize uma escolha com maturidade. O único aspecto que não se correlaciona é a independência; imagina-se que isso ocorra porque os filhos que recebem apoio emocional dos pais provavelmente consideram a opinião parental no momento de realizar a escolha profissional. Além disso, incentivar, elogiar, demonstrar carinho, interesse e conversar com os filhos, são comportamentos que reduzem a manifestação de sintomas psicológicos de estresse e o seu agravamento até a fase de exaustão, o que facilitará o desempenho acadêmico e aumentará as possibilidades de aprovação.

Outra prática relacionada à responsividade parental é o incentivo à autonomia que “que visa facilitar a conquista de independência psicológica dos adolescentes no âmbito das idéias e da tomada de decisões” (Teixeira, Oliveira & Wottrich, p.435, 2006). Considerando essa prática, elaborou-se o pressuposto que ela facilitaria a independência do jovem para decidir o seu futuro profissional; contudo, a relação entre incentivo à autonomia e independência para a escolha não foi significativa ($r=0,096$, $p=0,166$).

No entanto, mostraram-se relevantes as relações entre incentivo à autonomia parental e responsabilidade para escolha profissional ($r=0,219$, $p=0,001$), tanto para mãe ($r=0,182$, $p=0,006$) quanto para pai ($r=0,202$, $p=0,003$). Também verificou-se relação significativa entre incentivo à autonomia materno e o estresse na fase de alerta ($r = 0,193$, $p=0,002$) e a presença de sintomas físicos ($r=0,160$, $p=0,011$) nos participantes da pesquisa.

Os pais que incentivam os filhos a agirem de maneira independente deixam que eles aprendam com experiências próprias, os incentivam para que tenham as próprias opiniões e tomem decisões, contribuem para o desenvolvimento de responsabilidade para escolha profissional dos jovens, o que parece benéfico, pois esses jovens encontram-se no período de assumir novas responsabilidades e ingressar na fase adulta. Assumir essas responsabilidades, no entanto, exige desenvolver algumas habilidades e comportamentos, e isso pode ser considerado uma situação estressora para alguns jovens adultos. Contudo, apesar de o estresse estar presente, vale lembrar que se encontra na fase de alerta, ou seja, é positivo e prepara o indivíduo para ação (Lipp, 2005b), o que é fundamental para o jovem que se encontra no momento de escolher sua carreira, pois ele precisa buscar informações sobre o mundo do trabalho, conhecer as possibilidades profissionais para que consiga realizar a escolha com autonomia.

Em algumas famílias o que prevalece não é o incentivo à autonomia do jovem e sim a intrusividade, que são “as atitudes e comportamentos dos pais que demonstram falta de respeito à individualidade do jovem e intromissão em aspectos de sua privacidade” (Teixeira, Oliveira & Wottrich, p.435, 2006). Nesta pesquisa essa prática parental apresentou correlação significativa negativa com a responsabilidade para a escolha profissional ($r=-0,181$, $p=0,009$) e positiva com diversos aspectos do

estresse: manifestação dos sintomas físicos ($r=0,166$, $p=0,012$), psicológicos ($r=0,154$, $p=0,020$), estresse na fase de resistência ($r=0,186$, $p=0,005$) e exaustão ($r=0,180$, $p=0,007$).

Os participantes com pais intrusivos apresentam menos responsabilidade em relação à escolha profissional, mais manifestação de sintomas físicos e psicológicos e ainda encontram-se em fases mais avançadas do estresse (resistência e exaustão). Parece natural, considerando que esses pais não respeitam a individualidade de seus filhos e invadem a privacidade deles, que esses jovens não se responsabilizem por sua escolha profissional, pois esses pais provavelmente manifestam, e talvez impõem, a sua opinião a respeito dos cursos e das profissões que mais valorizam. A presença de sintomas físicos e psicológicos, assim como as fases de estresse mais avançadas (resistência e exaustão), pode estar relacionada com a falta de respeito dos pais com a privacidade dos filhos.

Quando investigada de maneira separada a intrusividade paterna e materna, constatou-se que a paterna apresenta relação significativa negativa com a responsabilidade ($r=-0,198$, $p=0,004$) dos filhos e a materna com a determinação para a escolha ($r=-0,184$, $p=0,006$). Provavelmente a dificuldade para realizar a escolha acontece, pois a opinião materna é ouvida pelos filhos e quando essa é diferente do desejo do filho, eles apresentam mais dificuldade para decidir que curso escolher. Além disso, a intrusividade materna apresentou correlação muito significativa com sintomas físicos ($r=0,194$, $p=0,002$), psicológicos ($r=0,187$, $p=0,003$) e estresse na fase de resistência ($r=0,220$, $p=0,000$) e exaustão ($r=0,213$, $p=0,001$). Em síntese, os filhos de pais intrusivos apresentam menos responsabilidade, menos determinação para escolha profissional e mais sintomas e agravamento do estresse.

As práticas pertencentes ao grupo da exigência parental, controle punitivo, supervisão do comportamento e cobrança de responsabilidade também apresentaram relações significativas com as variáveis investigadas.

O controle punitivo, que “demonstra o exercício da autoridade parental através de práticas punitivas e da imposição de idéias e valores” (Teixeira, Oliveira & Wottrich, p.435, 2006), relacionou-se positivamente com o nível econômico ($r=0,229$, $p=0,002$) e negativamente com a independência para escolha profissional ($r=-0,147$, $p=0,032$). O controle punitivo materno foi mais frequente em famílias com o nível

econômico mais elevado ($r=0,227$, $p=0,001$) e constatou-se que o controle punitivo paterno está relacionado inversamente com independência ($r=-0,153$, $p=0,026$) para escolha profissional dos filhos. Pelo teste T de Student, verificou-se que indivíduos que afirmaram existir influência dos pais na escolha relataram maior exercício de controle punitivo parental ($T=-2,61$, $gl=222$, $p=0,010$). As mães com nível econômico elevado utilizam mais o controle punitivo e quando o pai exerce essa prática, os filhos apresentam menos independência para a escolha profissional. Como esses pais costumam impor suas ideias, valores e fazem uso de consequências como castigos e proibições, é provável que esses filhos acabam não desenvolvendo, de maneira independente, a sua opinião e suas ideias em relação aos cursos e as profissões, ou ainda, quando desenvolvem podem ser punidos e por esse motivo acabam dependendo da opinião parental para realizar sua escolha profissional.

A prática supervisão do comportamento “refere-se a atitudes e comportamentos dos pais que demonstram que eles supervisionam o comportamento dos filhos buscando conhecer suas atividades ao invés de impor restrições explícitas” (Teixeira, Oliveira & Wottrich, p.435, 2006). A supervisão do comportamento materno apresentou relação com a responsabilidade para escolha ($r=0,181$, $p=0,006$), sendo que a supervisão do comportamento paterna não apresentou correlação significativa com nenhuma das variáveis investigadas. Verifica-se que quando as mães supervisionam os comportamentos dos filhos, estes assumem a responsabilidade de realizar a escolha profissional.

Partindo do pressuposto que a prática educativa cobrança de responsabilidade também contribui para que os filhos assumam a responsabilidade em relação à escolha profissional, investigou-se essa relação e verificou-se que não houve correlação significativa ($r=0,117$, $p=0,089$). Contudo, ao separar a cobrança materna da paterna, verifica-se que a materna apresentou relação positiva com a responsabilidade para escolha ($r=0,182$, $p=0,005$) profissional dos filhos. Esse resultado revela maior envolvimento das mães no que se refere a cobrar responsabilidade dos filhos, o que provavelmente contribuiu para que os jovens busquem mais informações sobre o mercado de trabalho, os cursos e as profissões e assim consigam realizar a escolha com mais facilidade. Além disso, a materna também correlacionou-se com conhecimento da realidade ($r=0,143$, $p=0,028$) e fase de alerta ($r=0,133$, $p=0,032$). O

estresse na fase de alerta provavelmente é decorrente das responsabilidades assumidas pelos jovens.

Além dos dados descritos acima, também por meio do teste de correlação de Pearson, verificaram-se nesta pesquisa as relações das Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF), que traz resultados das práticas educativas percebidas pelos jovens participantes, e do conjunto de constructos medidos nesse estudo (Anexo N). Os resultados encontram-se na Tabela 17; vale mencionar que enquanto o r próximo de 1 e -1 indica forte associação linear, positiva e negativa respectivamente, o r próximo de zero, por sua vez, indica ausência de relação linear. A significância estatística das associações, por sua vez, são definidas pelo índice de significância (p) quando menor que 5%.

Tabela 17: Qualidade na interação familiar (EQIF), estresse e maturidade

		Nível econômico	Determinação	Responsabilidade	Independência	Autoconhecimento	Conhecimento da realidade	Maturidade para a escolha	Sintomas físicos	Sintomas psicológicos	Alerta	Resistência	Exaustão
Nível econômico	r	1											
	p												
Determinação	r	-0,078	1										
	p	0,290											
Responsabilidade	r	0,032	,414(**)	1									
	p	0,662	0,000										
Independência	r	-0,039	,188(**)	,257(**)	1								
	p	0,593	0,004	0,000									
Autoconhecimento	r	0,056	,369(**)	,225(**)	0,118	1							
	p	0,443	0,000	0,001	0,070								
Conhecimento da realidade	r	0,127	,260(**)	,226(**)	0,094	,439(**)	1						
	p	0,081	0,000	0,001	0,152	0,000							
Maturidade para a escolha	r	0,030	,738(**)	,744(**)	,496(**)	,595(**)	,555(**)	1					
	p	0,712	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000						
Escore de sintomas físicos	r	0,051	0,010	-0,013	0,097	0,079	-0,098	0,043	1				
	p	0,463	0,879	0,843	0,128	0,217	0,128	0,545					
Escore de sintomas psicológicos	r	0,003	0,018	0,092	0,123	0,088	-0,056	0,085	,751(**)	1			
	p	0,963	0,778	0,157	0,054	0,168	0,385	0,233	0,000				
Escore de alerta	r	0,023	0,064	0,033	0,096	0,122	-0,064	0,090	,815(**)	,685(**)	1		
	p	0,742	0,326	0,611	0,133	0,056	0,325	0,206	0,000	0,000			
Escore de resistência	r	0,042	-0,013	0,025	0,081	0,062	-0,100	0,024	,896(**)	,844(**)	,646(**)	1	
	p	0,543	0,839	0,696	0,207	0,330	0,120	0,740	0,000	0,000	0,000		
Escore de exaustão	r	0,019	0,003	0,045	,130(*)	0,069	-0,063	0,071	,838(**)	,929(**)	,624(**)	,835(**)	1
	p	0,788	0,960	0,488	0,041	0,277	0,327	0,317	0,000	0,000	0,000	0,000	
Envolvimento - pai	r	,148(*)	0,098	,144(*)	0,021	0,130	0,073	,152(*)	-0,075	-0,120	0,022	-0,071	-,180(**)
	p	0,048	0,163	0,039	0,760	0,059	0,291	0,045	0,262	0,071	0,741	0,291	0,007
Envolvimento - mãe	r	0,028	,226(**)	,276(**)	0,050	,150(*)	0,122	,284(**)	-,133(*)	-,156(*)	0,032	-,166(**)	-,222(**)
	p	0,703	0,001	0,000	0,449	0,023	0,067	0,000	0,038	0,015	0,616	0,010	0,000

Regras e monitoria - pai	r	,160(*)	0,130	0,104	-0,005	0,117	0,099	0,144	-0,105	-0,079	-0,046	-0,043	-,151(*)
	p	0,029	0,060	0,130	0,943	0,084	0,146	0,055	0,109	0,226	0,479	0,512	0,021
Regras e monitoria - mãe	r	0,086	,263(**)	,292(**)	0,027	0,120	,196(**)	,315(**)	-0,064	-0,015	0,003	-0,030	-0,072
	p	0,227	0,000	0,000	0,685	0,064	0,003	0,000	0,311	0,806	0,966	0,630	0,254
		Nível econômico	Determinação	Responsabilidade	Independência	Autoconhecimento	Conhecimento da realidade	Maturidade para a escolha	Sintomas físicos	Sintomas psicológicos	Alerta	Resistência	Exaustão
Punição - Pai	r	0,010	-0,006	-0,013	-0,036	-0,099	-0,078	-0,049	-0,009	-0,010	-0,028	-0,006	0,000
	p	0,888	0,931	0,853	0,595	0,142	0,252	0,517	0,896	0,880	0,671	0,928	0,994
Punição - Mãe	r	0,005	-0,120	-0,020	0,071	-0,001	-0,008	-0,021	,147(*)	0,118	0,121	,131(*)	,130(*)
	p	0,939	0,076	0,770	0,281	0,988	0,899	0,778	0,020	0,062	0,056	0,039	0,040
Comunicação positiva - pai	r	0,076	0,090	0,087	0,076	0,097	0,079	0,126	-0,119	-0,130	-0,053	-0,086	-,186(**)
	p	0,313	0,206	0,218	0,277	0,159	0,254	0,100	0,074	0,051	0,428	0,198	0,005
Comunicação positiva - mãe	r	-0,032	,161(*)	,201(**)	0,037	0,100	0,032	,163(*)	0,002	-0,031	0,105	-0,021	-0,079
	p	0,659	0,018	0,003	0,580	0,131	0,629	0,027	0,975	0,635	0,104	0,748	0,222
Comunicação negativa - pai	r	0,020	-0,046	-,167(*)	-0,134	-0,001	0,011	-0,132	0,090	,168(*)	0,071	0,109	,162(*)
	p	0,792	0,515	0,017	0,053	0,994	0,870	0,084	0,178	0,011	0,285	0,102	0,015
Comunicação negativa - mãe	r	0,011	-,149(*)	-,242(**)	-0,057	-0,084	-0,017	-,205(**)	,193(**)	,209(**)	0,078	,225(**)	,239(**)
	p	0,879	0,028	0,000	0,393	0,204	0,804	0,005	0,002	0,001	0,223	0,000	0,000
Modelo - pai	r	,216(**)	,189(**)	,157(*)	0,071	0,048	0,075	,194(*)	-0,048	-0,121	0,052	-0,068	-,168(*)
	p	0,004	0,007	0,024	0,301	0,481	0,277	0,010	0,469	0,068	0,438	0,309	0,011
Modelo - mãe	r	,153(*)	,224(**)	,258(**)	0,118	0,105	0,129	,273(**)	-0,032	-0,108	0,116	-0,117	-,137(*)
	p	0,033	0,001	0,000	0,073	0,108	0,050	0,000	0,613	0,090	0,068	0,067	0,032
Sentimento do filho - pai	r	,219(**)	-0,003	0,054	-0,021	0,065	0,017	0,030	-0,030	-0,081	-0,003	-0,007	-0,117
	p	0,003	0,968	0,445	0,760	0,345	0,803	0,698	0,655	0,221	0,962	0,914	0,078
Sentimento do filho - mãe	r	0,104	0,119	,179(**)	0,053	-0,014	0,062	0,132	-0,082	-,130(*)	0,063	-0,122	-,184(**)
	p	0,151	0,078	0,008	0,427	0,827	0,356	0,072	0,200	0,042	0,325	0,056	0,004
Clima conjugal positivo - pai	r	,198(**)	0,062	0,089	0,018	0,069	0,044	0,052	-0,082	-,160(*)	-0,032	-0,131	-,151(*)
	p	0,010	0,397	0,218	0,800	0,333	0,534	0,509	0,235	0,019	0,644	0,055	0,028
Clima conjugal positivo - mãe	r	,231(**)	0,045	0,068	-0,035	0,050	0,000	-0,001	-0,075	-,151(*)	-0,021	-0,116	-,152(*)
	p	0,002	0,530	0,335	0,617	0,473	0,995	0,992	0,267	0,025	0,754	0,087	0,024
Clima conjugal negativo - pai	r	-0,097	-0,080	-0,052	-0,048	-0,021	-0,005	-0,077	0,095	,171(**)	,165(*)	0,095	0,125
	p	0,194	0,257	0,460	0,484	0,756	0,947	0,312	0,152	0,010	0,012	0,153	0,060
Clima conjugal negativo - mãe	r	-0,068	-0,059	-0,015	0,027	0,042	0,052	0,015	0,114	,156(*)	,157(*)	0,092	,140(*)
	p	0,354	0,389	0,826	0,686	0,526	0,436	0,840	0,077	0,015	0,015	0,153	0,030

A família tem sido considerada como o fator de maior influência no desenvolvimento da carreira e, especificamente, na tomada de decisão vocacional, sobretudo, em termos de apoio afetivo e instrumental (Bardagi, 2009). Neste estudo o envolvimento parental apresentou correlação significativa com a maturidade para a escolha profissional ($r=0,221$, $p=0,004$), incluindo a determinação ($r=0,171$, $p=0,015$), a responsabilidade ($r=0,220$, $p=0,002$) e o autoconhecimento ($r=0,148$, $p=0,032$) e relação inversa com a manifestação de sintomas psicológicos ($r=-0,154$, $p=0,021$) pelos jovens e a fase mais avançada do estresse (exaustão) ($r=-0,226$, $p=0,001$). Os pais são os principais parceiros para ajudar os adolescentes a se prepararem para a escolha de carreira (Dietrich & Kracke, 2009).

Especificando o escore de pai e mãe, observa-se que o envolvimento paterno apresenta relações com nível econômico ($r=0,148$, $p=0,048$), responsabilidade ($r=0,144$, $p=0,039$), maturidade para escolha ($r=0,152$, $p=0,045$) e fase de exaustão ($r= - 0,180$, $p=0,007$). O envolvimento materno correlaciona-se com determinação ($r=0,226$, $p=0,001$), responsabilidade ($r=0,276$, $p=0,000$), autoconhecimento ($r=0,150$, $p=0,023$), maturidade para escolha ($r=0,284$, $p=0,000$), sintomas físicos ($r=-0,133$, $p=0,038$), sintomas psicológicos ($r=-0,156$, $p=0,015$), fase de resistência ($r=-0,166$, $p=0,010$), (-) fase de exaustão ($r=-0,222$, $p=0,000$).

O envolvimento dos pais pode ser demonstrado de diversas formas, por meio de contato físico, palavras, comportamentos, interesse pelas atividades e sentimentos, participação, disponibilidade e diálogo (Weber, Salvador, & Brandenburg, 2005). E pode ser percebido por meio da presença dos pais no dia a dia dos filhos, do apoio, das demonstrações de amor, carinho, possibilidade de diálogo e incentivo a autonomia do filho (Weber, Salvador & Brandenburg, 2009). Neste estudo constatou-se que esse envolvimento é muito benéfico para o desenvolvimento da maturidade para escolha profissional dos filhos e também para a prevenção do agravamento do estresse em adolescentes.

Vale mencionar que o envolvimento parental não apresentou relação com a independência dos filhos para realizar a escolha profissional, o que pode significar que esses filhos consideram a opinião de seus pais no momento da escolha. Esse dado também pode relacionar-se com o medo de decepcionar a família, já que esses pais demonstram o amor que sentem por seus filhos e os filhos provavelmente querem retribuir de alguma maneira. Para D`Avilla (2003), um dos principais motivos causadores da ansiedade nos jovens é o medo de decepcionar a família.

As regras e monitoria paterna apresentaram relação positiva com o nível econômico das famílias ($r=0,160$, $p=0,029$) e negativa com o estresse na fase de exaustão ($r=-0,151$, $p=0,021$). Ou seja, os pais com nível econômico mais elevado estabelecem regras e monitoram seu cumprimento com mais frequência, essa prática também quando desempenhada pelo pai pode prevenir o agravamento do estresse. A disciplina confusa em casa é uma das fontes de estresse na adolescência (Tricoli, 2010).

Essa prática, quando desenvolvida pela mãe, correlaciona-se positivamente com conhecimento da realidade profissional ($r=0,196$, $p=0,003$), determinação ($r=0,263$, $p=0,000$), responsabilidade ($r=0,292$, $p=0,000$) e maturidade para escolha profissional ($r=0,315$, $p=0,000$). As regras e monitoria quando desempenhadas pela mãe favorecem o desenvolvimento da maturidade para escolha profissional dos filhos. O escore total das regras e monitoria, incluindo pai e mãe, reflete as relações apresentadas acima: nível econômico ($r=0,149$, $p=0,042$), determinação ($r=0,223$, $p=0,001$), responsabilidade ($r=0,206$, $p=0,002$), autoconhecimento ($r=0,134$, $p=0,047$), conhecimento da realidade ($r=0,168$, $p=0,013$) e maturidade para escolha profissional ($r=0,257$, $p=0,001$).

A punição corporal, que corresponde as surras e as palmadas utilizadas pelos pais para corrigir ou controlar comportamentos dos filhos, ou ainda como forma de descarregar emoções acumuladas dos pais (Weber, Salvador & Brandenburg, 2009), não apresentou correlação significativa quando analisados os escores totais e a punição paterna, no entanto a punição materna apresentou relação positiva com manifestação de sintomas físicos ($r=0,147$, $p=0,020$) e as fases do estresse resistência ($r=0,131$, $p=0,039$) e exaustão ($r=0,130$, $p=0,040$). Uma das fontes de estresse na adolescência são punições injustas (Tricoli, 2010). Verifica-se que a punição corporal não se relacionou com aspectos do desenvolvimento da maturidade para escolha profissional dos filhos, mas sim com os sintomas e fases do estresse, o que revela que a punição corporal quando praticada pela mãe contribuiu para manifestação de estresse nos filhos. Tucunduva e Weber (2008), ao revisar dez anos (1996-2006) de estudos acerca da interação e fatores familiares que representam risco e proteção para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, afirmam que conflitos familiares e punição física são os fatores de risco mais citados na literatura.

Tucunduva (2009) afirma que a comunicação negativa parental relaciona-se a dúvidas na escolha do curso. Em estudo realizado por Santos (2005), os estudantes relatam que os discursos dos pais são contraditórios e, muitas vezes, geram dúvidas, insegurança e dependência. Partindo do pressuposto que a comunicação negativa também se correlaciona positivamente com estresse e inversamente com maturidade, investigou-se essa relação. Verificou-se que essa prática correlaciona-se negativamente com a responsabilidade ($r=-0,239$, $p=0,001$) e maturidade para escolha

da profissão ($r=-0,190$, $p=0,012$) e positivamente com manifestação de sintomas físicos ($r=0,172$, $p=0,009$) e psicológicos ($r=0,230$, $p=0,000$) do estresse e as fases de resistência ($r=0,208$, $p=0,002$) e exaustão ($r=0,239$, $p=0,000$).

Separando os resultados maternos e paternos, quando essa comunicação é realizada pelo pai, os participantes apresentaram menos responsabilidade ($r=-0,167$, $p=0,017$) para escolha, mais manifestação de sintomas psicológicos ($r=0,168$, $p=0,011$) e encontravam-se na fase mais avançada do estresse (exaustão) ($r=0,162$, $p=0,015$). Quando a comunicação negativa era desenvolvida pela mãe, além de menos responsabilidade ($r=-0,242$, $p=0,000$), também as relações inversas ocorreram com determinação ($r=-0,149$, $p=0,028$) e maturidade para escolha ($r=-0,205$, $p=0,005$). Em relação ao estresse, somam-se a manifestações de sintomas físicos ($r=0,193$, $p=0,002$), psicológicos ($r=0,209$, $p=0,001$) e a fase de resistência ($r=0,225$, $p=0,000$) e exaustão ($r=0,239$, $p=0,000$). Esse resultado confirma que a comunicação negativa, ou seja, a falta de controle emocional dos pais manifestado por ameaças, xingamentos, gritos e humilhações, favorece a manifestação de sintomas de estresse e seu agravamento nos filhos. Além disso, dificulta o desenvolvimento da maturidade para escolha profissional.

A ausência de discussões nas famílias sobre questões de carreira, mercado de trabalho, vida universitária, opções de profissionalização, trabalho, dentre outras, ou seja, sobre o novo contexto que os jovens enfrentariam após a saída da escola, pode dificultar a chegada da maturidade para a escolha profissional. Os diálogos com pais e familiares costumavam versar apenas sobre o vestibular e a existência ou não de uma definição de curso. Não se sabe se são os pais ou são os filhos que evitam discutir sobre os temas relacionados à escolha, mas é reconhecido que a dificuldade na comunicação, a falta de diálogo e pouca troca de informações, traz ressentimentos aos filhos (Bardagi & Hutz, 2008).

Já a comunicação positiva dos filhos, que indica quanto os filhos se sentem à vontade para falar de si para seus pais, ou seja, a disponibilidade e a abertura dos pais para o diálogo construtivo na interação familiar (Weber, Salvador & Brandenburg, 2009), correlaciona-se negativamente com a fase de exaustão ($r=-0,143$, $p=0,032$) do estresse e positivamente com a determinação ($r=0,171$, $p=0,016$), a responsabilidade ($r=0,174$, $p=0,013$) e maturidade para escolha profissional ($r=0,183$, $p=0,017$). A

comunicação positiva com o pai apresenta correlação negativa com a fase mais avançada do estresse (exaustão) ($r=-0,186$, $p=0,005$) enquanto a comunicação positiva com a mãe relaciona-se com a determinação ($r=0,161$, $p=0,018$), responsabilidade ($r=0,201$, $p=0,003$) e maturidade para escolha profissional dos filhos ($r=0,163$, $p=0,027$).

A comunicação positiva somada ao modelo parental, isto é, se os pais são exemplos positivos para os filhos (Weber, Salvador & Brandenburg, 2009), contribui para o desenvolvimento da maturidade dos filhos e a prevenção do agravamento do estresse.

Neste estudo, tais práticas, quando desempenhada pela mãe e pelo pai, apresentaram correlação positiva com nível econômico ($r=0,211$, $p=0,004$), determinação ($r=0,223$, $p=0,001$), responsabilidade ($r=0,220$, $p=0,001$) e maturidade para escolha profissional ($r=0,260$, $p=0,001$) dos filhos e relação inversa com a fase mais avançada do estresse (exaustão) ($r=-0,165$, $p=0,012$).

Assim como o modelo parental materno e paterno correlacionou-se com o nível econômico, o sentimento do filho em relação ao pai também apresentou essa relação ($r=0,219$, $p=0,003$). Já com a mãe foi possível identificar correlação positiva com a responsabilidade para escolha ($r=0,179$, $p=0,008$) e negativa com a manifestação sintomas psicológicos ($r=-0,130$, $p=0,042$) e estresse na fase de exaustão ($r=-0,184$, $p=0,004$). Assim, refletiu-se no sentimento do filho o nível econômico ($r=0,196$, $p=0,009$) e inversamente com o estresse em sua fase mais avançada (exaustão) ($r=-0,171$, $p=0,010$). Os pais que não orientam seus filhos, que não os ensinam a escolher, não os motivam a descobrir seus próprios objetivos e as alternativas que podem existir para realizá-los, não ensinaram seus filhos a abrir seus próprios caminhos e sentir o prazer das próprias realizações (Padilha, 2004).

Além das práticas mencionadas acima, o clima conjugal, positivo e negativo, também exerce influência no desenvolvimento da maturidade para escolha e na manifestação de sintomas e fases de estresse dos filhos. A boa relação entre o casal apresentou relação positiva com nível econômico ($r=0,198$, $p=0,010$; $r=0,231$, $p=0,002$) e correlação inversa com sintomas psicológicos ($r=-0,160$, $p=0,019$; $r=-0,151$, $p=0,025$) e o estresse na fase de exaustão ($r=-0,151$, $p=0,028$; $r=-0,152$, $p=0,024$). Isso ocorreu tanto para clima conjugal paterno quanto para materno, respectivamente.

Já o clima conjugal negativo apresenta relação com sintomas psicológicos ($r=0,169$, $p=0,011$), estresse na fase de alerta ($r=0,167$, $p=0,012$) e exaustão ($r=0,133$, $p=0,045$). O paterno relacionou-se com presença de sintomas psicológicos ($r=0,171$, $p=0,010$) e estresse na fase de alerta ($r=0,165$, $p=0,012$). Ao clima conjugal negativo materno, além dos sintomas psicológicos ($r=0,156$, $p=0,015$) e alta frequência de estresse na fase de alerta ($r=0,157$, $p=0,015$), somam-se as manifestação de estresse na fase de exaustão ($r=0,140$, $p=0,030$).

Por meio da análise de regressão linear foram desenvolvidas as seguintes equações envolvendo as variáveis mensuradas:

Previsão de Maturidade = 121,51 + 1,30 Regras e monitoria (mãe) + 1,01 Modelo (mãe)

Os resultados da pesquisa desenvolvida por Fiamengue e Whitaker (2003) revelam ser impossível desprezar o papel da mãe no momento em que o (a) filho (a) pensa na escolha profissional, no entanto afirmam que essa influência ainda é cheia de contradições. Com essa equação, verificou-se que 12% (R^2) da variância da maturidade para escolha profissional pode ser explicada pelo modelo envolvendo regras e monitoria e modelo materno ($F= 12,77$, $p < 0,001$). A escolha profissional madura pode ser vista como um processo em que características pessoais e profissionais devem ser analisadas de forma a constituírem critérios consistentes de avaliação numa tomada de decisão (Moura, 2005). Embora o valor da variância explicada seja pequeno, a equação encontrada confirma a influência da interação familiar sobre a maturidade para a escolha. Ou seja, as mães que se comportam de maneira coerente com o que ensinam, criam regras que definem o que o filho deve fazer e supervisionam o cumprimento das normas e das atividades estabelecidas, contribuem para o desenvolvimento da maturidade para escolha profissional dos filhos. Considerando os aspectos previstos teoricamente e os resultados deste estudo, os outros 88% da variância parecem ser explicados pelo apoio emocional parental, o envolvimento dos pais e a comunicação positiva; além disso pode-se incluir o conhecimento do mundo do trabalho, o autoconhecimento: a satisfação pessoal e a habilidade com a matéria escolar.

Previsão de Sintomas físicos (estresse) = 0,29 Intrusividade (mãe) + 0,27 Incentivo autonomia (mãe) – 0,88

Conforme a equação acima, os sintomas físicos de estresse foram parcialmente explicados pela intrusividade e incentivo a autonomia materna ($R^2 = 7,8\%$, $F = 10,43$, $p < 0,001$). A equação de regressão, neste caso, reafirma a relação entre estresse e intrusividade e estresse e incentivo à autonomia verificado nesta pesquisa por meio da Correlação de Pearson. Observa-se que as mães, que desrespeitam a individualidade e privacidade dos filhos e também aquelas que os incentivam a agirem de maneira independente, contribuem para manifestação de sintomas físicos do estresse. Às vezes, os pais esperam dos filhos comportamentos de independência e responsabilidade precoces e, outras vezes, valorizam comportamentos infantis, criando um ambiente ambivalente e sendo, muitas vezes, causadores de estresse nos filhos (Bignotto, 2005). Essa equação explicou apenas 7,8% da variância de sintomas físicos, conforme o próprio relato dos jovens, muitos outros fatores estão relacionados ao seu estresse, entre eles aspectos acadêmicos como os estudos, as provas, o vestibular e também os relacionamentos com pares e namorados.

Previsão de Sintomas psicológicos (estresse) = 8,41 + 0,95 Intrusividade – 0,06 Apoio emocional

($R^2 = 4,7\%$, $F = 5,43$, $p < 0,05$)

Bignotto (2005) afirma que os comportamentos dos pais têm grande influência na prevenção do estresse de seus filhos, pois poderão contribuir para que eles sejam mais vulneráveis ou mais resistentes ao estresse. Em relação aos sintomas psicológicos do estresse, a intrusividade de pais e mães novamente apresentou seus efeitos negativos, enquanto o apoio emocional parental revelou seu aspecto preventivo junto ao estresse. A equação, no entanto, explicou uma fração muito pequena da variação dos sintomas psicológicos (menos de 5%), instigando pesquisas futuras a tentar contemplar maior variedade de variáveis.

Todas as equações apresentadas atenderam aos requisitos no que tange à significância de cada variável independente para o modelo e também às premissas de não colinearidade. Observa-se, no entanto, que todas elas apresentaram poder

explicativo menor que 15%. Esse fato, de certa forma, poderia ser esperado tendo em vista a multideterminação de fenômenos psicológicos como o estresse e a maturidade, sobretudo entre um público adolescente, sujeito a transformações e exposto a muitas influências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em recente revisão de literatura, após apreciação de diversos estudos sobre o tema família e indecisão vocacional, concluiu-se que as pesquisas já desenvolvidas ainda apresentam resultados pouco consistentes (Santos, 2010). Com o intuito de preencher essa lacuna, diversos pesquisadores desenvolvem estudos e trazem reflexões importantes sobre a influência e participação da família no momento da escolha profissional dos filhos (Mahl, Soares & Neto, 2005; Silva, 2006; Dias, 2007; Almeida, 2009b; Bardagi, 2009; Dias & Soares, 2009; Diniz, 2009, 2009; Garcia, 2009; Moraes & Lima, 2009; Santos e Alves, 2009; Silva, Zucatti & Zoltowski, 2009; Almeida, 2009c).

Esta pesquisa também foi desenvolvida na tentativa de investigar aspectos específicos dessa relação e facilitar a compreensão de como a família influencia no momento da escolha da carreira de jovens adultos. Contudo, aqui, o foco foi identificar as relações existentes entre as práticas educativas parentais percebidas pelos filhos, estresse e maturidade para escolha profissional de estudantes.

Os dados desta pesquisa apontam que cursar o ensino superior é um objetivo comum de estudantes de diferentes níveis econômicos. O concurso do vestibular, requisito para que alcancem o objetivo pretendido, é percebido pela maioria dos jovens como uma prova difícil, um estudo, um desafio considerado tenso e estressante.

Revela-se que mais da metade dos participantes deste estudo encontra-se estressada; os sintomas que mais manifestam são os psicológicos, sendo que o mais mencionado é pensar constantemente em um assunto. Supõe-se que esse assunto, constantemente pensado pelos jovens adultos, relaciona-se com os estudos, a aprovação no vestibular e as cobranças da família.

Nesta pesquisa as moças mostraram-se mais maduras do que os rapazes para realizar a escolha profissional, já os homens apresentaram estar menos estressados. Os escores de estresse foram mais elevados nos alunos de escolas particulares e não foram encontradas correlações significativas quando investigado o curso escolhido e o nível de estresse dos jovens.

Constatou-se que os jovens cujas mães não estão inseridas no mercado de trabalho apresentam mais estresse e também mais determinação para escolha da profissão. Verificou-se, ainda, que o estado civil dos pais (casados) apresenta

correlação significativa com a definição da escolha profissional dos filhos e também com escores totais positivos das práticas educativas.

Foi possível perceber que para a metade dos jovens deste estudo a família exerce influência no momento da escolha e, em menor proporção, os pais e os amigos. No momento da escolha, pais e mães valorizam profissões tradicionais como medicina, direito e engenharia; já os filhos priorizam a satisfação pessoal e a habilidade com a matéria.

Verifica-se que os pais e as mães participam de maneira diferente no processo de escolha profissional dos filhos, na maioria das vezes, as mães se envolvem mais do que os pais, apesar disso ambos costumam incentivar muito os filhos a estudarem. As mães tentam saber quais carreiras os filhos demonstram interesse e costumam conversar com eles sobre a atividade que exercem. Já os pais oferecem mais recompensas caso os filhos sejam aprovados no vestibular e também criticam e desvalorizam determinadas profissões com mais frequência.

Este estudo confirmou o pressuposto que as práticas educativas parentais interferem no nível de estresse e maturidade dos filhos. Verificou-se que a percepção dos filhos sobre as práticas educativas parentais, o apoio emocional e o envolvimento apresentam correlação significativa com a maturidade para escolha profissional dos filhos e relação inversa com sintomas e fases do estresse. Esses resultados apontam a importância do apoio emocional e do envolvimento parental no momento da escolha profissional dos filhos, pois essas práticas relacionam-se com quase todos os fatores considerados essenciais para que o jovem realize uma escolha com maturidade.

O modelo parental também contribui para o desenvolvimento da maturidade dos filhos e a prevenção do agravamento do estresse. A comunicação positiva parental correlaciona-se negativamente com a fase de exaustão do estresse e positivamente com maturidade. As regras e a monitoria favorecem igualmente o desenvolvimento da maturidade para escolha profissional dos filhos.

Já a comunicação negativa correlaciona-se negativamente com maturidade para escolha da profissão e positivamente com manifestação de sintomas físicos e psicológicos do estresse e as fases de resistência e exaustão. Também a intrusividade apresentou correlação significativa negativa com a responsabilidade para a escolha profissional e positiva com diversos aspectos do estresse. Em outros termos, neste

estudo os filhos de pais intrusivos apresentam menor responsabilidade, menor determinação para a escolha profissional e mais sintomas de agravamento do estresse.

A punição corporal materna apresentou relação positiva com a manifestação de sintomas físicos e as fases do estresse resistência e exaustão, contudo não se relacionou com aspectos do desenvolvimento da maturidade para a escolha profissional dos filhos.

Além das práticas mencionadas acima, verificou-se que o clima conjugal exerce influência na manifestação de sintomas e nas fases de estresse dos filhos. O clima conjugal positivo correlaciona-se com menor manifestação de sintomas do estresse e também com menor agravamento. Já o clima conjugal negativo relaciona-se com uma maior manifestação de sintomas pelos filhos e a fase de exaustão.

Em síntese, com as contribuições desta pesquisa, pode-se dizer que a integração de apoio emocional, envolvimento parental, regras e monitoria, modelo e comunicação positiva auxilia no desenvolvimento da maturidade para a escolha profissional dos filhos. Além disso, o apoio emocional, o envolvimento parental, o modelo, a comunicação positiva e o clima conjugal positivo previnem a manifestação de sintomas e o agravamento do estresse nos filhos.

Apesar de os resultados deste estudo confirmarem que as práticas educativas influenciam na maturidade e no nível de estresse dos jovens adultos, deve-se mencionar que a decisão da escolha é afetada por diversos fatores, ou seja, é multideterminada e a família é parte de todo um conjunto que é considerado no momento da decisão.

Os dados aqui apresentados sobre o estresse, a percepção dos jovens em relação ao vestibular e também a forte influência das matérias escolares no momento da escolha profissional, demonstram a necessidade de abordar esses temas nas escolas, uma vez que ao ingressar no ensino superior, esses assuntos não serão trabalhados. Apesar de o tema *trabalho* ser tratado como um dos conteúdos transversais que perpassam diversas disciplinas da grade curricular do sistema de educação básica, no entanto, algumas vezes, os professores não estão preparados para trabalhar com essa e outras temáticas (Valore, 2002; Bonfim & Esbrogeo, Soares, 2003; Melo-Silva, Lassance & Soares, 2004).

Da mesma forma, é fundamental realizar intervenções que contribuam para o desenvolvimento global dos discentes, incluindo programas que propiciem o desenvolvimento da maturidade para escolha e estratégias para administrar o estresse de maneira adequada. E, ainda, desenvolver atividades que aproximem as escolas do ensino fundamental e médio com as escolas de ensino superior e principalmente estratégias que aproximem mais os pais da escola, para que, juntos, eduquem e formem os jovens.

Em outras palavras, torna-se relevante rever alguns padrões do sistema de ensino, para que a escola fique mais próxima de cumprir o seu papel, um espaço para reflexão, que forma pessoas e auxilia os estudantes na construção do projeto profissional. É de grande valia questionar a época em que o sistema educacional exige que jovens escolham o curso para o qual prestarão o exame vestibular; contudo, parece ainda mais produtivo propor a elaboração de programas de intervenção em escolas públicas e privadas. (Melo-Silva, Oliveira & Coelho, 2002; Neiva, 2003; Ribeiro, 2003; Neiva & cols., 2005).

Uma estratégia que contribui significativamente para desenvolver a maturidade em relação à escolha profissional dos estudantes é a Orientação Profissional (OP) (Melo-Silva & Jaquemin, 2001; Melo-Silva, Oliveira & Coelho, 2002; Folsom & Reardon, 2003; Silva & cols, 2008; Faria, Silva & Fochesato, 2010). Independente da linha teórica assumida, o conceito de Orientação Profissional (OP) pode ser descrito como um processo de ajuda que apresenta os seguintes objetivos: orientar o indivíduo para que este reflita sobre as influências na (re)escolha da carreira, desenvolver o autoconhecimento, ampliar o conhecimento sobre a realidade do mundo do trabalho, auxiliar na solução das dificuldades presentes ao encarar a escolha. Com isso, o orientando pode decidir com mais maturidade que carreira deseja seguir (Bohoslavsky, 1998; Soares, 1987; Muller, 1988; Lucchiari, 1993; Neiva, 1995; Ribeiro, 2003; Mouta & Nascimento, 2008).

As seis escolas participantes deste estudo não tinham um programa de intervenção com os alunos, tampouco um espaço para orientar os pais, sendo que isso reflete o que é confirmado em outras regiões do país.

No Brasil, em instituições públicas e privadas, a Orientação Profissional é uma atividade secundária na escola, pois existem problemas graves relativos às atividades

fins do sistema educacional. Assim, a área estabeleceu-se mais em consultórios e escolas privadas de ensino médio que objetivam o acesso às carreiras e universidade de prestígio, garantindo o marketing da escola e do curso pré-vestibular. No entanto, apesar do abandono dessa atividade nas instituições públicas, algumas intervenções são desenvolvidas, embora em menor escala e com adaptações para esta realidade social (Valore, 2002; Bonfim & Esborgeo, Soares, 2003; Melo-Silva, Lassance & Soares, 2004).

Considerando os resultados apresentados, constata-se que os objetivos deste estudo foram alcançados e também que seus pressupostos foram confirmados, pois foram apontadas diversas correlações significativas entre as variáveis investigadas. Apesar das contribuições deste trabalho, ele apresentou algumas limitações. Para os próximos pesquisadores, sugere-se que investiguem também a percepção dos pais e professores sobre esse processo, para que integrando esses diferentes olhares, se proponham intervenções adequadas com estudantes, pais e professores. Seria igualmente importante desenvolver estudos longitudinais, que consigam verificar a maturidade e o nível de estresse em diferentes momentos do ensino médio para que se possa acompanhar e identificar os outros aspectos que contribuem para manifestação do estresse e do desenvolvimento da maturidade para escolha profissional em escolares.

6 REFERÊNCIAS

Afonso, J. R. (2010). O stress na adolescência e a escolha profissional . Em V. A. C., Tricoli. *Stress na adolescência: problemas e soluções*. (pp. 97- 106). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Almeida, F. H. (2009a). Orientação de pais com filhos em processo de escolha profissional: uma intervenção em grupo operativo. Dissertação de mestrado disponível na internet. Programa de pós-graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia da Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP. Ribeirão Preto, SP. Obtido em 25 de outubro de 2010 do World Wide Web: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-03082009-143254/pt-br.php>.

Almeida, F. H. (2009b). Os pais e o processo de escolha profissional dos filhos. Em Associação Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais do II Congresso Latino Americano de Orientação Profissional: IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*. (pp. 32). Atibaia, SP: ABOP.

Almeida, F. H. (2009c). Grupo de orientação de pais com filhos em processo de escolha da carreira. Em Associação Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais do II Congresso Latino Americano de Orientação Profissional: IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*. (pp. 89). Atibaia, SP: ABOP.

Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. Em H. J. Guilhardi (Org.). *Sobre o comportamento e cognição* (vol. 8, pp. 54-60). Porto Alegre: ESETec.

Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460.

Amir, T. & Gati, I. (2006). Facets of career decision-making difficulties. *British Journal of Guidance & Counselling*, 34 (4), pp. 483-503.

Argyropoulou, E. P., Sidiropoulou-Dimakakou, D. & Besevegis, E. G. (2007). Generalized Self-Efficacy, Coping, Career Indecision, and Vocational Choices of Senior High School Students in Greece: Implications for Career Guidance Practitioners. *Journal of Career Development*, 33 (4), pp. 316-337.

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2008). Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB). Obtido em 25 de novembro de 2009 do World Wide Web: http://www.abep.org/codigosguias/ABEP_CCEB.pdf.

Balbinotti, M. A. A. (2003). *A noção transcultural de maturidade vocacional na teoria de Donald Super. Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 461-473. Recuperado em 18 de setembro de 2010. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a05.pdf>.

Balbinotti, M. A. A., Wiethaeuper, D. & Barbosa, M. L. L. (2004). *Níveis de cristalização de preferências profissionais em alunos do ensino médio. Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5 (1). Obtido em 17 de setembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100003&lng=pt&nrm=iso.

Balbinotti, M. A., & Tétréau, B. (2006). Questionário de educação à carreira: Propriedades psicométricas da versão brasileira e comparação transcultural. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(2), 49-67.

Bandura, A. (1989). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*, 44, 1175-1184.

Bardagi, M. P. (2002). Os estilos parentais e sua relação coma indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes. Dissertação de mestrado disponível na internet. *Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Obtido em 25 de outubro de 2010 do World Wide Web: <http://hdl.handle.net/10183/2147>.

Bardagi, M. P. (2009). Relação pais e filhos durante a graduação: a importância do apoio e da comunicação. Em Associação Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais do II Congresso Latino Americano de Orientação Profissional: IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*. (pp. 32). Atibaia, SP: ABOP.

Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2008). Apoio parental percebido no contexto da escolha inicial e da evasão de curso universitário. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9, 31-44.

Baum, W. M. (2006). *Compreender o behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução*. Porto Alegre: Artmed.

Baumrind, D. (1966). *Effects of authoritative control on child behavior. Child Development*, 37(4), 887-907.

Bignotto, M. M. (2005). Em M. N. Lipp. *Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções* (pp. 101 – 122). Campinas, SP: Papyrus.

Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional: A estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.

Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das Habilidades Sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235.

Bonfim, T. A., Esborgeo, M. C. & Soares, D. H. P. (2003). Um estudo preliminar sobre práticas em orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1-2). em 25 de novembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100004&lng=pt&nrm=iso.

BRASIL, Ministério da Educação. (1996). Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional. Brasília, dez. Obtido em 20 de outubro de 2010 do World Wide Web: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.

Bright, J. E. H., Pryor, R. G. L., Wilkenfeld, S. & Earl, J. (2005). The Role of Social Context and Serendipitous Events in Career Decision Making. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 5 (1), pp. 19-36.

Bueno, A. M. F. (2006). A influência da família na escolha profissional dos estudantes de Pedagogia da Unicamp. Trabalho de conclusão de curso disponível na internet. *Faculdade de Educação*, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. Obtido em 25 de outubro de 2010 do World Wide Web: <http://cutter.unicamp.br/document/?down=21288>.

Bueno, S. (1996). *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD.

Calais, S. L., Andrade, L. M. B. & Lipp, M. E. N. (2003). Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de Stress em adultos jovens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), pp. 257-263. Obtido em 25 de outubro de 2010 do World Wide Web: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722003000200005&lng=pt&nrm=iso.

Campagna, C. G. & Curtis, G. J. (2007). So worried I don't know what to be: Anxiety is associated with increased career indecision and reduced career certainty. *Australian Journal of Guidance & Counselling*, 17 (1), pp. 91-96.

Cavallet, S.R. (2006). *Construção da identidade e escolhas no acesso ao Ensino superior*: processos de mudança e trabalho psíquico. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR.

Coutinho, M. C. (1993). *Subjetividade e trabalho*. Em: Lucchiari, D. H. P. S. (org.) *Pensando e vivendo a orientação profissional*. (5ª ed.). São Paulo: Summus

Creed, P. A. & Patton, W. (2003). Predicting two components of career maturity in school based adolescents. *Journal of Career Development*, 29 (4), 277-290.

Cunha, W. H. A. (1975). Alguns princípios de categorização, descrição e análise do comportamento. *Ciência e cultura*, 28 (1), 15-24.

Danna, M.F. & Matos, M.A. (1999). *Ensinando observação: uma introdução*. São Paulo: Edicon.

Darling, N. & Steinberg, L. (1993) Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 87-496.

Darling, N. (1999). *Parenting styles and its correlates*. *Parent News for July-August*, 5(4).

D'Avila, G. T. (2003). Vestibular: fatores geradores de ansiedade na "cena da prova". *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1-2). Obtido em 24 de novembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100010&lng=pt&nrm=iso.

Decreto n. 2208 de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art.36 e os arts. 39 a 42 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Obtido em 20 setembro, 2010 do World Wide Web: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm.

Del Prette, G.; Pereira, M. A. M.; Mazer, M. & Amaral, S. (2007). Análise do Comportamento e educação: Orientação profissional na orientação analítico-comportamental. *Boletim Paradigma*, 2, 23-25.

Dell'Aglio, D. D. & Hutz, C. S. (2002). Estratégias de Coping de Crianças e Adolescentes em Eventos Estressantes com Pares e com Adultos. *Psicol. USP*, 13 (2), 203-225. Obtido em 25 de outubro de 2010 do World Wide Web: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-65642002000200012&script=sci_arttext.

Deslandes, S. F., Assis, S. G. d., Gomes, R., Njaine, K., & Constantino, P. (2005). *Livro das famílias: conversando sobre a vida e sobre os filhos*. Ministério da Saúde / Sociedade Brasileira de Pediatria.

Dias, M. L. (2007). Em D. Barros, M. Lima & R. Escalda. *Escolha e inserção profissionais: desafios para indivíduos, famílias e instituições*. (pp. 258 - 275). São Paulo: Vetor.

Dias, M. S. L. & Soares, D. H. P. (2009). *Planejamento de carreira: uma orientação para estudantes universitários*. São Paulo: Vetor.

Dietrich, J. & Kracke, B. (2009). Career-specific parental behaviors in adolescents' development. *Journal of Vocational Behavior*, 75 (2), 109-119.

Diniz, C. F. N. (2009). As narrativas do jovem e sua família: tecendo redes entre a terapia familiar sistêmica e a orientação profissional. Em Associação Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais do II Congresso Latino Americano de Orientação Profissional: IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*. (pp. 88). Atibaia, SP: ABOP.

Fagundes, A.J.F.M. (1992). *Descrição, definição e registro de comportamento*. São Paulo. Edicon.

Faria, R. R. F., Silva, M. B. & Fochesato, I. C. (2010). Aliança Educativa: Universidade e Escola aliadas. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.). *Anais da XL Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*. Curitiba, PR: SBP.

Ferry, T. R., Fouad, N. A. & Smith, P. L. (2000). The role of family context in a social cognitive model for career-related choice behavior: A math and science perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 57 (3), 348-364.

Fiamengue, E. C. & Whitaker, D. C. A. (2003). Instrução superior e profissionalização feminina: as mães dos vestibulandos VUNESP e suas influências sobre as escolhas dos filhos (anos 80 x anos 90). *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1-2). Obtido em 24 de novembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100011&lng=pt&nrm=iso.

Filomeno, K. (1997). *Mitos familiares: escolha profissional uma visão sistêmica*. São Paulo: Vetor.

Flores, L. Y. (2000). Factors contributing to the career orientation of Mexican American adolescent women. *Dizertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*. 60(12-B).

Folsom, B. & Reardon, R. (2003). College career courses: Desing and accountability. *Journal of Career Assessment*, 11, 421-450.

Fonseca, A. M. (1994). *Personalidade, projectos vocacionais e formação pessoal e social*. Porto: Porto.

Fouad, N. A., Cotter, E. W., Fitzpatrick, M. E., Kantamneni, N., Carter, L. & Bernfeld, S. (2010). Development and validation of the Family Influence Scale. *Journal of Career Assessment*, 18 (3), 276-291.

Fraiman, L. (2009). *O jovem: como orientá-lo para construir seu projeto de vida*. São Paulo: Esfera.

Gabel, C. L. M., & Soares, D. H. P. (2006). Contribuições da terapia familiar sistêmica para a escolha profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(1), 57-64.

Ganesh, M. P. & Magdalin, S. (2007). Perceived Problems and Academic Stress in Children of Disrupted and Non-disrupted Families. *Journal of the Indian Academy of Applied Psychology*, 33(1), 53-59.

Garcia, M. L. D. (2009). Trabalhando a Orientação Profissional com as visões e pressões da família. Em Associação Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais do II Congresso Latino Americano de Orientação Profissional: IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*. (pp. 115). Atibaia, SP: ABOP.

Gati, I. & Saka, N. (2001). High school students' career-related decision-making difficulties. *Journal of Counseling & Development*, 79 (3), 331-340.

Germeijs, V., & Verschueren, K. (2009). Adolescents' Career Decision-Making Process: Related to Quality of Attachment to Parents? *Journal of Research on Adolescence*, 19(3), 459-483.

Germeijs, V., Verschieren, K. & Soenens, B. (2006). Indecisiveness and high school students' career decision-making process: Longitudinal associations and the mediational role of anxiety. *Journal of Counseling Psychology*, 53 (4), 397-410.

Gomide, P. I. C., Salvo, C. G., Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, stress e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10 (2), 169-178.

Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2007). O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 1-17.

Gordon, L. & Meyer, J. C. (2002). Career indecision amongst prospective university students. *South African Journal of Psychology*, 32 (4), 41-47.

Hargrove, B. K., Inman, A. G. & Crane, R. L. (2005). Family Interaction Patterns, Career Planning Attitudes, and Vocational Identity of High School Adolescents. *Journal of Career Development*, 31 (4), pp. 263-278.

Hidalgo, L. R. (2009). Magia, religión e multiculturalidad: um reto para el orientador. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 95-102.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2000). Censo demográfico 2000. Obtido em 9 de fevereiro de 2011 do World Wide Web: http://www.ibge.gov.br/censo2010/piramide_etaria/index.php.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). Censo demográfico 2010. Obtido em 9 de fevereiro de 2011 do World Wide Web: http://www.ibge.gov.br/censo2010/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=00.

Justo, A. P. (2010). Em V. A. C., Tricoli. *Stress na adolescência: problemas e soluções*. (pp. 65 - 80). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kenny, M. E., & Gallagher, L. A. (2002). Instrumental and social/relational correlates of perceived maternal and paternal attachment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 25, 203-219.

Ketterson, T. U. & Blustein, D. L. (1997). Attachment relationships and the career exploration process. *The Career Development Quarterly*, 46 (2), 167-178.

Kiselica, M. S.; Baker, S. B., Thomas, R. N. & Reedy, S. (1994). Effects of stress inoculation training on anxiety, stress, and academic performance among adolescents. *Journal of Counseling Psychology*, 41(3), 335-342.

Lacoste, S.; Esparbes-Pistre, S. & Tap, P. (2005). L'orientation scolaire et professionnelle comme source de stress chez les collégiens et les lycéens: Guidance counseling as a source of stress for middle and Highschool students. *Orientation Scolaire et Professionnelle*, 34(3), 295-322.

Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L. & Dornbusch, S. M. (1991). *Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families*. *Child Development*, 62, 1049-1065.

Larson, J. H. & Wilson, S. M. (1998). Family of origin influences on young adult career decision problems: A test of Bowenian Theory. *American Journal of Family Therapy*, 26 (1), 39-53.

Lazarus R.S. & Folkman, S. (1984). Coping and Adaptation. Em Gentry, W.D. (Org.), *Handbook of Behavioral Medicine* (pp. 282-325). New York: The Guilford Press.

Leal, E. Q. (2001). Stress em Adolescentes: Uma avaliação dos principais sintomas. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-graduação em Ciências do Desenvolvimento Humano da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB.

Lehman, Y. P. (2005). *Estudos sobre evasão universitária: Mudanças de paradigmas na educação e suas consequências*. Tese de Livre Docência não-publicada, curso de

Pós-graduação em Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Levenfus, R. S. & D. Soares, D.H.P. (2002). *Orientação vocacional profissional ocupacional: novos achados e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artmed.

Levenfus, R. S. & Nunes, M. L. T. (2002a). Em R. Levenfus & D. Soares. *Orientação vocacional profissional ocupacional: novos achados e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. (pp. 61 - 80). Porto Alegre, RG: Artmed.

Levenfus, R. S. & Nunes, M. L. T. (2002b). Em R. Levenfus & D. Soares. *Orientação vocacional profissional ocupacional: novos achados e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. (pp. 149 - 162). Porto Alegre, RG: Artmed.

Lima, E. R. & Ramos, S. G. (2002). Em R. Levenfus & D. Soares. *Orientação vocacional profissional ocupacional: novos achados e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. (pp. 91 - 100). Porto Alegre: Artmed.

Lipp, M. (2004). *O stress no Brasil: pesquisas avançadas*. Campinas, SP: Papyrus.

Lipp, M. (2009). *Sentimentos que causam stress: como lidar com eles*. Campinas, SP: Papyrus.

Lipp, M. E. N. L., Malagris, L. E. N. M. & Novais, L. E. (2007). *Stress ao longo da vida*. São Paulo: Ícone.

Lipp, M. N. (1996). *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas, SP: Ícone.

Lipp, M. N. (2003a). *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lipp, M. N. (2003b). *Relaxamento para todos: controle o seu stress*. (5). Campinas, SP: Papyrus

Lipp, M. N. (2005). *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp*. (3ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lipp, M. N., Romano, A. S. P. F., Covolan, M. A. & Nery, M. I (1986). *Como enfrentar o stress*. Campinas, SP: Ícone.

Litchfield, K. & Gow, K. (2002). Coping strategies as predictors of strain. *Journal of Applied Health Behaviour*, 4(1-2), 36-45.

Lobato, C. R. P. S. (2003). Maturidade vocacional e gênero: adaptação e uso do inventário brasileiro de desenvolvimento profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1-2). Obtido em 17 de setembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100006&lng=pt&nrm=iso.

Lobato, C. R. P. S., & Koller, S. H. (2003). Maturidade Vocacional: Adaptação e Uso do Inventário Brasileiro de Desenvolvimento Profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1-2). Obtido em 17 de setembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100006&lng=pt&nrm=iso

Lucchiari, D. H. P. S. (1993). *Pensando e vivendo a orientação profissional*. (5ª ed.). São Paulo: Summus.

Lucchiari, D. H. P. S. (2003). *O que é escolha profissional*. São Paulo: Brasiliense.

Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em P. H. Mussen & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of child psychology* (v. 4). New York: Wiley.

Mahl, A. C., Soares, D. H. P. & Neto, E. O. (2005). *Programa de orientação profissional Intensivo: outra forma de fazer orientação profissional*. São Paulo: Vetor.

Malagris, L. E. N. & Castro, M. A. (2005). Em M. N., Lipp. *Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções* (pp. 65 – 100). Campinas, SP: Papirus.

Mansel, J. & Hurrelman, K (1992). Adolescent stress during status transitions - a longitudinal-study of the psychosomatic consequences of career-development. *Zeitschrift fur Soziologie*, 21 (5), 366-384.

Martins, H. T. (2001). *Gestão de carreiras na era do conhecimento: abordagem conceitual & resultados de pesquisa*. Rio de Janeiro: Qualitymark.

Mathur, G. & Sharma, P. (2001). A study of career maturity among adolescents. *Psycho-Lingua*, 31 (2), 85-88.

Mc Auliffe, G., Jurgens, J. C., Pickering, W., Calliotte, J., Macera, A. & Zerwas, S. (2006). Targeting low career confidence using the Career Planning Confidence Scale. *Journal of Employment Counseling*, 43 (3), 117-129.

Mello, V. R. B. (2003). Em L. Melo-Silva, M. Santos, J. Simões & M. Avi. *Arquitetura de uma ocupação*. (pp. 377 – 385). São Paulo: Vetor.

Melo-Silva, L. L. & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em Orientação Vocacional/Profissional: avaliando resultados e processos*. São Paulo: Vetor.

Melo-Silva, L. L., Lassance, M. C. P. & Soares, D. H. P. (2004). A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5 (2). Obtido em 19 de setembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000200005&lng=pt&nrm=iso.

Melo-Silva, L. L., Oliveira, J. C. & Coelho, R. S. (2002). Avaliação da orientação profissional no desenvolvimento da maturidade na escolha da profissão. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor*, 3(2), 44-53. Obtido em 22 de outubro de 2010 do World Wide Web: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/09.pdf>.

Meszaros, P. S., Creamer, E. & Lee, S. (2009). Understanding the role of parental support for IT career decision making using the theory of self-authorship. *International Journal of Consumer Studies*, 33 (4), 392-395.

Miura, M. & Sakano, Y. (1996). Successive changes of psychological stress in junior high school students. *Japanese Journal of Educational Psychology*, 44(4), 368-378.

Moraes, C. M. P. & Lima, A. O. (2009). Escolha profissional e vínculo paterno: um estudo com pais e filhos adolescentes. Em Associação Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais do II Congresso Latino Americano de Orientação Profissional: IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*. (pp. 88). Atibaia, SP: ABOP.

Moura, C. B. (2005). Fundamentos teóricos e práticos da orientação profissional sob o enfoque comportamental. Em M. Lassance, A. Paradiso, M. Bardagi, M. Sparta & S. Frischenbruder. *Intervenção e compromisso social*. (pp. 141 – 152). São Paulo: Vetor.

Moura, C. B. (2008). *Orientação profissional: sob o enfoque da análise do comportamento*. (2). Campinas, São Paulo: Alínea.

Moura, M. B. (2007). *Indecisão profissional do filho adolescente: uma análise sobre a influência da família a partir dos estilos parentais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) não publicado do Curso de Psicologia, Centro Universitário Positivo. Curitiba, PR.

Mouta, A. & Nascimento, I. (2008) Os (novos) interlocutores no desenvolvimento vocacional de jovens: Uma experiência de consultoria a professores. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9 (1). Obtido em 25 de novembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902008000100008&lng=pt&nrm=iso.

Muller, M. (1988) *Orientação vocacional: contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Neiva, K. M. C. (1995). *Entendendo a orientação profissional*. São Paulo: Paulus.

Neiva, K. M. C. (1998). Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP): estudo de validade e fidedignidade. *Revista UNIb*, 6, 43-61.

Neiva, K. M. C. (1999). *Manual: escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP)*. São Paulo: Vetor.

Neiva, K. M. C. (2002). Teste de frases incompletas para Orientação Profissional: Uma proposta de análise. Em R. Levenfus & D. Soares. *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. (pp. 239 - 247). Porto Alegre, RG: Artmed.

Neiva, K. M. C. (2003). A Maturidade para a Escolha Profissional: Uma comparação entre Alunos do Ensino médio. *Revista brasileira de orientação profissional*, 4(1/2), 97-100. Obtido em 22 de outubro de 2010 do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/pop/Downloads/artigos-publicados-na-revistada-abop/artigos-para-vestibulandos/maturidade%20na%20escolha%20da%20profissao.pdf/view>.

Neiva, K. M. C. (2008). *Manual: critérios para escolha profissional*. (2ªed). São Paulo: Vetor.

Neiva, K. M. C., Silva, M. B., Miranda, V. R. & Esteves, C. (2005). Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do Ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6 (1), 1-14. Obtido em 22 de outubro de 2010. do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/pop/Downloads/artigos-publicados-na-revistada-abop/artigos-para-estibulandos/maturidade%20para%20a%20escolha%20profissional.pdf>

Noronha, A. P. P., Ottati, F. (2010). Interesses profissionais de jovens e escolaridade dos pais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(1), 37-47.

Nota, L., Ferrari, L., Solberg, V. S. H. & Soresi, S. (2007). Career search self-efficacy, family support, and career indecision with Italian youth. *Journal of Career Assessment*, 15 (2), 181-193.

Nummenmaa, A. R. & Nummenmaa, T. (1997). Intergenerational roots of Finnish women's sex-atypical careers. *International Journal of Behavioral Development*, 21 (1), 1-14.

Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 15(2), 117-126.

Padilha, R. D. (2004). *Mediação sistêmico-integrativa: família e escola construindo uma cultura de paz*. Curitiba: Amanapaz.

Patara, C. R. T. (2010). Adolescência – aspectos clínicos. Em V. A. C., Tricoli. *Stress na adolescência: problemas e soluções*. (pp. 21 - 37). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Patel, S. G., Salahuddin, N. M. & O'brien, K. M. (2008). Career decision-making self-efficacy of Vietnamese adolescents: The role of acculturation, social support, socioeconomic status, and racism. *Journal of Career Development*, 34 (3), 218-240.

Patton, W. & Creed, P. A. (2001). Developmental issues in career maturity and career decision status. *The Career Development Quarterly*, 49 (4), 336-351.

Peruzzo, A. S.; Cattani, B. C.; Guimarães, E. R.; Boechat, L. C.; Argimon, I. I. L. & Scarpato, H. B. K. (2008). Estresse e vestibular como desencadeadores de somatizações em adolescentes e adultos jovens. *Revista Psicologia e Argument*, 26(55), 319-327.

Pieron, H. (1993). *Dicionário de Psicologia* (8ª ed.). São Paulo: Globo.

Pinheiro, M. H. C. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2008). A família como base. Em L. Weber. *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. (pp. 21 – 36). Curitiba, PR: Juruá.

Powell, D. F. & Luzzo, D. A. (1998). Evaluating factors associated with the career maturity of high school students. *The Career Development Quarterly*, 47 (2), 145-158.

Raimundo, R. & Pinto, A. (2006). Stress e Estratégias de Coping em Crianças e Adolescentes em Contexto Escolar. *Aletheia*, 24, 9-19.

Raphael, B. (1993). Adolescent resilience: the potential impact of personal development in schools. *Journal of pediatrics and child health*, 29 (1), 31-36.

Restubog, S. L. D., Florentino, A. R. & Garcia, P. R. J. M. (2010). The mediating roles of career self-efficacy and career decidedness in the relationship between contextual support and persistence. *Journal of Vocational Behavior*, 77 (2), 186-195.

Ribeiro, M. A. (2003). Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1-2). Obtido em 24 de outubro de 2010 do World Wide Web:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100012&lng=pt&nrm=iso.

Ribeiro, M. A. (2005). O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária: um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6 (2). Obtido em 25 de novembro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000200006&lng=pt&nrm=iso.

Rossi, A. M. (2006). *Dá um tempo: identificar, prevenir e controlar o estresse na adolescência*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

Sabbag, G. (2010). *Análise das práticas e das habilidades sociais educativas maternas na interação com os filhos adolescentes*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, SP.

Salami, S. O. (2004). Effects of problem-solving technique and anxiety management training on career indecision of school-going adolescents in Nigeria. *Journal of Psychology in Africa; South of the Sahara, the Caribbean, and Afro-Latin America*, 14 (2), 139-145.

Salvador, A. P. V. & Weber, L. N. D. (2008). A relação entre práticas educativas e estilos parentais com o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Em L. Weber. *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. (pp. 59 – 80). Curitiba, PR: Juruá.

Salvador, A. P. V. & Weber, L. N. D. (2005). Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9 (2), 341-353.

Salvador, A. P. V. (2007). *Análise da relação entre práticas educativas parentais, envolvimento com tarefas escolares, depressão e desempenho acadêmico de adolescentes*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR.

Salvo, C. G.; Silveiras, E. F. M. & Toni, P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia*, 22 (2), 185-195.

Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 57-66.

Santos, P. J. & Coimbra, J. L. (2000). Psychological separation and dimensions of career indecision in secondary school students. *Journal of Vocational Behavior*, 56 (3), 346-362.

Santos, P. J. (2010). Família e indecisão vocacional: Revisão de literatura numa perspectiva da análise sistêmica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(1), 83-94.

Saunders, D. E., Peterson, G. W., Reardon, R. C. & Sampson, J. P. Jr. (2000) Relation of depression and dysfunctional career thinking to career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 56(2), 288-298.

Schmidt, M. (2004). Stress e religiosidade cristã. Em: Lipp, M. (org.) *O estresse no Brasil: pesquisas avançadas*. Campinas: Papirus.

Sidman, M. (2001). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Livro pleno.

Silva, C. B., Zucatti, A. P. N. & Zoltowski, A. P. C. (2009). O processo de escolha profissional: o relato de uma oficina para pais. Em Associação Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais do II Congresso Latino Americano de Orientação Profissional: IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*. (pp. 109). Atibaia, SP: ABOP.

Silva, J. J. (2006). *O papel da família na escolha profissional*. São Caetano do Sul, SP: Yendis.

Silva, L. L. M. & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em orientação vocacional/profissional: avaliando processos e resultados*. São Paulo: Vetor Editora.

Silveira, J. M. de (2008). Casais em conflito: até que o ambiente os separe. Em: Weber, L. N. D. (org.) *Família e desenvolvimento: Visões interdisciplinares*. Curitiba: Juruá.

Silvestre, G. (2004). *Vestibular sem sofrimento: o segredo dos vencedores*. Belo Horizonte, BH: Gutenberg.

Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (11ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Slater, Peter; McKeown, Mick (2004). The role of peer counselling and support in helping to reduce anxieties around transition from primary to secondary school. *Counselling & Psychotherapy Research*, 4(1), 72-79.

Soares, D. H. P. (1987). *O jovem e a escolha profissional*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Soares, D. H. P. (2002). Em R. Levenfus & D. Soares. *Orientação vocacional profissional ocupacional: novos achados e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. (pp. 337 - 356). Porto Alegre, RG: Artmed.

Soares, D. H. P. (2002a). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.

Sobral, Joana Mafalda; GONCALVES, Carlos Manuel e COIMBRA, Joaquim Luís. A influência da situação profissional parental no desenvolvimento vocacional dos adolescentes. *Rev. bras. orientac. Prof.*, 10(1), 11-22.

Sparta, M. (2003). A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4 (1-2). Obtido em 27 de outubro de 2010 do World Wide Web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100003&lng=pt&nrm=iso.

Sparta, M. (2003a). *A exploração e a indecisão vocacionais em adolescentes no contexto educacional brasileiro*. Dissertação de mestrado disponível na internet. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Obtido em 25 de outubro de 2010 do World Wide Web: <http://hdl.handle.net/10183/4411>.

Tang, M., Pan, W. & Newmeyer, M. D. (2008). Factors influencing high school students' career aspirations. *Professional School Counseling*, 11 (5), 285-295.

Taylor, A. (2005). It's for the rest of your life: The Pragmatics of Youth Career Decision Making. *Youth & Society*, 36 (4), 471-503.

Teixeira, M. A. P., Oliveira, A. M. & Wottrich, S. H. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 433-441. Obtido em 25 de outubro de 2010 do World Wide Web: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n3/a12v19n3.pdf>.

Tien, HL S., Wang, YF. & Liu, LC. (2009). The role of career barriers in high school students' career choice behavior in Taiwan. *The Career Development Quarterly*, 57 (3), 274-288.

Tracey, T. J. G., Robbins, S. B. & Hofsess, C. D. Stability and change in interests: A longitudinal study of adolescents from grades 8 through 12. *Journal of Vocational Behavior*, 66(1), 1-25.

Tricoli, V, A. C. (2005). A criança e a escola. Em: Lipp, M. E. N. (org.) *Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções*. Campinas: Papirus.

Tricoli, V. A. C. (2010). Diagnóstico do stress na adolescência. Em V. A., Tricoli. *Stress na adolescência: problemas e soluções*. (pp. 39 - 51). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tucunduva, C. & Weber, L. N. D. (2008). Práticas educativas parentais: fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento dos filhos. Em L. Weber. *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. (pp. 80 - 101). Curitiba, PR: Juruá.

Tucunduva, C. (2009). *Desenvolvimento dos filhos: implicações da ocupação parental sob a percepção dos filhos*. Dissertação não publicada. Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR.

Uthayakumar, R., Schimmack, U., Hartung, P. J. & Rogers, J. R. (2010) Career decidedness as a predictor of subjective well-being. *Journal of Vocational Behavior*, 77 (2), 196-204.

Valore, A. V. (2002). Orientação profissional em grupo na escola pública: Direções possíveis, desafios necessários. Em R. Levenfus & D. Soares. *Orientação vocacional ocupacional: novos achados e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. (pp. 115 - 132). Porto Alegre, RG: Artmed.

Valore, L. A. (2003). Para poder escolher, é preciso conhecer: Vivenciando a Universidade no processo de orientação profissional – Relato de uma experiência. Em L. Melo-Silva, M. Santos, J. Simões & M. Avi. *Arquitetura de uma ocupação*. (pp. 317 – 332). São Paulo: Vetor.

Veriguine, N. R., D'Avila, G. T. & Soares, D. H. P. (2009). Contribuições da terapia familiar sistêmica para a orientação de carreira: um estudo de caso clínico. Em Associação Brasileira de Orientação Profissional (Org.). *Anais do II Congresso Latino Americano de Orientação Profissional: IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional*. (pp. 118). Atibaia, SP: ABOP.

Vignoli, E., Croity-Belz, S., Chapeland, V., Fillipis, A. & Garcia, M. (2005). Career exploration in adolescents: The role of anxiety, attachment, and parenting style. *Journal of Vocational Behavior*, 67(2), 153-168.

Vilela, M. V. C. (1996). Sintomas e fontes de stress em escolares de 1 a 4 séries. Em: Lipp, M. E. N. (org.) *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas: Papirus.

Wagner, A. (2002). *Família em cena: Tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Juruá.

Walker, C. E. & Roberts, M. C. (2001). *Handbook of clinical child psychology* (3ª ed.). New York:Wiley.

Weber, L. (2007). *Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites* (2ª ed.). Curitiba, PR: Juruá.

Weber, L. N. D. (2008). A família como base. Em L. Weber. *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. (pp. 21 – 36). Curitiba, PR: Juruá.

Weber, L. N. D. (2008). Interações entre família e desenvolvimento. Em L. Weber. *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. (pp. 09 – 20). Curitiba, PR: Juruá.

Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J. & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79.

Weber, L. N. D., Salvador, A. P. V. & Brandenburg, O. (2009). Escalas de qualidade na interação familiar Em L. Weber & A. Dessen. *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise dos dados*. (pp. 57 – 68). Curitiba, PR: Juruá.

Ximenes, L. M. S. (2004). O que eu quero ser quando me deixarem crescer? Em Z. B. Vasconcelos & I. D. Oliveira. *Orientação vocacional: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos*. (pp. 35 - 49). São Paulo, SP: Vetor.

Zamignan, D.R. & Meyer, S.B. (2007). Comportamento verbal no contexto clínico: contribuições metodológicas a partir da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(2). Obtido em 25 de setembro de 2009 do World Wide Web: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000200008&lng=pt&nrm.

7 ANEXOS

Anexo B

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais e mães para você avaliar (conforme a escala abaixo). Por diversos motivos nem sempre as pessoas que fazem o papel de pai e de mãe em nossas vidas são os nossos pais biológicos. Você deve responder os itens a seguir considerando as pessoas que, na sua vida pessoal, cumprem esses papéis de pai e de mãe. Às vezes pode ser um padrasto ou madrasta, ou mesmo uma outra pessoa (tio ou tia, avô ou avó...). Antes de começar, indique quem você vai considerar mãe e pai nas suas avaliações:

Para mãe: ☐ mãe biológica
 ☐ madrasta
 ☐ outra pessoa: _____

Para pai: ☐ pai biológico
 ☐ padrasto
 ☐ outra pessoa: _____

(1) Nunca (2) Quase nunca (3) Às vezes (4) Quase sempre (5) Sempre

A respeito de seus pais considera as seguintes frases:	MÃE	PAI
1. Impõe regras para o meu comportamento independente de minhas opiniões.	Mãe ()	Pai ()
2. Me estimula para que eu tome decisões por conta própria.	Mãe ()	Pai ()
3. Se intromete em assuntos meus mesmo quando eu não peço.	Mãe ()	Pai ()
4. Me elogia quando eu faço uma tarefa bem feita.	Mãe ()	Pai ()
5. Procura saber aonde vou quando saio de casa.	Mãe ()	Pai ()
6. Me proíbe de fazer algo que gosto quando eu faço alguma coisa errada.	Mãe ()	Pai ()
7. Demonstra carinho para comigo.	Mãe ()	Pai ()
8. Dá palpite em tudo que eu faço.	Mãe ()	Pai ()
9. Me cobra que eu seja organizado(a) com as minhas coisas.	Mãe ()	Pai ()
10. Procura conversar comigo.	Mãe ()	Pai ()
11. Verifica se estou correspondendo às expectativas nos estudos.	Mãe ()	Pai ()
12. Me pune de algum modo se desobedeço uma orientação sua.	Mãe ()	Pai ()
13. Mostra interesse pelas coisas que eu faço.	Mãe ()	Pai ()
14. Me incentiva a agir de modo independente.	Mãe ()	Pai ()
15. Me aplica algum castigo se não concorda com o meu comportamento.	Mãe ()	Pai ()
16. Me dá apoio emocional quando eu necessito.	Mãe ()	Pai ()
17. Mexe nas minhas coisas sem pedir permissão.	Mãe ()	Pai ()
18. Me incentiva a que eu tenha minhas próprias opiniões sobre as coisas.	Mãe ()	Pai ()
19. Só permite que eu saia de casa se souber aonde vou.	Mãe ()	Pai ()
20. Deixa eu ter minhas próprias experiências e aprender por mim mesmo(a).	Mãe ()	Pai ()
21. Faz brincadeiras sobre assuntos meus de um jeito que eu não gosto.	Mãe ()	Pai ()
22. Procura verificar por onde eu ando caso não saiba.	Mãe ()	Pai ()
23. Tem a última palavra sobre o que eu posso ou não fazer.	Mãe ()	Pai ()
24. Exige que eu vá bem na escola.	Mãe ()	Pai ()
25. Encontra um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.	Mãe ()	Pai ()
26. Me incentiva a dar o melhor de mim em tudo o que eu faça.	Mãe ()	Pai ()
27. Me cobra se eu não levo a sério meus compromissos.	Mãe ()	Pai ()

Anexo C

O Inventário de Sintomas de Stress Para Adultos de Lipp é de uso exclusivo dos profissionais da área de psicologia; por este motivo não foi incluído em anexo nesta versão do trabalho. Os interessados podem encontrar outras informações em: Lipp, M. N. (2005). *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp*. (3ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Anexo D

A Escala de Maturidade para Escolha Profissional é de uso exclusivo dos profissionais da área de psicologia; por este motivo não foi incluída em anexo nesta versão do trabalho. Os interessados podem encontrar outras informações em: Neiva, K. M. C. (1999). *Manual: escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP)*. São Paulo: Vetor.

Anexo E



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Lidia N. D. Weber; Rafaela R. de Faria



Caro estudante: A sua ajuda é muito importante para a nossa pesquisa sobre **“FAMÍLIA, ESTRESSE E ESCOLHA DA PROFISSÃO”**. Lembramos que você só participa se quiser. Não existem respostas certas ou erradas. Pedimos que você responda sinceramente todas as questões, sem deixar nenhuma em branco. Você não precisa escrever o seu nome e suas respostas serão analisadas em grupo e não individualmente, o que garante que você não será identificado.
Muito obrigada pela sua colaboração!

SOBRE VOCÊ

Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino **Idade:** _____
Religião: ☐ Nenhuma ☐ Católico ☐ Cristão ☐ Protestante ☐ Evangélico ☐ Outra _____
Escola: ☐ Pública ☐ Privada
Turno: ☐ Manhã ☐ Tarde ☐ Noturno ☐ Integral
Atualmente cursa: ☐ Terceiro Ano do Ensino médio ☐ Curso Pré-Vestibular ☐ Ambos
Com quem você mora? ☐ Sozinho ☐ Família ☐ Amigo(s) ☐ Outro: _____
Caso não resida com seus pais:
 Até qual idade você morou com eles? _____
 Com qual frequência seus pais o visitam? _____ Em qual cidade eles moram?

SOBRE SUA FAMÍLIA

Qual o estado civil dos seus pais? ☐ Casado ☐ Separado ☐ Viúvo ☐ Solteiro ☐ Outro: _____
Quem você considera “chefe” de sua família? _____

	Mãe	Pai
Ele(a) trabalha?	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim - Profissão: _____	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim - Profissão: _____
Escolaridade	<input type="checkbox"/> Não frequentou a escola <input type="checkbox"/> Ensino fundamental (1 a 8ª série) <input type="checkbox"/> Ensino médio (2º grau) <input type="checkbox"/> Superior incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo Qual curso: _____ <input type="checkbox"/> Pós-graduação	<input type="checkbox"/> Não frequentou a escola <input type="checkbox"/> Ensino fundamental (1 a 8ª série) <input type="checkbox"/> Ensino médio (2º grau) <input type="checkbox"/> Superior incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo Qual curso: _____ <input type="checkbox"/> Pós-graduação

Sobre irmão(s):

Tem irmãos? ☐ Não ☐ Sim. Se sim, quantos? ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ mais de 4 irmãos
 Qual a sua posição entre os irmãos? ☐ filho único ☐ mais jovem ☐ do meio ☐ mais velho
 Ele(s) trabalha(m)? ☐ Não ☐ Sim.
 Caso sim, qual(is) sua(s) profissão: _____

ESCOLHA PROFISSIONAL

Você já trabalhou ou estagiou? ☐ Não ☐ Sim, sem remuneração ☐ Sim, com remuneração
Atividade(s): _____

Pretende estudar até: ☐ Ensino médio ☐ Graduação ☐ Pós-graduação

Como você considera seu desempenho nos estudos? ☐ abaixo da média ☐ na média ☐ acima da média

Você já tem uma escolha de curso definida? ☐ Não ☐ Sim

Caso sim, qual curso escolheu? _____ ☐ técnico ☐ tecnológico ☐ superior ☐ outro

Algum familiar atua na profissão que você escolheu? ☐ Não ☐ Sim Caso sim, quem? _____

Caso não, cite as opções : _____

Sua mãe quer que você siga uma profissão específica? ☐ Não ☐ Sim Qual? _____

Seu pai quer que você siga uma profissão específica? ☐ Não ☐ Sim Qual? _____

Quanto esses fatores influenciaram para a escolha da sua profissão?

1. Retorno financeiro	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito
2. Status	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito
3. Influencia da família	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito
4. Influencia dos amigos	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito
5. Meios de comunicação	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito
6. Satisfação pessoal	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito
7. Habilidade com a matéria	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito
8. Baixa concorrência no vestibular	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito
9. Outro: _____	<input type="checkbox"/> Nada	<input type="checkbox"/> Pouco	<input type="checkbox"/> Muito

Numa escala de 1(fácil) a 10(difícil), o quanto é difícil para você escolher sua profissão? ☐

A respeito do envolvimento de seus pais:

1. Meus pais me incentivam a estudar.	PAI: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
	MÃE: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
2. Meus pais tentam saber por quais carreiras me interesse.	PAI: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
	MÃE: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
3. Meus pais me incentivam a fazer cursos extras (ex. línguas estrangeiras, música, esportes).	PAI: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
	MÃE: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
4. Meus pais me incentivam a procurar um estágio ou trabalho.	PAI: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
	MÃE: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
5. Meus pais prometem recompensas caso seja aprovado no vestibular.	PAI: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
	MÃE: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
6. Meus pais criticam/desvalorizam determinadas profissões.	PAI: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
	MÃE: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
7. Meus pais costumam conversar comigo sobre seu trabalho.	PAI: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
	MÃE: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
8. Meus pais reclamam de seu trabalho.	PAI: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito
	MÃE: <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito

Comente como sua família influencia na escolha?

Você considera que a profissão de seus pais influencia na escolha da sua futura profissão?
Por que?

Você considera que seus amigos influenciam essa escolha? De que forma?

SOBRE O VESTIBULAR

Você já realizou o vestibular ? ☐ Não ☐ Sim. Qual Curso:_____ **Foi aprovado?** ☐ Não ☐ Sim.

Você foi ou será cotista? ☐ Não ☐ Sim, social ☐ Sim, racial

Pretende cursar sua graduação em que tipo de instituição? ☐ Pública ☐ Particular ☐ Pública ou Particular

Vestibular em uma palavra é _____.

Quando penso no vestibular _____.

Se for aprovado no vestibular _____.

Se for aprovado no vestibular meu pai _____.

Se for aprovado no vestibular minha mãe _____.

Se for reprovado no vestibular _____.

Se for reprovado no vestibular meu pai _____.

Se for reprovado no vestibular minha mãe _____.

Na minha opinião as cotas _____.

Na minha opinião o modelo de seleção para ingressar na universidade mais adequado é _____.

ESTRESSE

Numa escala de 1(pouco) a 10(muito), o quanto você se considera estressado hoje? ☐

Quais são os fatores que mais contribuem para o seu estresse?

Que tipo de atividade realiza para reduzir o estresse?

Você tem algum comentário ou sugestão importante?

MUITO OBRIGADA PELA PARTICIPAÇÃO!!!

Anexo F

14. SOBRE A QUANTIDADE DOS ITENS QUE TEM NA SUA CASA:

	Quantidade de itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Máquina de lavar					
Videocassete e/ou DVD					
Geladeira					
Freezer (aparelho independente ou parte de geladeira duplex)					

Anexo G**CONSENTIMENTO PARA PESQUISA**

Eu, _____, (*nome e cargo*)
do Colégio _____, autorizo a
aluna do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPR, Psicóloga Rafaela
Roman de Faria, supervisionada pela Prof^a Dr^a Lidia Natalia Dobrianskyj Weber, a
realizar a pesquisa sobre “**AS RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA, ESTRESSE E
MATURIDADE PARA ESCOLHA PROFISSIONAL**”, que será realizada no horário de
aula com os alunos do terceiro ano do Ensino médio.

Curitiba, _____, de _____ de _____

Nome e assinatura do Diretor do Colégio

Pesquisador

Anexo H



Universidade Federal do Paraná
Setor de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

1 TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO E ESCLARECIDO

Pesquisa: Família, estresse e escolha profissional

Coordenadora: Profa. Dra. Lidia Weber (CRP 08/0774; UFPR 94200) e Mestranda Rafaela Roman de Faria (CRP 08/13830).

1. Natureza da pesquisa: Você está convidado a participar desta pesquisa, que tem como objetivo verificar a relação entre família, estresse e maturidade para escolha profissional.

2. Participantes da pesquisa: Estudantes do terceiro ano do Ensino médio de escolas públicas e privadas.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar desta pesquisa você deverá responder um questionário que será aplicado pela pesquisadora deste projeto em um encontro, que deve durar aproximadamente uma (1) hora, e que será respondido durante o horário de aula. Você tem a liberdade de se recusar a participar sem qualquer prejuízo. Solicitamos a sua colaboração em completar o roteiro de perguntas que lhe será solicitado, garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser poderá solicitar mais informações sobre a pesquisa, sendo possível entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Dra. Lidia Weber por meio do telefone (41) 3360-5000 ou e-mail lidia@ufpr.br ou com a Mestranda Rafaela Roman de Faria pelo telefone (41) 3360-5000 ou e-mail oprafaela@hotmail.com.

4. Sobre os questionários: Será solicitado que você responda a um roteiro de perguntas sobre vários aspectos da sua vida pessoal e acadêmica.

5. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais, talvez, apenas, a lembrança de alguns eventos diante da temática que será abordada. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os questionários de pesquisa serão identificados com um código, e não com o seu nome. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento dos dados.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com a sociedade e traga informações importantes sobre as questões relativas à família, estresse e escolha da profissão. No futuro, essas informações poderão ser usadas em benefício de outros estudantes.

8. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que você participe desta pesquisa. Caso o (a) senhor (a) tenha interesse que seu filho participe desta pesquisa, solicitamos que devolva esse termo assinado.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – participação do discente

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto o meu interesse em participar dessa pesquisa.

Nome: _____

Assinatura: _____

Local e Data: _____

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – autorização do responsável

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto o interesse que meu (a) filho (a) participe da pesquisa.

Nome do filho (a): _____

Nome do responsável: _____

Assinatura do responsável: _____

Local e Data: _____

Anexo I

Ciências Agrárias Engenharia Agrônômica Engenharia Florestal Engenharia Industrial Madeireira Medicina Veterinária Zootecnia	Ciências Humanas, Letras e Artes Artes Visuais Ciências Sociais Comunicação Social Design Filosofia História Letras Música Psicologia Turismo
Ciências Sociais Aplicadas Administração Gestão da Informação Ciências Contábeis Ciências Econômicas	Ciências da Saúde Enfermagem Farmácia Medicina Nutrição Odontologia Terapia Ocupacional
Ciências Biológicas Biomedicina Ciências Biológicas Educação Física	Ciências da Terra Engenharia Cartográfica Geografia Geologia Oceanografia Tecnologia em Aquicultura
Ciências Exatas Ciência da Computação Estatística Física Matemática Matemática Industrial Química	Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Engenharia Ambiental Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia Engenharia Civil Engenharia Elétrica Engenharia Mecânica Engenharia Química Engenharia da Produção
Educação Pedagogia	
Ciências Jurídicas Direito	

Anexo J

Categoria	Vestibular em uma palavra é...	N
Desconforto	Difícil	28
	Tenso	10
	Estressante	7
	Chato	4
	Cansativo	4
	Medo	3
	Esforço	3
	Complicado	3
	Pressão	2
	Preocupante	2
	Inútil	2
	Barreira	2
	Ultrapassado	1
	Terrorismo	1
	Supervalorização	1
	Subdesenvolvido	1
	Sufrimento	1
	Ruim	1
	Problema	1
	Preocupação	1
	Neurose	1
	Necessidade	1
	Irritante	1
	Incoerente	1
	Incerteza	1
	Foda	1
	Escroto	1
	Desnecessário	1
	Desespero	1
	Chato	1
	Atraso	1
	Aterrorizante	1
	Assustador	1
	Angustiante	1
	Angustia	1
	Subtotal	93
Esperança	Oportunidade	6
	Conhecimento	6
	Superação	5
	Aprendizado	3
	Conquista	3
	Escolha	3
	Crescer/ Crescer muito na vida	2

	Realização	2
	Sucesso	2
	Caminho	2
	Aprovação	1
	Avanço	1
	Meta	1
	Objetivo	1
	Passar	1
	Qualificação	1
	Que vai ter um diploma	1
	Recomeço	1
	Satisfação	1
	Sorte	1
	Vida	1
	Vitória	1
	Carreira	1
	Etapa	1
	Mudança	1
	Profissão	1
	Uma fase	1
	Universidade	1
	Subtotal	52
Compromisso	Determinação	4
	Responsabilidade	4
	Decisão	4
	Importante	4
	Dedicação	2
	Definição	2
	Disciplina	2
	Trabalho	2
	Tudo	2
	Preparação	1
	Vontade	1
	Decisivo	1
	Subtotal	29
Prova	Prova/teste/avaliação	14
	Estudo	10
	Capacidade	1
	Competência	1
	Subtotal	26
Não respondeu	Não respondeu	24
Competição	Desafio	9
	Concorrido	4
	Competição	3
	Guerra	2
	Disputa	1

Outros	Luta	1
	Resistência	1
	Classificatória	1
	Estratégia	1
	Subtotal	23
	Complemento	2
	Educação Física	1
	Artes	1
	Federal	1
	Medicina	1
	Subtotal	6

Anexo K

Categoria	Quais fatores contribuem para seu estresse?	N
Estudos	Estudos / Estudar	45
	Escola	30
	Acúmulo de matérias / Matérias atrasadas	16
	Notas / Provas / Trabalhos	11
	Subtotal	102
Família	Família	23
	Mãe / Madrasta	18
	Pais	6
	Pai	6
	Irmã / Irmão	4
	Problemas em casa	4
	Tios(as)/ Tio (as)	2
	Avos/ Avó / Avô	1
	Separação	1
	Subtotal	65
Vestibular	Vestibular	29
	Passar no vestibular	10
	Proximidade do vestibular	8
	Estudo para o vestibular	5
	Concorrência do vestibular	2
	Pré-vestibular	1
	Subtotal	55
Motivos Psicológicos	Cobrança	8
	Ansiedade	8
	Coisas/Pessoas irritantes	6
	Pressão	5
	Críticas	4
	Decepção consigo próprio	3
	Decisão profissional	3
	Responsabilidades	3
	Medo	2
	Culpa	2
	Medo de não ser aprovado	1
	Aprovação social	1
	Paranóia própria que causa estresse	1
	Falta de sentido na vida	1
	Saudades	1
	Psicológico	1
	Angústia	1
	Baixa estima	1
	Subtotal	52

Outros Motivos	Muitas atividades do dia-a-dia	4
	Responder questionários	4
	Rotina	4
	Problemas pessoais	3
	Sociedade	3
	Milhares	2
	Falta de educação das pessoas	2
	Ao ensinarem algo	1
	Preocupações profissionais	1
	Quando o que quero dá errado	1
	Mudança	1
	Possibilidade de ir morar em outra cidade, caso não seja aprovado(a)	1
	Falta de comprometimento dos outros	1
	Não utilidade das coisas	1
	Aula de dança	1
	Intercâmbio	1
	Apresentações	1
	Quando algo dá errado	1
	Repetição	1
	Capitalismo	1
	Subtotal	35
Relacionamentos	Namorado (a)	11
	Amigos (as)	11
	Relacionamentos	7
	Pessoas	2
	Lucas, menino que eu gostava, não gosto mais e nada dá certo	1
	Subtotal	32
Motivos Fisiológicos	Cansaço	8
	Noites mal dormidas	6
	Sono	3
	TPM	3
	Fome	2
	Falta de exercícios físicos	2
	Dor de cabeça	1
	Cólica	1
	Saúde	1
	Cansaço mental	1
	Insônia	1
	Aparência física	1
	Subtotal	30
Comunicação	Brigas	16
	Gritos, agito do dia-a-dia	2
	Mentira	2
	Reclamação	1
	Exigências	1

	Intromissão	1
	Brincadeiras de mal gosto	1
	Ouvir coisas que causam mágoa	1
	Ser excluído socialmente	1
	Discriminação por algo	1
	Subtotal	27
Trabalho	Trabalho	19
	Procura por emprego	1
	Subtotal	20
Recursos	Falta de tempo	7
	Falta de dinheiro	6
	Contas para pagar	1
	Problemas com eletrodomésticos	1
	Falta de tempo para estar sozinha	1
	Subtotal	16
Restrições	Acordar cedo	4
	Ter que estudar matérias que não terão utilidade futuramente	2
	Organização	1
	Proibições	1
	Parar sair	1
	Subtotal	9
Não tenho estresse	Não tenho estresse	5
	Subtotal	5
Concentração	Tumulto	1
	Muito barulho	1
	Bagunça	1
	Subtotal	3

Anexo L

Variáveis	n	Valor mínimo	Valor máximo	Média	Desvio Padrão
Escore de sintomas físicos	268	0	20	6,57	4,763
Escore de sintomas psicológicos	268	0	18	6,99	4,319
Escore de alerta	268	0	11	3,73	2,390
Escore de resistência	268	0	12	4,84	3,084
Escore de exaustão	268	0	16	4,99	3,934
Alerta padronizado	166	0	56	5,11	11,429
Resistência padronizada	166	8	75	31,70	17,905
Exaustão padronizada	166	0	53	7,01	12,254
Sintomas físicos padronizados	164	8	80	39,65	16,449
Sintomas psicológicos padronizados	165	20	100	58,85	20,405
Determinação	236	17	46	34,40	5,609
Responsabilidade	240	16	50	38,08	6,502
Independência	246	16	37	27,07	4,709
Autoconhecimento	248	12	34	24,22	4,008
Conhecimento da realidade	242	18	43	31,50	4,536
Maturidade para a escolha	200	116	194	155,23	16,320
Apoio emocional (materno)	253	8	35	28,87	5,468
Controle punitivo (materno)	249	4	20	11,76	4,099
Incentivo à autonomia (materno)	253	4	20	15,55	3,576
Intrusividade (materna)	251	4	20	11,02	3,786
Supervisão do comportamento (materna)	251	5	20	16,20	3,420
Cobrança da responsabilidade (materna)	260	4	20	16,88	3,127
Apoio emocional (paterno)	230	7	35	25,72	6,721
Controle punitivo (paterno)	228	4	20	10,93	3,948
Incentivo à autonomia (paterno)	230	4	20	15,10	3,607
Intrusividade (paterna)	229	4	20	8,79	3,315
Supervisão do comportamento (paterna)	228	4	20	14,75	4,178
Cobrança da responsabilidade (paterna)	237	4	20	15,05	4,189
Apoio emocional (total)	229	15	70	54,72	10,995
Controle punitivo (total)	228	8	40	22,64	7,596
Incentivo à autonomia (total)	230	9	40	30,58	6,616
Intrusividade (total)	227	8	40	19,79	5,923
Supervisão do comportamento (total)	227	9	40	31,03	7,008
Cobrança da responsabilidade (total)	237	11	40	31,89	6,426
Envolvimento - pai	226	8	40	28,97	8,407
Envolvimento - mãe	243	9	40	32,63	6,719
Envolvimento - pai e mãe	224	17	80	61,64	13,502
Regras e monitoria - pai	235	4	20	14,97	4,348
Regras e monitoria - mãe	255	6	20	16,98	3,028
Regras e monitoria - pai e mãe	235	11	40	31,94	6,520
Punição - Pai	234	3	14	3,78	1,738
Punição - Mãe	250	3	14	3,88	1,894
Punição - pai e mãe	232	6	28	7,68	3,376

Variáveis	n	Valor mínimo	Valor máximo	Média	Desvio Padrão
Comunicação positiva - pai	224	3	15	8,17	3,456
Comunicação positiva - mãe	243	3	15	10,26	3,599
Comunicação positiva - pai e mãe	223	6	30	18,53	6,004
Comunicação negativa - pai	226	5	25	10,16	4,576
Comunicação negativa - mãe	244	5	25	11,15	4,548
Comunicação negativa - pai e mãe	226	10	47	21,33	7,778
Modelo - pai	229	3	15	10,78	3,110
Modelo - mãe	247	4	15	11,48	2,675
Modelo - pai e mãe	229	8	30	22,27	5,170
Sentimento do filho - pai	228	5	25	20,34	5,626
Sentimento do filho - mãe	246	9	75	22,28	5,027
Sentimento do filho - pai e mãe	226	14	100	42,57	9,058
Clima conjugal positivo - pai	213	5	25	15,75	5,920
Clima conjugal positivo - mãe	221	5	25	15,44	6,063
Clima conjugal positivo - pai e mãe	212	8	40	24,66	9,491
Clima conjugal negativo - pai	228	4	20	7,73	3,820
Clima conjugal negativo - mãe	242	4	20	8,07	4,207
Clima conjugal negativo - pai e mãe	227	8	40	15,94	7,792
Total positivo (pai)	205	37	159	116,00	27,832
Total positivo (mãe)	212	47	181	108,88	20,438
Total positivo	200	80	291	200,97	41,568
Total negativo (pai)	225	12	52	21,65	7,919
Total negativo (mãe)	237	12	56	23,10	8,567
Total negativo	222	24	102	44,94	15,258

Anexo N

Correlações intra Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF)

		Envolvimento - pai	Envolvimento - mãe	Regras e monitoria - pai	Regras e monitoria - mãe	Punição - Pai	Punição - Mãe	Comunicação positiva - pai	Comunicação positiva - mãe	Comunicação negativa - pai	Comunicação negativa - mãe	Modelo - pai	Modelo - mãe	Sentimento do filho - pai	Sentimento do filho - mãe	Clima conjugal positivo - pai	Clima conjugal positivo - mãe	Clima conjugal negativo - pai	Clima conjugal negativo - mãe
Envolvimento - pai	r	1,603(**),715(**),350(**)				0,012	-0,076,667(**),353(**)	-0,103,260(**),744(**),377(**),800(**),359(**),590(**),558(**)	-0,121,-,132(*)										
	P	0,000	0,000	0,000	0,859	0,261	0,000	0,000	0,126	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,070	0,049
Envolvimento - mãe	r	,603(**)	1,362(**),554(**)			-0,099,251(**),395(**),610(**)	,215(**),517(**),472(**),632(**),406(**),593(**),419(**),401(**)	,195(**),211(**)											
	P	0,000	0,000	0,000	0,141	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,003	0,001
Regras e monitoria - pai	r	,715(**),362(**)		1,546(**)		0,083	-0,017,536(**),207(**)	,141(*)-,155(*)	,701(**),300(**),706(**),210(**),553(**),543(**)	0,026	-0,022								
	P	0,000	0,000	0,000	0,205	0,802	0,000	0,002	0,034	0,020	0,000	0,000	0,000	0,002	0,000	0,000	0,000	0,700	0,743
Regras e monitoria - mãe	r	,350(**),554(**),546(**)			1	-0,021	-0,112,253(**),483(**)	-0,065,270(**),351(**),443(**),276(**),409(**),316(**),317(**)	-0,088	-0,112									
	P	0,000	0,000	0,000	0,751	0,078	0,000	0,000	0,332	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,188	0,082
Punição - Pai	r	0,012	-0,099	0,083	-0,021	1,680(**)	0,060	-0,029,402(**),212(**)	-0,037	-0,032	-0,067	-0,035	-0,042	-0,048	,161(*)	,136(*)			
	P	0,859	0,141	0,205	0,751	0,000	0,377	0,667	0,000	0,001	0,578	0,636	0,316	0,599	0,541	0,488	0,015	0,041	
Punição - Mãe	r	-0,076,251(**)	-0,017	-0,112,680(**)		1	-0,030	-0,122,214(**),397(**)-,155(*)-,161(*)	-0,100,210(**),197(**),203(**),222(**),248(**)										
	P	0,261	0,000	0,802	0,078	0,000	0,660	0,059	0,001	0,000	0,020	0,012	0,135	0,001	0,004	0,003	0,001	0,000	
Comunicação positiva - pai	r	,667(**),395(**),536(**),253(**)			0,060	-0,030	1,466(**)	-0,028,-,147(*)	,570(**),317(**),514(**),205(**),482(**),471(**)	-0,078	-0,100								
	P	0,000	0,000	0,000	0,000	0,377	0,660	0,000	0,673	0,029	0,000	0,000	0,000	0,002	0,000	0,000	0,000	0,243	0,139
Comunicação positiva - mãe	r	,353(**),610(**),207(**),483(**)			-0,029	-0,122,466(**)	1,217(**),387(**),294(**),465(**),187(**),377(**),251(**),267(**)	-0,127,-,161(*)											
	P	0,000	0,000	0,002	0,000	0,667	0,059	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,005	0,000	0,000	0,000	0,058	0,013	
Comunicação negativa - pai	r	-0,103,215(**),141(*)	-0,065,402(**),214(**)	-0,028,217(**)		1,474(**)	-0,054	-0,108	-0,120,190(**)	-0,076	-0,083,445(**),420(**)								
	P	0,126	0,001	0,034	0,332	0,000	0,001	0,673	0,001	0,000	0,423	0,105	0,073	0,004	0,268	0,232	0,000	0,000	
Comunicação negativa - mãe	r	,260(**),517(**)-,155(*)	,270(**),212(**),397(**)-,147(*)	,387(**),474(**)		1,274(**),471(**),252(**),429(**),308(**),332(**),447(**),510(**)													
	P	0,000	0,000	0,020	0,000	0,001	0,000	0,029	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Modelo - pai	r	,744(**),472(**),701(**),351(**)			-0,037,-,155(*)	,570(**),294(**)	-0,054,274(**)	1,614(**),775(**),389(**),636(**),626(**)-,150(*)	,195(**)										
	P	0,000	0,000	0,000	0,000	0,578	0,020	0,000	0,000	0,423	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,024	0,003
Modelo - mãe	r	,377(**),632(**),300(**),443(**)			-0,032,-,161(*)	,317(**),465(**)	-0,108,471(**),614(**)	1,333(**),546(**),428(**),446(**),267(**),299(**)											
	P	0,000	0,000	0,000	0,000	0,636	0,012	0,000	0,000	0,105	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Sentimento do filho - pai	r	,800(**),406(**),706(**),276(**)			-0,067	-0,100,514(**),187(**)	-0,120,252(**),775(**),333(**)	1,409(**),614(**),619(**),177(**),216(**)											
	P	0,000	0,000	0,000	0,000	0,316	0,135	0,000	0,005	0,073	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,008	0,001
Sentimento do filho - mãe	r	,359(**),593(**),210(**),409(**)			-0,035,210(**),205(**),377(**)	,190(**),429(**),389(**),546(**),409(**)	1,377(**),386(**),196(**),221(**)												
	P	0,000	0,000	0,002	0,000	0,599	0,001	0,002	0,000	0,004	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,003	0,001
Clima conjugal positivo - pai	r	,590(**),419(**),553(**),316(**)			-0,042,197(**),482(**),251(**)	-0,076,308(**),636(**),428(**),614(**),377(**)	1,983(**),323(**),380(**)												
	P	0,000	0,000	0,000	0,000	0,541	0,004	0,000	0,000	0,268	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Clima conjugal positivo - mãe	r	,558(**),401(**),543(**),317(**)			-0,048,203(**),471(**),267(**)	-0,083,332(**),626(**),446(**),619(**),386(**),983(**)	1,318(**),368(**)												
	P	0,000	0,000	0,000	0,000	0,488	0,003	0,000	0,000	0,232	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Clima conjugal negativo - pai	r	-0,121,195(**)	0,026	-0,088,161(*)	,222(**)	-0,078	-0,127,445(**),447(**)-,150(*)	,267(**),177(**),196(**),323(**),318(**)	1,918(**)										
	P	0,070	0,003	0,700	0,188	0,015	0,001	0,243	0,058	0,000	0,000	0,024	0,000	0,008	0,003	0,000	0,000	0,000	0,000
Clima conjugal negativo - mãe	r	-,132(*)	,211(**)	-0,022	-0,112,136(*)	,248(**)	-0,100,-,161(*)	,420(**),510(**)	,195(**),299(**),216(**),221(**),380(**),368(**),918(**)	1									
	P	0,049	0,001	0,743	0,082	0,041	0,000	0,139	0,013	0,000	0,000	0,003	0,000	0,001	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000

